

AS CIDADES OCULTAS DENTRO DE SI-

ECOS DO VALE DO REGINALDO,
MACEIÓ, ALAGOAS.



ANA KAROLINA BARBOSA CORADO CARNEIRO

UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS
FACULDADE DE ARQUITETURA E URBANISMO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARQUITETURA E URBANISMO
DINÂMICAS DO ESPAÇO HABITADO

ANA KAROLINA BARBOSA CORADO CARNEIRO

**As cidades ocultas dentro de si:
ecos do Vale do Reginaldo, Maceió, Alagoas.**

MACEIÓ

2021

ANA KAROLINA BARBOSA CORADO CARNEIRO

**As cidades ocultas dentro de si:
ecos do Vale do Reginaldo, Maceió, Alagoas.**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo – Dinâmicas do Espaço Habitado, da Universidade Federal de Alagoas, como requisito para obtenção do título de Mestre.

Área de concentração: Arquitetura e Urbanismo.

Orientadora: Prof.^a Dra. Maria Angélica da Silva.

MACEIÓ

2021

Catálogo na Fonte
Universidade Federal de Alagoas
Biblioteca Central
Divisão de Tratamento Técnico

Bibliotecário: Marcelino de Carvalho Freitas Neto – CRB-4 – 1767

C289c Carneiro, Ana Karolina Barbosa Corado.

As cidades ocultas dentro de si : ecos do Vale do Reginaldo, Maceió, Alagoas /
Ana Karolina Barbosa Corado Carneiro. – 2021.

206 f. : il. color.

Orientadora: Maria Angélica da Silva.

Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) – Universidade Federal de
Alagoas. Faculdade de Arquitetura e Urbanismo. Maceió, 2021.

Bibliografia: f. 201-204.

Anexo: f. 205-206.

1. Pobreza urbana. 2. Método sensório-experimental. 3. Grotas - Maceió(AL).
4. Limiares. 5. Vendedores ambulantes. I. Título.

CDU: 72 (813.5)-058.34

AGRADECIMENTOS

Agradeço aos moradores do Vale do Reginaldo que gentilmente compartilharam sobre seu lugar e suas vidas, fazendo deste trabalho possível. Principalmente, José Marcos da Silva e Silvia Isabel Araújo da Silva, que sempre me acolheram de braços abertos.

Também não tenho palavras para agradecer a minha orientadora Maria Angélica da Silva, que desde o início abraçou este trabalho e o fez germinar junto a mim. Nada disso seria possível sem ela.

Meu muito obrigada à Juliana Michaello Macêdo Dias, Débora de Barros Cavalcanti Fonseca e Thaís Troncon Rosa por aceitarem compor a banca deste trabalho e pelas significativas contribuições feitas a ele.

Também agradeço aos mestres e amigos pelos valorosos aprendizados e lacunas abertas.

Por fim, agradeço aos meus pais, Kátia e Fernando, pelos esforços em me garantir oportunidade de estudo e pela força, coragem e sabedoria que me trouxeram até aqui. Aos meus avós, Liege, Jeferson, Maria de Lourdes e Ademilson, por todo amor e apoio. E ao meu amor, Thaís, por segurar a minha mão nos momentos fáceis e difíceis.

DEDICATÓRIA

Para Alexandre, *in memoriam*.

Você sempre me pedia para falar das cores que apareciam no caminho sem aceitar respostas certas, encorajando perceber sua abundância e impermanência no contato com a luz. Ensinou-me tanto sobre a vida que foi difícil de aceitar que um dia tenha decidido se desfazer dela. Mas para quem nunca encontrou sentido em reducionismos, morrer a voos livres não poderia mesmo significar a completa ausência de existência. E já que nem o amor e nem o luto possuem regras, desejo que este trabalho possa de alguma maneira caminhar junto ao teu sonho antigo de fazer do mundo um lugar menos desigual.

RESUMO

Maceió tem seu solo escavado por capilares de inúmeras lagoas e rios, o que provoca a formação de grotas, vales profundos que penetram as partes altas do planalto e que por vezes têm como forma de apropriação urbana, a ocupação por favelas. Neste contexto, a dissertação investiga comunidades inseridas no Vale do Reginaldo, para buscar compreender sobre estes modos de vida que se encontram abafados de diversas formas na cidade, com o uso do método sensório-experimental como uma possibilidade de deslocar as ferramentas mais usuais em busca de evidenciar outros mecanismos e outras metas de pesquisa. Ao aproximar-se do Vale, percebe-se conformações que perturbam seus territórios, possibilitando que fronteiras se tornem limiares, passagens e desvios, promovendo entendimentos da dimensão material e temporal que esborram para a malha urbana da cidade. Neste processo, foi possível descobrir a sonoridade que existe naquele espaço não apenas como um canal perceptivo, mas como uma forma de se construir materialmente os lugares, e como possibilidade de desenvolver estratégias de contato e sobrevivência. Ao buscar alcançar o corpo da grota dentro e fora de suas demarcações, compreende-se o forte tangenciamento entre o corpo e o território e conclui-se que atentar para os dispositivos utilizados para a sobrevivência dos considerados marginais, indicam um caminho de reflexão possível para desconstruir a forma com que usualmente se percebe e estuda a dimensão urbana, inclusive dentro da academia, amortecendo as fronteiras que sustentam seus abafamentos, e fortalecendo a ideia da contribuição de um urbano, que é em essência maleável, indisciplinado, potente e movente.

Palavras-chave: Pobreza urbana; Método sensório-experimental; Grotas; Limiares; Ambulantes.

ABSTRACT

Maceió has its soil excavated by tributaries of countless lagoons and rivers, which causes the formation of grotas, valleys that go deep into the plateau of the city and, sometimes, are urban appropriated by the population in the form of favelas. In this context, the dissertation investigates the communities located in the Vale do Reginaldo and their ways of life suffocated in many forms by the city, using the sensory-experimental method as a possibility to deslocate the most usual tools in the endeavor to highlight other mechanisms and research goals. Approaching the Vale, it is observed conformations that disturb its territories, enabling borders to become thresholds, passages and detours, resulting in understandings of the material and temporal dimensions that overflows on the urban fabric of the city. In this process, it was possible to perceive the sonority of that space not only as a sensorial channel, but also as a form to materially build the places and as a possibility to develop strategies of contact and survival. When trying to reach the body of the Grotas, in and out of its demarcations, it is visualized the strong tangency between body and territory and it is concluded that turning the attention to the instruments used in the survival of those considered marginals, indicates a possible path of reflexion to deconstruct the way which the urban dimension is usually noticed and studied, especially in the Academy, softening the borders that supports their suffocation, and fortifying the idea of the contribution of an urban, which in essence is malleable, undisciplined, potent and moving.

Keywords: Urban poverty; Sensory-experimental method; Grotas; Thresholds; Street vendors.

LISTA DE ILUSTRAÇÃO

Figura 1: Registro do processo de construção da pracinha na gruta da Alegria, Benedito Bentes - Maceió/AL. produzido pela autora, 2018.	25
Figura 2: Registro do banco encontrado próximo a pocilga na gruta da Alegria, Benedito Bentes - Maceió/AL. produzido pela autora, 2018.	25
Figura 3: Cruzamento cartográfico. Produzido pela autora, 2018.	28
Figura 4: Localização e mapeamento das águas em Maceió. Produzido pela autora, 2021, utilizando a base cartográfica das zonas de interesse ambiental e paisagístico da Prefeitura Municipal de Maceió, 2005.....	47
Figura 5: Cartografia de Maceió. Produzido pela autora, 2021.	49
Figura 6: Print da página do Google imagens ao buscar por Maceió. Disponível em: https://www.google.com/search?q=macei%C3%B3&sxsrf=ALeKk03yD_EEpo0VOEEcy-Fx9fb9PcU3uw:1629134601545&source=Inms&tbm=isch&sa=X&ved=2ahUKEwic-typh7byAhWiqJUCHV4iDtqQ_AUoA3oECAEQBQ&biw . Acessado em: agosto de 2021.	52
Figura 7: Fotomontagem, praia da Ponta Verde em Maceió. Produzido pela autora, 2021.	53

Figura 8: Fotomontagem a partir da grota da Alegria (2017) e da encosta do Bebedouro (2019), Maceió. Produzido pela autora, 2021.	56
Figuras 9, 10, 11 e 12: Registro da entrada na grota da Alegria, Benedito Bentes – Maceió/AL. Produzido pela autora, 2018.	58
Figura 10: Cartografia das favelas e grotas em Maceió. Produzido pela autora (2018), com base no PLHIS (2010).	60
Figura 11: PROGRAMA DAS NAÇÕES UNIDAS PARA OS ASSENTAMENTOS HUMANOS. Relatório contendo conjunto de dados atualizados sobre grotas. Maceió, 2019.	61
Figura 12: Casa atingida por um deslizamento de barreira, no fundo da Grota da Alegria, Benedito Bentes - Maceió. Fonte: Karina Tenório, 2018.	65
Figura 13: Localização da área de estudo identificada pelo PLHIS (2010) como Reginaldo I e II, comunidades do Vale do Reginaldo - Maceió, AL. Produzido pela autora, 2021.	68
Figura 14: Prints publicação postada pelo @babados_reginaldo em 06 de abril de 2021, e publicações postadas pelo @reginaldo_milgrau em 26 de agosto de 2021, respectivamente. Produzido pela autora, 2021.	79
Figura 15: Registro da terceira ponte do Reginaldo, Maceió - AL. Produzido pela autora, 2018.	80
Figura 16: Cena do clipe Criminal City - A Banca Foda-se. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=xOU3PRIjKEg	81
Figura 17: Mapa do trecho em análise. Produzido pela autora, 2021.	82

Figura 18: Corte longitudinal sobre as adjacências da primeira ponte do Reginaldo, que apresentou 10 metros de altitude a menos se comparado ao corte abaixo, nas mediações da Afrânio Lages, representando o Reginaldo II. Produzido pela autora, 2020 com auxílio do software Google Earth.....	84
Figura 19: Corte longitudinal sobre as adjacências da ponte Afrânio Lages, que apresentou 10 metros de altitude a mais se comparado ao corte acima, nas mediações da primeira ponte, representando o Reginaldo I. Produzido pela autora, 2020 com auxílio do software Google Earth.....	85
Figura 20: Fotomontagem cocheiras nas margens do canal Reginaldo, área da primeira ponte. Produzido pela autora, 2019.	92
<i>Figura 21: Fotomontagem pontes no Reginaldo. Produzido pela autora, 2021.....</i>	<i>94</i>
Figura 22: Mapa do trecho em análise, com foco na área primeira ponte. Produzido pela autora, 2021.....	96
Figura 23: Registro da primeira ponte, Vale do Reginaldo - Maceió -AL. Produzido pela autora, 2019.....	97
Figura 24: O busto de Diegues Júnior sinaliza o início da rua que leva o seu nome. À esquerda, vê-se a mesma rua pouco antes da primeira ponte, já no Vale do Reginaldo. Produzido pela autora, 2018.....	98
Figura 25: Cartografia da área referente a primeira ponte, Vale do Reginaldo - Maceió/AL. Produzido pela autora, 2020.	99
Figura 26: Imagem produzida pelo google Street View e adaptada pela autora, 2020.	101
Figura 27: Imagem produzida pelo google Street View, adaptada pela autora, 2020.	102

Figura 28: Fotomontagem antigo Cine Plaza, ruínas em seu interior e vista para a cúpula. Produzido pela autora, 2019.	103
Figura 29: Fotomontagem vendinha de frutas. Produzido pela autora, 2021.	105
Figura 30: Mapa do trecho em análise, com foco na área segunda ponte. Produzido pela autora, 2021.	106
Figura 31: Registro da segunda ponte, Vale do Reginaldo - Maceió/AL. Produzido pela autora, 2020.	107
Figura 32: Registro do Reginaldo abaixo do tabuleiro, e da Coreia acima. Produzido pela autora, 2018.	108
Figura 33: Registro da ladeira da Coreia, Vale do Reginaldo - Maceió/AL. Produzido pela autora, 2019.	110
Figura 34: Registro da ladeira da Coreia, Vale do Reginaldo - Maceió/AL. Produzido pela autora, 2019.	111
Figura 35: Registro da vista para o Reginaldo do terraço da residência de João no Jacintinho – Maceió/AL. Produzido pela autora, 2018.	112
Figura 36: Cartografia da área referente a segunda ponte, Vale do Reginaldo - Maceió/AL. Produzido pela autora, 2020.	113
Figura 37: Mapa do trecho em análise, com foco na área terceira ponte. Produzido pela autora, 2021.	116
Figura 38: Imagem produzida pelo Google Street View na terceira ponte, 2020.	117
Figura 39: Imagem produzida pelo Google Street View na área da terceira ponte, Vale do Reginaldo – Maceió/AL. 2020.	119

Figura 40: Campo de futebol e bar na área da terceira ponte, Vale do Reginaldo – Maceió/AL. Produzido pela autora, 2021.	120
Figura 41: Prints de fotografias tiradas pelos moradores e compartilhadas no Instagram. Pessoas usando o campinho na terceira ponte. Fonte: Babados Reginaldo. Produzido pela autora, 2021.	120
Figura 42: Apropriação para moradia, área da terceira ponte, Vale do Reginaldo – Maceió/AL. Produzido pela autora, 2021.	121
Figura 43:Apropriação para moradia, área da terceira ponte, Vale do Reginaldo – Maceió/AL. Produzido pela autora, 2021.	122
Figura 44: Fotomontagem vendinha de Solange, na área da terceira ponte, Vale do Reginaldo – Maceió/AL. Produzido pela autora, 2018.	124
Figura 45:Fotomontagem comércios e pessoas terceira ponte, Vale do Reginaldo, Maceió - AL. Produzido pela autora, 2021.....	126
Figura 46: Cartografia da área referente a terceira ponte, Vale do Reginaldo - Maceió/AL. Produzido pela autora, 2020.	127
Figura 47: Vista para a margem do Farol em frente ao campinho de futebol, na terceira ponte, Vale do Reginaldo, Maceió-AL. Produzido pela autora, 2021.....	128
Figura 48:Vista para a margem do Jacintinho em frente ao campinho de futebol, na terceira ponte, Vale do Reginaldo, Maceió-AL. Produzido pela autora, 2021.....	128
Figura 49: Mapa do trecho em análise, com foco na área quarta, quinta e sexta ponte. Produzido pela autora, 2021.....	132

Figura 50: Fotomontagem Ponte Avenida Afrânio Lages que passa suspensa ao Vale do Reginaldo - Maceió/AL. Produzido pela autora, 2019.	133
Figura 51: Cartografia da área referente a quarta ponte, Vale do Reginaldo - Maceió/AL. Produzido pela autora, 2020.	135
Figura 52: Escadaria na área da quarta ponte, com prolongamento no que seria a quinta ponte. Em seu topo encontra-se a borracharia em frente ao posto Leste Oeste. Imagem produzida pelo Google Street View 2020.	137
Figura 53: Borracharia próxima ao posto Leste Oeste, encontrada no topo da escadaria, área da quarta ponte. Imagem produzida pelo Google Street View 2020.	138
Figura 54: Pontos de serviços automotivos encontrados na outra extremidade da ponte avenida Afrânio Lages. Imagem produzida pelo Google Street View 2020.	138
Figura 55: Registro de uma moradia, que funcionava também como comércio vicinal. Vale do Reginaldo, área do Dantas. Vale do Reginaldo - Maceió/AL. Produzido pela autora, 2019.	139
Figura 56: Registro de uma vendinha localiza na área "pra lá da quarta ponte". Vale do Reginaldo - Maceió/AL. Produzido pela autora, 2019.	140
Figura 57: Registro do ponto de revenda e consertos de fogões na área da sexta ponte, Vale do Reginaldo. Produzido pela autora, 2020.	141

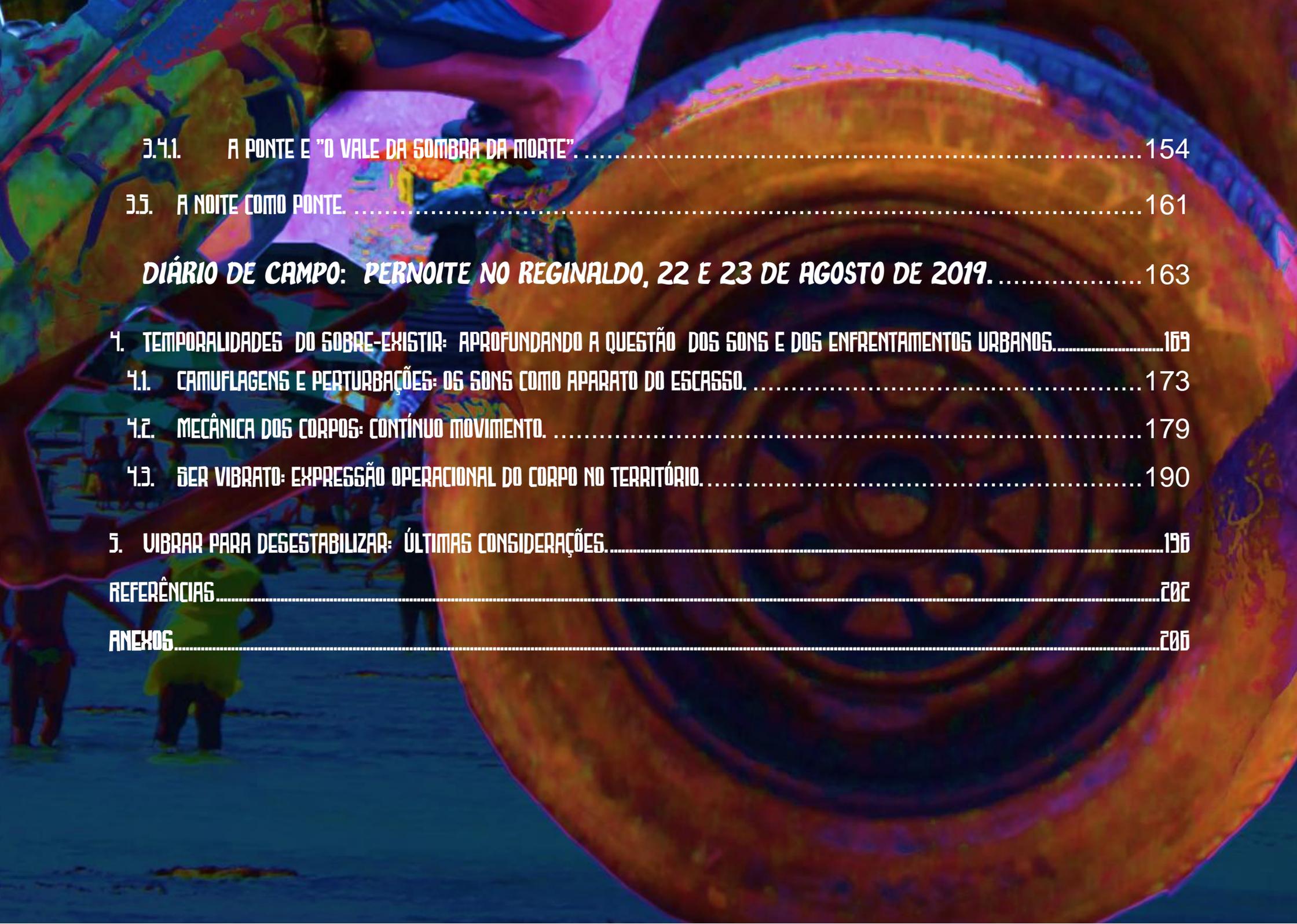
Figura 58: Registro do local que se destina a pocilgas, cocheiras e estábulos na área da quarta ponte. Vale do Reginaldo - Maceió/AL. Produzido pela autora, 2019.....	143
Figura 59: Fotomontagem carroceiro. Produzida pela autora, 2021.....	146
Figura 60: Área determinada pela prefeitura para estábulos e colcheias no fundo do Reginaldo, Maceió - AL. Produzido pela autora, 2021.	147
Figura 61:Área determinada pela prefeitura para estábulos e colcheias no fundo do Reginaldo, Maceió - AL. Produzido pela autora, 2021.	148
Figura 62:Área determinada pela prefeitura para estábulos e colcheias no fundo do Reginaldo, Maceió - AL. Produzido pela autora, 2021.	148
Figura 63: Final do Reginaldo, Vale do Reginaldo, Maceió - AL. Produzido pela autora, 2021.	149
Figura 64: Registro de porcos dormindo na entrada do mercadinho. Área da quarta ponte. Vale do Reginaldo - Maceió/AL. Produzido pela autora, 2019.....	151
Figura 65: Registro do local que se destina a pocilgas, cocheiras e estábulos na área da quarta ponte. Vale do Reginaldo - Maceió/AL. Produzido pela autora, 2019.....	152
Figura 66: Registro de moradia na área após a quarta ponte. Vale do Reginaldo - Maceió/AL. Produzido pela autora, 2019.	152

Figura 67: Registro da Afrânio Lages a partir do Vale do Reginaldo - Maceió/AL. Produzido pela autora, 2019.....	155
Figura 68: Homem tenta pular da Ponte do Reginaldo mesmo com grades de proteção, Fonte: Jornal Extra de Alagoas, 2020.....	156
Figura 69: Fotomontagem Abaixo da ponte Afrânio Lages. Produzido pela autora, 2021.....	158
Figura 70: Fotomontagem noite no Reginaldo. Produzido pela autora, 2021.....	161
Figura 71: Registro do reflexo do sol nas folhagens, na manhã de 23 de agosto de 2019. Produzido pela autora, 2019.	165
Figura 72: Mensagem em porta do ônibus, Maceió-AL. Produzido pela autora, 2019.	171
Figura 73: Fotomontagem janela de casa. Produzido pela autora, 2021.	173
Figura 74: Diagrama com os registros da data e hora em que as sonoridades de ambulantes e carroceiros foram percebidas dentro da minha casa, no bairro da Ponta Verde, Maceió – AL. Produzido pela autora, 2020.....	177
Figura 75: Registro do amolador. Produzido pela autora, 2021.	180
Figura 76: Registro vendedor de bolo. Produzido pela autora, 2020.....	181
Figura 77: Vendedor de macaxeira com carrinho de mão. Produzido pela autora, 2020.....	182
Figura 78: Vendedor de quebra-queixo e algodão doce. Produzido pela autora, 2020.....	184

Figura 79: Vendedor de quebra-queixo e algodão doce na praia da Jatiúca. Produzido pela autora, 2021.....	184
Figura 80: Registro de alguns carroceiros no bairro da Ponta Verde – Maceió/AL. Produzido pela autora, 2020.	185
Figura 81: Registro de carroceiro no Vale do Reginaldo – Maceió/AL. Produzido pela autora, 2019.	187
Figura 82: Registro de catador no Vale do Reginaldo – Maceió/AL. Produzido pela autora, 2019.	189
Figura 83: Comparação entre a representação da onda sonora e do perfil de elevação da cidade de Maceió. Produzido pela autora, 2021.	193
Figura 84: Fotomontagem ambulantes em diferentes lugares da cidade. Produzida pela autora, 2021.	195
Figura 85: Fotomontagem Maceió. Produzido pela autora, 2021.....	201

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	21
2. ABAFAMENTOS URBANOS: SUPERFÍCIES DE APAGAMENTO DA CIDADE.....	31
2.1. GESTOS QUE LATEJAM A CIDADE POBRE: MACEIÓ 'PARAÍSO DAS ÁGUAS'.....	45
2.2. TABULEIRO IRRIGADO E PAISAGENS INVISÍVEIS: GROTAS, O QUE CIRCUNDA AS ÁGUAS.....	57
2.3. A VIA DO MEDO: PERCURSO ATÉ ÀS MARGENS.....	70
DIÁRIO DE CAMPO: PRIMEIRO ACESSO AO REGINALDO, 28 DE JULHO DE 2018.....	72
3. POSSIBILIDADES NO LIMIAR: AS PONTES E A NOITE.....	75
3.1. O ALCANCE DA PRIMEIRA PONTE: APROPRIAÇÕES DO RECONHECIDO.....	96
3.2. EM TORNO DA SEGUNDA PONTE: A COREIA, DIÁLOGO E DISPUTA.....	106
3.3. A TERCEIRA PONTE: RUÍNA, MEMÓRIA E REUSO.....	116
3.4. QUARTA, QUINTA E SEXTA PONTE: ANIMÁLIA, LABOR E A MULTIPLICAÇÃO DOS FUNDOS.....	132



3.4.1.	A PONTE E "O VALE DA SOMBRA DA MORTE".....	154
3.5.	A NOITE COMO PONTE.....	161
	DIÁRIO DE CAMPO: PERNOITE NO REGINALDO, 22 E 23 DE AGOSTO DE 2019.....	163
4.	TEMPORALIDADES DO SOBRE-EXISTIR: APROFUNDANDO A QUESTÃO DOS SONS E DOS ENFRENTAMENTOS URBANOS.....	169
4.1.	CAMUFLAGENS E PERTURBAÇÕES: OS SONS COMO APARATO DO ESCASSO.....	173
4.2.	MECÂNICA DOS CORPOS: CONTÍNUO MOVIMENTO.....	179
4.3.	SER VIBRATO: EXPRESSÃO OPERACIONAL DO CORPO NO TERRITÓRIO.....	190
5.	VIBRAR PARA DESESTABILIZAR: ÚLTIMAS CONSIDERAÇÕES.....	196
	REFERÊNCIAS.....	202
	ANEXOS.....	206

1. INTRODUÇÃO

Este trabalho parte do anseio em compreender a cidade que emerge nas cavidades, na interlocução com territórios formados em fundos de grotas que latejam a pobreza e conformam favelas em Maceió, Alagoas. Entende-se que nas margens¹ sedimentam-se sentidos escusos, decorrentes da imposição pela ordem hegemônica vigente. Assim, ao convocar o encontro com este limiar pela prática do desvio, no permitir que a vivência proporciona, ocorre um dilatar das compreensões e deslocamentos possíveis de perceber a cidade. Para

¹ Neste trabalho ao me referir as “margens”, remeto definição de Rosa. Estas não necessariamente encontram-se fisicamente distantes do centro da cidade mas “são reiteradamente invisibilizadas, deslegitimadas ou criminalizadas nas narrativas de modernização que delineiam historicamente o Estado e suas territorializações” (ROSA, 2018, p. 186). E “podem ser políticas, religiosas, sociais, administrativas, culturais – sem que se recubram de forma a criar espaços fixos, homogêneos, unificados e submetidos às mesmas clivagens”. (ROSA, 2014, p.24).

isso, o corpo urbano é posto como o campo empírico do saber científico, conduzindo abertamente a lógicas e dinâmicas que confluem de seus espaços.

Tal posicionamento que ancora esta pesquisa de mestrado, vai de encontro à perspectiva de uma cidade composta por espaços dicotômicos e apartados uns dos outros, uma concepção fragmentária baseada em categorias que ainda hoje estruturam física e simbolicamente a cidade.² Segundo Rosa (2018, p.179) nas favelas

² As favelas são expressões complexas que “estilhaçam o relativamente homogêneo léxico teórico e de análise da cidade no mundo ocidental.” (FORTUNA, 2009, p.84). “A nossa convicção urbana inclui também o inverso de Babel: o mito da cidade por excelência – Atenas -, a *polis* grega, berço da civilização, da ordem urbana, dos direitos públicos, mas também da ética, das artes e da estética. Certamente romantizada, a imagem de harmonia que usualmente se reproduz à semelhança da mitificada urbanidade de Atenas tem o efeito instrumental de permitir equacionar a desorganização, o caos, a insegurança e, por fim também, a possibilidade histórica

essas demarcações são acentuadas, e levam os espaços de pobreza a serem interpretados como a mais típica manifestação da “não-integração” ou exclusão à cidade e à “sociedade urbana”.

Além disso, apesar da grande diversidade que alcança em toda a extensão do país, em suas variações naturais e identitárias, a pobreza é uma crescente dentro da realidade das cidades brasileiras, e um fator comum base de sua organização. De acordo com o IBGE (2020), o Brasil contém cerca de 13.151 Aglomerados Subnormais³, que se distribuem pelos 734 Municípios, o que corresponde a todos os Estados e o Distrito Federal, e juntos totalizam cerca de 5.127.747 domicílios.

Mesmo diante dessa crescente apropriação físico-territorial que a pobreza assume, suas particularidades permanecem dissimuladas nos contextos sociais, econômicos, culturais e políticos, onde geralmente são tratadas como patologias da cidade que devem ser vencidas pelo

desenvolvimento, o que pode ser perceptível na maneira como são identificadas nessa inserção. Há uma polarização entre as dimensões da cidade considerada formal e informal, que determina seus significados: a primeira como sendo a parcela que detém ou pelo menos deveria receber uma urbanização de forma legal, com parcelamento do solo controlado e planejado, e antagônica à concepção da segunda, denominada de assentamentos espontâneos ou aglomerados subnormais, que significam próximo do normal, porém abaixo ou aquém dele. No entanto, ao observar a porção das áreas pobres que se dispõem na cidade, nota-se que muitas vezes as parcelas ditas informais ultrapassam em termos de proporção as áreas ocupadas dentro da formalidade, o que acentua a demanda por um outro olhar para as nomenclaturas estabelecidas, bem como para a compreensão de suas lógicas e formações, como é o caso da cidade de Maceió, Alagoas.

de uma *outra* cidade por construir. Esta lógica dicotomizada de pensar a cidade impede-nos de a escrutinar com rigor. Reside aí uma das principais razões porque temos dificuldade em retratar a cidade na sua globalidade, de a pensar e de imaginar de modo criativo em resultado desta dualidade intrínseca ao nosso pensamento sobre a cidade, a esta luta de titãs entre poderosas imagens-signo que dilaceram dicotomicamente o nosso imaginário urbano e que, por isso, alguns anunciam apressadamente o seu colapso. (FORTUNA, 2009, p.85).

³ De acordo com o Manual de Delimitação dos Setores, o Censo 2010 classifica como aglomerado subnormal “cada conjunto constituído de, no mínimo, 51 unidades habitacionais carentes, em sua maioria, de serviços públicos essenciais, ocupando ou tendo ocupado, até período recente, terreno de propriedade alheia (pública ou particular) e estando dispostas, em geral, de forma desordenada e densa”. Entretanto, este termo – subnormal - não será incorporado ao presente estudo por não ser considerado adequado.

Ao observar a Síntese de Indicadores Sociais 2020, divulgada pelo IBGE (2020), Alagoas possui o terceiro maior percentual de extrema pobreza do Brasil, estando atrás apenas do Maranhão (20,4%) e do Acre (16,1%). De acordo com os números, a pobreza atinge cerca de 1,57 milhão de alagoanos, valor correspondente a 47,2% da população.⁴

Em Maceió, esta pobreza encontra-se majoritariamente em fundos de vales e grotas, distribuídos por toda a extensão do tabuleiro da cidade, ou seja, a sua parte alta, que caracterizam uma particularidade de suas favelas e enredam outros abafamentos a essas paisagens. A pesquisa se desenvolve com a finalidade de compreender e analisar aspectos da lógica que as conformam, sem desconsiderar o

⁴ “Ao se considerar a pobreza extrema, entre as capitais regionais nordestinas, Maceió é a segunda com maior proporção de pessoas que possuíam um rendimento domiciliar per capita inferior a R\$ 70,00 [por mês] – ou seja, é a segunda maior capital regional nordestina em termos de pessoas vivendo em situação de extrema pobreza, sendo superada apenas por João Pessoa.” (IPEA, 2013, p.139).

⁵ O Projeto de Salvaguarda do Patrimônio Imaterial em Alagoas ocorreu entre 2015 e 2016 e seguiu a metodologia do INRC (Inventário Nacional de Referências Culturais) proposta pelo IPHAN, que se destina a produzir conhecimento sobre o patrimônio imaterial brasileiro. Minha participação, foi possível através do Grupo de Pesquisa Estudos da Paisagem, que investigou 48 municípios entre o litoral, zona da mata e sertão de Alagoas. Acessar o interior do Estado, inscrito ao contexto de escassez, me proporcionou um abrir de poros para o germinar de apreensões, muito

desrespeito à existência humana que elas expressam. Aqui, os territórios de pobreza são colocados não como um objeto de estudo, mas como a perspectiva de construção do pensamento e reflexões acerca da cidade, sendo levados ao centro da interlocução.

A postura que inspira este estudo decorre de experiências anteriores e distintas. Estas tiveram início em 2015, através da participação no Projeto de Salvaguarda do Patrimônio Imaterial em Alagoas⁵; continuou com o envolvimento na fundação da ENACTUS UFAL⁶ no mesmo ano; em 2016, prosseguiu com a participação no

além das acadêmicas - dentre intelectuais, sensoriais e humanas -, acerca de outras realidades urbanas, sociais e econômicas até então não acessadas.

⁶ A ENACTUS é uma organização sem fins lucrativos responsável por desenvolver e implementar projetos que proporcionem melhoras na qualidade de vida de comunidades. Funciona como uma rede de estudantes, e líderes executivos e acadêmicos, que fornecem uma plataforma para os universitários criarem projetos de desenvolvimento comunitário, e se faz presente em 37 países ao redor do mundo. O projeto inicial foi desenvolvido na COOPLUM – cooperativa de resíduos sólidos em Maceió, e implementado para otimizar o funcionamento da cooperativa através do uso e disposição dos equipamentos, gerando o aumento dos lucros. Ao longo do tempo, durante vários encontros semanais foi possível estabelecer uma relação de confiança, elo determinante para o sucesso da ação.

Concurso Til Tradicional 2016⁷; e se encaminhou com o meu trabalho de conclusão de curso em 2018, quando também passei a integrar o Coletivo Urbano AQUI FORA⁸.

Tais experiências produziram conhecimentos diversos, e por vezes, desestabilizaram compreensões construídas inclusive durante a formação acadêmica em Arquitetura e Urbanismo. Apesar de terem direcionamentos distintos, essas aproximações fizeram germinar inquietações e questionamentos sobre os territórios de pobreza locais, bem como o papel e alcance do arquiteto e urbanista. Em meio a tantas políticas e soluções trazidas pelo meio científico e do empreendedorismo, estes aparentam não resolver efetivamente os hiatos de desigualdade que continuam a crescer e permanecem mascarados por entre documentos formais, canais de comunicação e nas paisagens urbanas.

⁷ A participação no Taller de Integración Latinoamericano. - Universidad de Morón, se deu com o projeto “Recanto Verde”, contemplado com a menção honrosa. O projeto era voltado para habitação social de uso misto e teve como preocupação relocalar uma parcela da comunidade da grotta do Bolão, para facilitar seu acesso e amenizar o impacto de relocação para áreas distantes do habitual. O projeto foi feito em colaboração com os então estudantes Alexandra Freitas e Daniel Aubert.

Foi a partir do meu Trabalho de Conclusão de Curso, realizado na grotta da Alegria⁹, que o interesse por compreender estes territórios se alargou, sendo este o maior responsável por alimentar os desdobramentos que aqui se inserem. O trabalho tinha como objetivo promover uma instalação no espaço em conjunto com seus moradores, afim de proporcionar uma melhora na qualidade de vida por via do lazer e convívio social. Como produto final, foi realizada a implantação de uma pracinha, a partir do reuso de materiais encontrados nas mediações ou doados pela liderança comunitária.

⁸ O AQUI FORA atua por meio de encontros para discussão sobre temas urbanos, intervenções em planejamento, assessoria técnica e criação de projetos de design e urbanos que visem o desenvolvimento da cidade e do meio ambiente natural a qual se insere. O Coletivo foi premiado com o 3º lugar no Prêmio de Gentileza Urbana de Maceió 2018 (IAB/AL).

⁹ Localizada no bairro periférico Benedito Bentes e considerada a maior comunidade de grotta de Maceió, Alagoas.



Figura 1: Registro do processo de construção da pracinha na grota da Alegria, Benedito Bentes - Maceió/AL. produzido pela autora, 2018.

Apesar de ter havido participação da comunidade, e de posteriormente alguns moradores terem relatado o quanto estavam satisfeitos com o espaço, este não durou por muito tempo no local. A lógica que circula por dentro desses territórios não é a mesma que discorre pela malha urbana “formal”, e não compreender isto fez com que não se pudesse antever que a presença de uma estrutura que estimulava o convívio e sociabilidade, ainda que fosse desejo de quem ali estava, atrairia outras dinâmicas que não eram de interesse da

população estabelecida no trecho. A estrutura atraiu grupos de outras localidades da grota da Alegria e passou a ser um ponto de comércio drogas, impedindo o acesso até mesmo dos moradores. Em reação, a vizinhança destruiu a pracinha. Alguns se apropriaram dos bancos, outros do pula-pula, mas esses elementos passaram a estar espalhados pelo lugar, afim de desmanchar a dinâmica que estava sendo instalada.



Figura 2: Registro do banco encontrado próximo a pocilga na grota da Alegria, Benedito Bentes - Maceió/AL. produzido pela autora, 2018.

Apesar de envolver a população através de metodologias participativas, questionários e entrevistas, se percebeu que as soluções comuns da cidade “formal” são constantemente referenciadas como o ideal (inclusive por quem não usufrui destas), e acabam por coibir a abertura de questionamentos à outras formulações que possam derivar do fulcro de suas lógicas de vida. Este ocorrido trouxe reflexões sobre a dimensão da pobreza e da multiplicação de espaços estabelecidos em fundos de vales e grotas dentro de Maceió. Outro aspecto seria o de pensar sobre a importância em se construir outras concepções teóricas, gestadas a partir das experiências físicas em campo, por vezes inexplorados ou acessados de forma superficial, para colaborar com a produção de outros discursos de se pensar a cidade, a partir do ponto de vista da pobreza.

¹⁰ Um programa do Governo de Alagoas em parceria com as Nações Unidas para Assentamentos Urbanos (ONU Habitat). Inicialmente a iniciativa se limitava à ação governamental e se destinava apenas a investir em melhorias na mobilidade urbana, como escadarias, pontilhões e passeios. (SEFAZ, 2020). Disponível em: <http://www.sefaz.al.gov.br/noticia/item/2729-programa-vida-nova-nas-grotas-vence-premio-internacional-de-cidades-inteligentes>. Com o início da pandemia do *Covid-19*, em 2020, o programa se desdobrou no projeto de menor escala, “Visão das Grotas”, este se trata de um diálogo mais transversal que dá visibilidade a jovens

Mesmo atualmente, com a existência de programas como o Vida Nova nas Grotas¹⁰ que promovem melhorias na infraestrutura destes espaços, e um aproximar com as pessoas de suas comunidades¹¹, ao que pôde-se perceber, não houve um aprofundamento sobre as lógicas utilizadas cotidianamente pelos moradores. Geralmente estes são apresentados a modelos que seguem as diretrizes existentes, o que dificulta uma aproximação com as lógicas próprias do lugar.

A dissertação parte do pressuposto de que cidade vai muito além do que se encontra estabelecido pelo urbanismo “oficial”, e pode ser encarada como um grande artefato, vivo, que conduz a compreensões diversas do pensamento crítico. A partir do corpo e das dinâmicas existentes no espaço, é possível perceber fraturas da

moradores locais. Contudo, o contexto da pandemia começou a dar margens para discussões acerca do lugar e seus desafios, gerando uma oportunidade de aprendizado dinâmico entre diferentes grotas e também para os que não fazem parte dessa realidade. Através da plataforma digital provida pelo programa, são realizadas conversas em formato de *lives*, que abrem espaço para as falas de seus moradores.

¹¹ Como exemplo, a oficina de Minecraft de desenhos de Espaços Públicos com participação de jovens da grota do Cigano, realizada pela ONU Habitat em 2018, na qual fui monitora voluntária.

concepção dos seus territórios, permitindo perfurar as perspectivas estabelecidas.

Nesta conjuntura, o Vale se evidencia ao observar as comunidades localizadas no seu início, identificadas como Reginaldo I e II e Travessa Niterói pelo PLHIS (2010).¹² Uma peculiaridade a destacar é ser possível notar sua proximidade com um dos pontos em que se cogita ter se dado a origem da cidade. Estudos como os de Alencar (2007), demonstram que o Vale do Reginaldo se encontra integrado ao desenvolvimento da cidade desde o século XIX. Acrescido a tais fatores, interessa ao estudo sua posição central na atual malha urbana, e o significativo número de pessoas que o habitam, sendo compreendido como um grande complexo em termos de extensão e uma referência desses borrões dentro da cidade.¹³

¹² Foi realizado um levantamento cruzando a base cartográfica do PLHIS (2010) para identificação das comunidades estabelecidas em grota, e o mapa de vetores de expansão desenvolvido por Verônica Cavalcanti em sua tese, que possibilitam identificar as primeiras estradas e o início de formação do sítio de Maceió.

¹³ Neste trabalho, quando utilizada a palavra vale, em minúsculo, esta se refere a sua formação geográfica de maneira abrangente. Já quando utilizada a palavra Vale, em maiúsculo, esta se refere especificamente ao Vale do Reginaldo, compreendendo-o como um lugar específico.



Figura 3: Cruzamento cartográfico. Produzido pela autora, 2018.

Dessa forma se estipulou como objetivo geral da pesquisa colaborar com a construção de métodos alternativos de estudo de tais áreas das cidades, ao observar os nexos que emergem da dimensão sensorial na aproximação com o Vale do Reginaldo.¹⁴

Além disso, buscou-se apresentar e analisar aspectos que surgem da aproximação com comunidades inseridas no Vale do Reginaldo, de forma a gerar perspectivas plurais de análise e entendimento sobre o território; problematizando seus limiares internos e externos, compreendendo sua relação com outras áreas da cidade pelas formas de sobrevivência e acesso à renda, a partir das lógicas, mecanismo, sentidos e organizações que se apresentam na evidência empírica. Também, buscou-se refletir sobre a potência que se abriga ao interrogar a cidade por dispositivos sensoriais, especialmente pela sonoridade.

¹⁴ “Pensar a partir da experiência, a partir e com o corpo, talvez possa ser pescar farrapos, recolher estilhaços e resíduos, sem pretender concluir, guardar a possibilidade da passagem. Assim, a produção de um certo conhecimento – para além das grandezas e magnitudes contabilizadas, para além da pura impossibilidade –

Assim, para o desenvolvimento desta dissertação, foram utilizadas como táticas de pesquisa uma: intensa produção de registros visuais e diálogos gravados em campo e a elaboração de produções autorais que evidenciam impressões de quem pesquisa e que colaboraram com o entendimento do território investigado. Estas estão presentes em colagens, vídeos, *hiperlinks*, e registros em diários de campo que serão apresentados no decorrer do documento¹⁵. Além disto, valeu-se do acesso a documentos de caráter técnico e produções teóricas sobre o tema das favelas e de contribuições metodológicas sobre as diferentes formas de pensar e narrar o urbanismo contemporâneo.

Buscando engajar forma e conteúdo, a diagramação foi pensada para invocar texturas, figuras e instrumentos encontrados durante a aproximação com o campo. Utilizada não apenas como elemento visual, mas a fim de colaborar com a produção de sentidos resgatados no território e marcados por vias distintas, no campo sensorial. Isso

supõe atravessar limiares, cruzar soleiras, por em suspensão. Em linguagem benjaminiana – aproximar pensamento e desvio.” (RIZEK, 2012, p.35)

¹⁵ Ao escrever, tento reconstruir a maneira como a cidade é percebida por mim, como a escuto, como a vejo ou como dialogo com ela, como um registro de uma “representação” para a construção do olhar e perceber a cidade.

também se fez através de link dispostos ao longo do trabalho, onde é possível acessar registros sonoros e visuais de distintas partes da cidade. Deste modo, ao mesmo tempo que a diagramação é parte do exercício de compreender, refletir e confeccionar sobre as práticas cotidianas e os territórios do Reginaldo, formulam uma nova representação, um entendimento que adere novos significados que se une à narrativa do lugar.

Durante as conversas, pouco se interferiu no encaminhamento das falas, pretendendo deixar as pessoas se expressarem da forma o mais livre possível, realizando intervenções apenas para estimular e nunca para induzir o depoimento. Essas falas são, portanto, um misto de recordação e análise, reconhecendo que os moradores possuem capacidade de observar e de analisar, melhor que ninguém, seus próprios lugares de existência. Para efeito desta dissertação, o diálogo se estabeleceu com dezenove pessoas que se fizeram determinantes

¹⁶ Essas consequências não necessariamente são operadas pela legislação ou por instituições. Englobam interesses, conflitos e disputas que operam na escala da convivência, muitas vezes presentes na própria vizinhança.

¹⁷ “O lado forte da etnografia não é pleitear a causa nativa dentro das estruturas vigentes de poder (esse pleito é uma causa importante, mas a etnografia, tal como a conheço, não é a arma mais adequada de luta). É, antes, provocar uma reconfiguração

para as compreensões que se seguem. Esses depoimentos se alternaram quanto a territorialidade local, moradores que tanto conheci andando pelo local de forma livre que foram contactados a partir de indicações dos residentes locais, e também contemplou antigos moradores, que atualmente residem em periferias vizinhas.

Como forma de preservar a integridade das pessoas citadas neste trabalho, ao me referir a estas, serão utilizados pseudônimos, entendendo haver distintas camadas inseridas nos discursos, que podem trazer consequências tanto para quem expõe, quanto para quem é citado no relato.¹⁶ Além disso, segundo Fonseca (2008, p. 42), não é a utilização dos nomes reais dos entrevistados que fará com que a pesquisa colabore direta ou indiretamente com a comunidade. O retorno, encontra-se na evidência de determinados contextos políticos e sociais que informam sua própria razão de ser.¹⁷

das próprias narrativas hegemônicas que tanto contribuem para a perpetuação dessas estruturas. Com a produção de cenas e subjetividades “outras”, isto é, que escapam às lógicas previstas da modernidade hegemônica, obriga o leitor a repensar seu próprio sistema de classificação. Neste sentido, a “reflexividade” – o que os franceses chamariam de *le Voyage par le détuor* – aquela análise que descreve os (assim construídos) “outros” justamente para jogar luz sobre a vida e ideias dos (assim construídos) semelhantes - não é mais um mero enfeite ou álibi politicamente correto

Antes mesmo de acessar o Reginaldo, conheci Rogério, uma figura de liderança, com forte atuação política e de produção da cultura popular no Estado, e João, corretor imobiliário que me acompanhou na primeira entrada ao interior da comunidade. Com o primeiro acesso, realizado em julho de 2018, essa rede de referências começou a ser construída. A entrada me proporcionou conhecer Madalena, na época com 65 anos, da qual despendo algumas impressões em meu diário de campo. E seguiu de diversas formas, como na segunda descida em 17 de agosto do mesmo ano, realizada com a companhia de outra discente no Programa de Pós Graduação em Arquitetura e Urbanismo¹⁸. Dessa vez, aguardávamos o encontro com Samuel, produtor musical de um rapper alagoano que também morava no Vale, que não apareceu. Ainda assim, foi possível conversar com Valéria, na época com 30 anos, que trabalhava no bar onde aguardávamos o encontro, e posteriormente circularmos de maneira mais livre e permissível ao próprio fluxo do

do texto. Torna-se o *sine qua non* de um texto etnográfico que faz sentido na atual conjuntura.” (Fonseca, 2008, pp. 46-47).

¹⁸ Marina Milito de Medeiros é doutoranda no Programa de Pós Graduação em Arquitetura e Urbanismo, FAU/UFAL (Bolsista CAPES), com orientação da professora Doutora Maria Angélica da Silva. Integrante do Grupo de Pesquisa Estudos da Paisagem (FAU/UFAL), investiga atualmente a relação entre arte, gênero e cidade, com foco em Maceió (AL).

lugar. Isso proporcionou o encontro com uma senhora por nome de Solange, na época com 59 anos, e seu marido Aldo, que se encontravam nas extensões do canal do riacho Reginaldo e sentava-se em frente a uma vendinha, onde ocorreu a conversa. No dia 24 de agosto de 2018, retomamos para uma nova tentativa de encontrar com Samuel, dessa vez bem sucedida, ele nos levou até André, na área mais ao fundo do Reginaldo.

Em 14 de Março de 2019, houve o diálogo com Rogério no bairro do Jacintinho¹⁹, e posteriormente, apenas retornei ao Vale em abril de 2019, quando ganho cada vez mais familiaridade - já que certas pessoas com quem conversava, já me identificavam, a partir da referência de outros depoentes, como o próprio Samuel que aparece posteriormente em conversa com Manoel, na época com 68 anos, seu pai.

¹⁹ Esta foi realizada por mim, Marina Milito de Medeiros e Thalita Carla de Lima Melo, que também é doutoranda no Programa de Pós Graduação em Arquitetura e Urbanismo UFAL, com orientação da professora Doutora Maria Angélica da Silva. Integrante do Grupo de Pesquisa Estudos da Paisagem (FAU/UFAL), investiga a cidade com foco nas questões raciais.

Em abril de 2019, retornei ao local por três vezes para distintos encontros. No dia 11, encontrei com Kátia, na época 22 anos, nascida e criada no Reginaldo, que se ofereceu para me apresentar Manoel, ao saber do trabalho que estava sendo realizado para esta dissertação. Em sequência no dia 12, acompanhada das discentes já citadas e através do convite de Rogério, participei do CONGROTAM (I Congresso de Grotas de Maceió) que reuniu moradores e líderes comunitários de distintas grotas, bem como acadêmicos e representantes políticos. No dia 25, encontramos com Manoel que se dispôs a caminhar conosco apresentando alguns aspectos do lugar. Neste circular fomos até à escola estadual Lions Maceió Pajuçara, nos dirigimos ao antigo PETI (Programa de Erradicação do Trabalho Infantil), a fim de conhecer um pouco de suas ações com a comunidade, e seguimos mais adiante, onde encontramos Tatiana, que além de artesã era ensaiadora de um coco de roda com crianças das redondezas. Além disso, através dele, fomos apresentadas ao Pedro, integrante da associação comunitária local, com na época 43 anos, que no dia 30, proporcionou um circuito por outras partes do vale. Em vários pontos do percurso foram realizadas conversas e gravações.

Em 11 de Maio de 2019, novamente a convite de Rogério, assisti ao lançamento do curta-metragem “Nas quebradas do boi”, que ocorreu no Cine Arte Pajuçara. O filme mostra a fusão criativa que eclode no Reginaldo, representando a arte da periferia de Maceió, indo desde o grupo musical Tequilla Bomb, ao grupo cultural “Boi Gavião”.

Nos dias 22 e 23 de agosto de 2019, acolhida por Kátia, retornei ao Reginaldo, dessa vez para pernoitar no local. Esta talvez tenha sido a mais importante experiência de campo que consolida esta dissertação. Atraída pelo interesse em compreender como o lugar opera no período noturno, propus um adentrar menos formal, dispensando entrevistas e optando por vivenciar as percepções que afloram do ambiente, e realizar seus registros por meio de gravações. Com o material produzido realizou-se um curta-metragem por nome de *A ova e o caviar*, apresentado nesta dissertação.

No dia 29 de novembro de 2019, penetrei o Vale de maneira mais independente. Sozinha, circulei até o local de encontro com Jeremias, nas mediações abaixo da ponte da Avenida José Afrânio Lages. Contato que só foi possível através da indicação da filha de Manoel, Shirley. A partir daí, com o início da pandemia do *Covid-19*,

algumas dúvidas foram sendo sanadas com Kátia, Rogério e Jeremias via *WhatsApp*²⁰, identificadas quando relatadas no documento.

Foi apenas em 20 de julho de 2021, com a flexibilização do isolamento social, que retornei ao vale cumprindo com os cuidados recomendados pela Organização Mundial de Saúde. Nesta imersão circulei até os fundos do Reginaldo com o principal interesse de registrar suas sonoridades. Também foi possível conhecer e conversar com Marinaldo, de 52 anos, que vende frutas e verduras no local; Cláudia, que é dona de casa; e três carroceiros: José de 65 anos, Sérgio de 60 anos e Luiz, que aparenta ter a mesma faixa etária dos outros dois.

Os depoentes aparecem na estrutura do trabalho ora me acompanhando por entre pontos específicos, ora sendo a própria fonte oral de saber sobre a lógica e vivência do lugar. Cada contato serviu para conduzir o caminho aqui delineado. Em meio a estes cruzamentos,

²⁰ Considero que as conversas por *Whatsapp* apenas foram possíveis pela relação duradoura que já tínhamos estabelecido até aquele momento. Há neste ponto, uma dupla inserção do meu corpo como pesquisadora (externo), e também como um ser

outras evidências também surgem fora do vale e levam a discussão para outras partes da cidade.

Desta maneira, a dissertação se estrutura em cinco capítulos, considerando esta introdução. O segundo, denominado “Abafamentos Urbanos: Superfícies de apagamento da cidade”, evidencia o olhar corrente da lógica de funcionamento do meio urbano, responsáveis por consolidar a desigualdade social. Percebem-se fronteiras que se estabelecem na relação entre a morfologia de seus territórios e os gestos cotidianos, definindo uma estrutura hierarquizada e parcial. Ao abordar esses abafamentos, se destrincham reflexos sobre o corpo de determinados indivíduos urbanos, de modo que, tanto os territórios de pobreza na cidade, como seus habitantes são vistos por uma identidade forjada pela mesma dominação que dita as formas de se urbanizar. O capítulo perpassa características territoriais da cidade e introduz o Vale do Reginaldo.

que, em distintos momentos busca e permite a aproximação com o outro, reconhecendo e sendo reconhecida (interno). Em nenhum momento essas expressões são totalizantes, mas, de maneira relacional, conformam intensidades distintas nesta aproximação.

Na sequência, os demais capítulos se baseiam no desdobramento de práticas metodológicas sensório-experimentais. O terceiro “Possibilidades no limiar: as pontes e a noite”, discorre acerca de expressões que surgem do encontro com narrativas e gestos que eclodem em seu interior, e afloram compreensões que desestabilizam as demarcações impostas pela cidade “formal”. No que foi possível apreender, alguns sentidos ocultos dentro da lógica dominante circulam por entre as liminaridades²¹ que atravessam o território. Ao perseguir esse encontro que por vezes é barreira, por vezes é passagem, as pontes e a noite se apresentaram de maneira potente e passaram a ser utilizadas como um eixo para conduzir à discussão. Apesar das pontes recorrerem à fisicalidade e da noite recorrer à temporalidade, elas surgiram como uma colocação demandada pelo próprio lugar e pelo próprio processo de pesquisa, acabando por recobrir o território

²¹ “Aprendi, lendo e relendo Benjamin e seus comentadores, que há uma diferença entre o que lhe era possível identificar como limite e como limiar. Há uma diferença em português, mas a precisão do alemão distingue as duas noções de modo muito claro. A primeira noção – a de limite (*Grenze*) tem um sentido jurídico forte. Sua transposição remete às noções de transgressão, agressão. Limiar, soleira, umbral (*Schwelle*) sugerem outro tipo de operação. Há aqui um desdobramento interessante, já que seria possível considerar que essas ideias são, na verdade, metáforas e como tal, apontam relações, aproximam dimensões no registro do movimento, do

em um sentido mais esgarçado. Com paciência é possível perceber que estes limiares levam a complementos do que se entende ser Reginaldo. Ele não se finaliza, muito menos se anula entre tais variações, no entanto produz uma percepção por borras, que acompanha a dinâmica local. No explorar da vivência, as formações do território demonstram uma emergência relacionada aos corpos que o habitam. Muito além de uma grande massa homogênea, que sempre é identificada de forma generalizada, Reginaldo demonstra multiplicidades que estão arraigadas na sua existência. O lugar é movente e fundado nas temporalidades que abarcam os corpos.

Visto algumas atividades dentro do Vale ocorrerem nas sombras ou no excesso das aparências, apenas aproximar-se do campo não foi o suficiente, o uso da percepção serviu como importante prática metodológica para evidenciar suas operações internas. Este imergir por

ultrapassar, de passagens (talvez sempre plurais), de transições. Movimento e passagem, umbral e limiar são noções que pertencem às ordens do espaço, mas também do tempo. Podem descrever duração e movimento, tempo que depende do tamanho do espaço que se atravessa ou se pretende atravessar. Simmel, antes de Benjamin, de alguma forma pensou essas diferenças entre limite e limiar e lhes deu espessura em um ensaio sobre Portas e Pontes – o que serve para separar, interditar, interromper e para reunir, permitir a passagem, ligar – operações sempre produzidas pelos homens que são, diz Simmel, construtores de caminhos.” (RIZEK, 2012, p. 33-34).

seus limiares, paradoxalmente possibilitou o reconhecimento de táticas e instrumentos também fora do vale do Reginaldo, em espaços distintos da cidade. Durante a pesquisa, nota-se como não apenas vida e trabalho se cruzam numa relação uníssona, mas que a busca por permear e compreender um pouco mais sobre as lógicas desse centro-periferia, se desencadeia em práticas, caminhos, mediações e ligações do território de pobreza que esbarram nas outras partes da cidade. Essa questão estrutura o quarto capítulo, que leva o título “Temporalidades do sobre-existir: aprofundando a questão dos sons e dos enfrentamentos urbanos.” e desenvolve reflexões sobre os limiares que demarcam a pobreza quando esta acessa a “outra” cidade, e os mecanismos que decorrem como táticas para sua sobrevivência. Foi neste sentido que se evidenciou a importância dos sons, que consequentemente receberam um destaque na análise. Muito além de um reduto da violência, como usualmente se destaca na mídia e no senso comum, o Vale constrói e ativa a cidade, inclusive

economicamente, em convergência que por vezes se faz apenas através de inúmeros corpos individuais e do aparato sonoro.

Deste modo, os limiares levam à possibilidade de criação e o estudo acaba por figurar o “ser vibrato”²² como uma potência do sobre-existir em meio às demarcações tão bem estabelecidas pelas forças dominantes e que percutem sobre o cotidiano urbano. Entende-se que o vibrato não indica apenas um corpo individual negado, mas uma das táticas de sobrevivência da pobreza no meio urbano. Ao se evidenciar a plasticidade do movimento dissimulado, o vibrato permite uma compreensão que parte de um contínuo jogo de interpenetrações e adquire uma definição que trava deslocamentos exatamente por não ser um objeto, e sim um processo, movente e prenhe de temporalidades latentes.

A extrema desigualdade social afeta a segurança, a liberdade e a identidade das comunidades, muitas vezes impedindo o acesso ao que é básico ao ser, e gerando grandes massas da pobreza e miséria, entretanto nestes atravessamentos, os sons operam reflexões sobre o

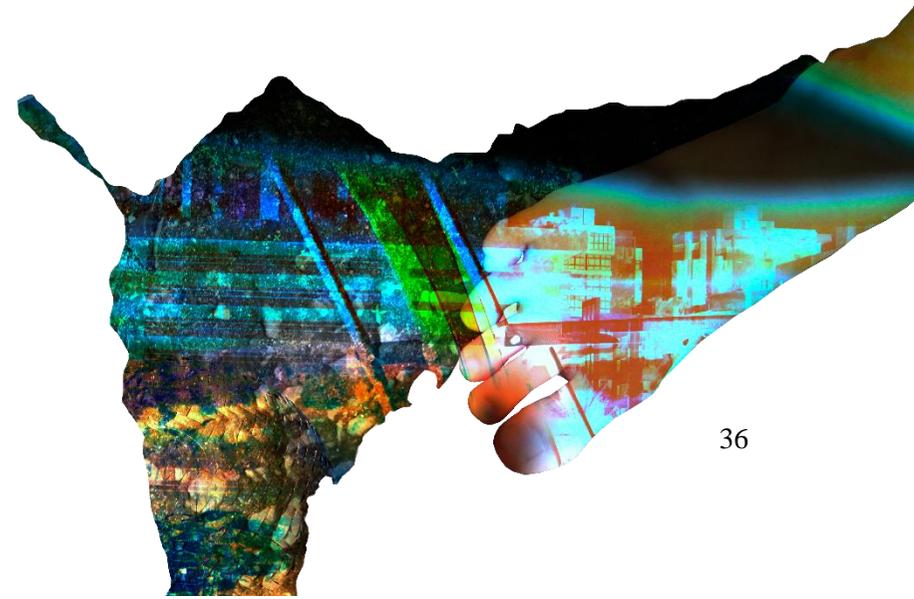
²² Através do canal sonoro durante a experiência com a cidade, foi possível abstrair este conceito será melhor explicado no decorrer do trabalho.

lugar, servindo como um artifício frente as fronteiras impostas. Assim, o quinto capítulo “Vibrar para desestabilizar: últimas considerações” reflete sobre haver aí alguma chance de encontrar respostas mais profundas, e ferramentas mais funcionais para auxiliar a repensar os parâmetros urbanos tradicionalmente considerados. Isso significa aprender com realidades coincidentes que ressoam em sua própria lógica de produção. Ao promover um território movente, o corpo pobre abre brechas diante da lógica do planejamento urbano, utilizando dessas operações como um suporte para a própria sobrevivência e desencadeando até mesmo uma estética menos endurecida do território.

Ao buscar alternativas para compreender sobre estes modos de viver que se encontram abafados no discurso da cidade, se promove a colocação da experimentação com o corpo como uma forma de deslocar as concepções estabelecidas. Portanto, na tentativa de não cair nas armadilhas do romantismo, e não ofertando modelos, mas exemplos de aproximação, espera-se colaborar com as formas de pensar e dialogar com os territórios de pobreza, potencializando ações mais abertas e includentes. Nesta oportunidade de enriquecer o debate,

a busca pelas cidades ocultas dentro de si é o insistir no incômodo do corpo no campo, na vivência e na construção do conhecimento que parte de imposições do próprio lugar. Entendimentos que possibilitam a coexistência de diferentes modos da experiência urbana, por vezes silenciados.

Quando se trata do silêncio, nós não temos marcas formais, mas pistas e traços. É por fissuras, rupturas, falhas, que ele se mostra, fugazmente: “É só de tempos em tempos que ele se volta para o homem” (Heidegger, falando do Ser e do Ente, 1969). (ORLANDI, 2007; p. 46).



2. ABAFAMENTOS URBANOS: SUPERFÍCIES DE APAGAMENTO DA CIDADE.



O funcionamento da arquitetura e do urbanismo enquanto campos de saberes acadêmicos, alimentam e são alimentados por modelos institucionais. Suas formas de atuação na cidade e a linguagem utilizada revelam como arquitetos e urbanistas dialogam com a política e com o contexto social corrente, contribuindo muitas vezes apenas na manutenção das formas de habitar e compreender o meio urbano usualmente postas. Como disciplina, seu lugar é delimitado nas fronteiras teóricas e práticas de sua abordagem, que tendem a se endereçar majoritariamente a corpos e espaços favorecidos dentro da estrutura hegemônica.

Entretanto, a cidade também se encontra em várias outras formas de viver e de se expressar para além das vias institucionais. Silêncios amortecem determinados signos e compreensões, mas concomitantemente geram outros. Esses signos ancoram-se na memória, materializam-se no espaço: nas práticas e ofícios fragilizados que funcionam de maneira marginal ao ditado pela produtividade e consumo; mas também em conformações geomorfológicas que obliteram paisagens; na ausência de reconhecimento do que se oprime, seja o corpo humano ou advindo de manifestações culturais e religiosas; em pontos de ancoramento do capitalismo com o lugar, que

gera tensões entre territórios; nas demolições do construído; no uso interrompido; ou mesmo na própria ordem da formalidade, entre documentos e escrituras.

Há uma grande variedade pela qual esses silêncios se manifestam e se relacionam. As cavidades onde estão obliterados funcionam como um processo de multiplicação de fundos que os tornam infindáveis, possibilitando conformações diversas do que conhecemos como o urbano. Por isso, embora sejam geralmente tratados como dicotomias, essa expressão parece ser mais plausível quando referida ao próprio tratamento em questão, ou seja, a dicotomia como sendo a própria relação e linguagem utilizadas para amortecer tais signos e compreensões. Nesta imensa nebulosa situa-se a pobreza urbana.

Os estudos da pobreza que exploram seus efeitos práticos inseridos na economia e na política “formal”, regularmente identificam seus aspectos espaciais em métricas formuladas e delimitadas pelo próprio campo de atuação. Recaem em um olhar enrijecido para estes corpos, territórios e mesmo para a cidade em seu contexto mais

alargado.²³ Como exemplo, ainda que as favelas possuam em si mesma os detentores da técnica do construir, - pedreiros, mestre de obras, eletricitistas etc. - a arquitetura e o urbanismo usualmente não assumem estes espaços edificados para moradia destes próprios mestres como sendo fecundos ou modelares de suas práticas. Pouco é o interesse de aproximação por parte desses profissionais, que dificilmente se dedicam em aprender com o lugar, com comunidades e dinâmicas através de um canal de escuta realmente ativo. Contudo, são estes arquitetos e urbanistas que, por vezes, projetam (direta ou indiretamente) sobre e para esses espaços, confirmando e mantendo as relações de domínio voltadas a orientar ações sobre o mesmo.

O não aprofundar sobre seus vários elementos, processos e dinâmicas, enfatiza em quais termos devem ser tratados os pobres sob

a ótica de quem domina. O abafamento dessas outras perspectivas, demarca e impõe um olhar corrente da sua própria lógica de funcionamento. Esse tratamento consolida a desigualdade tão necessária ao sistema capitalista, sendo a pobreza imprescindível para sua manutenção.²⁴

Diversos – e importantes – trabalhos foram produzidos ao longo das décadas de 1960, 1970 e 1980 e, ao mesmo tempo em que desvendaram os processos sociais, culturais e de produção material e simbólica de tais fenômenos urbanos, construíram e formularam conceitos e categorias que, aos poucos, foram sendo incorporados ao debate público e, de certa forma, naturalizados na esfera acadêmica, tais como “cidade informal” ou “cidade ilegal”. Consolidadas nos debates acadêmicos e políticos e legitimadas socialmente como “os espaços da pobreza nas cidades”, as favelas e periferias seriam mesmo indissociáveis da concepção dual – e hegemônica – da realidade urbana, que, no correr das últimas quatro décadas, se expressaria através de diferentes polaridades, “tais como formal-informal,

²³ “Conforme acentuou I. Buchanan (1972, p. 225) “o termo ‘pobreza’ não só implica um estado de privação material como também um modo de vida – e um conjunto complexo e duradouro de relações e instituições sociais, econômicas, culturais e políticas criadas para encontrar segurança dentro de uma situação insegura”.” (SANTOS, 2013, p. 18-19).

²⁴ “De qualquer maneira, quem permanecer fora do mundo do emprego permanente não está perdido para a economia como um todo. Assim, a economia urbana deve ser estudada como um sistema único, mas composto de dois subsistemas. [...] O circuito superior emana diretamente da modernização tecnológica, mais bem representada

atualmente nos monopólios. O essencial das relações do circuito superior não é controlado dentro da cidade ou de sua região de influência e sim dentro da estrutura do país ou de países estrangeiros. O circuito inferior é formado de atividades de pequena escala, servindo, principalmente, à população pobre; ao contrário do que ocorre no circuito superior, essas atividades estão profundamente implantadas dentro da cidade, usufruindo de um relacionamento privilegiado com a sua região.” (SANTOS, 2013, p. 43). “Não obstante sua interdependência aparente, o circuito inferior é de fato dependente do circuito superior. (SANTOS, 2013, p. 47).

integrado-excluído, favela-bairro, centro-periferia”, sempre tendo a questão da “ilegalidade” como um dos “critérios diferenciadores” desses supostos pólos. (ROSA, 2018, p. 180).

Os símbolos que demarcam esses sentidos, não se fincam apenas na geografia da cidade. Esborram e penetram no corpo que diariamente tenciona a imagem higienista. Ao atentar para tais tensionamentos, expõem as demarcações que legitimam tais polaridades no debate público e político. Existe um confinamento ubíquo sobre o corpo, que o caracteriza como o transgressor. A produção de um “estigma [que] dissolve a identidade do outro e a substitui pelo retrato estereotipado e classificado que lhe impomos” (ATHAYDE, 2005, p. 175), gera uma cegueira seletiva. Muito além das demarcações físicas, que por vezes operam dissimulando seu território, o corpo pobre é invisibilizado, e se torna visível apenas quando identificado como o ilegal, o estranho, aquele com o qual não nos reconhecemos ou acolhemos.

A corporificação de um Outro é construída a partir de regulamentações que ditam a ordem, um lugar comum ao meio

²⁵ Segundos dados do IBGE (2019), 75% dos 13,5 milhões vivendo em extrema pobreza no Brasil, são pretos ou pardos. Disponível em:

acadêmico. Como exemplo, a violência, para além de suas denotações básicas, é um dos elementos que desestabiliza a superfície do visível. As definições abarcam subjetividades coordenadas pelas próprias diretrizes de produção da cidade, que se desdobram para a localização de onde a violência se coloca e como aparenta ser, gerando o corpo estigmatizado.

Os símbolos estimulam a imaginação, mas estão suscetíveis a lógicas de interpretação distintas. A formalidade movida pelo capital, cria então amarras do que seria a representação de um corpo que deve ser negado, uma encarnação do não-lugar. Pessoas que são classificadas por possuírem determinadas características físicas e/ou por se situarem em certas circunstâncias geográficas, serão identificadas como socialmente inferior a partir delas. São definições ditadas pela mais valia de onde advém o lucro, que se enredam em questões estruturais muito mais profundas, como por exemplos as raciais²⁵. Através da ordenação material da cidade é possível exercer o poder e a subjugação dos grupos não dominantes.

https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv101681_informativo.pdf. Acessado em 09 de agosto de 2021.

Essas concepções impregnam os territórios de tal maneira, que as favelas não são reconhecidas como parte da cidade, ainda que elas sejam determinantes para toda a base de seu funcionamento. Entretanto,

Paulo Freire lembra que “os oprimidos não são marginais” (1968, p. 61), não são homens que vivem fora da sociedade. Assim como seria incorreto considerar a favela um mundo autônomo, isolado e à parte (Valladares, 1970), também é incorreto contrapor marginais à sociedade global, porque esta não pode ser definida sem os pobres “que constituem a maioria numérica, embora minoria sociológica” (Delgado, 1971, p. 165). Os pobres “não são socialmente marginais, e sim rejeitados; não são economicamente marginais, e sim explorados; não são politicamente marginais e sim reprimidos” (Gunder, 1966, p.1). (SANTOS, 2013, p. 36).

Há uma seletividade que tende a precisar determinações da lógica de funcionamento do meio urbano, criando amarras para as formas de se relacionar e enxergar o que não é condizente com suas narrativas dominantes. Alguns autores discutem a rigidez com que o pensamento ocidental reduz o conhecimento do mundo, ao evocar a

“transparência” e se apoiar na visão como principal produtora de conhecimento. “Na pesquisa e na reflexão teórica das ciências sociais, ainda se encontra uma forte hierarquização dos sentidos, com nítida predominância da visão” (MENDONÇA, 2009, p.141). Isolar a verdade ao que pode ser visto, pode representar uma captura e domínio da existência e da razão. “Para poder “compreender-te” e, então, aceitar-te, preciso levar tua densidade à escala ideal que me fornece elementos para comparações e talvez para julgamentos. Eu preciso reduzir.” (GLISSANT, 2008, p. 53). O autor faz uma importante contribuição ao defender o direito a opacidade²⁶. Pois,

Aceitar as diferenças é certamente perturbar a hierarquia da escala. “Compreendo” tua diferença, quer dizer, eu a coloco em relação sem hierarquizar com minha norma. Admito tua existência em meu sistema. Eu te crio novamente. – Mas talvez seja preciso que nós terminemos com a própria idéia escala. Comutar qualquer redução. Não apenas consentir no direito à diferença, mas, antes disso, no direito à opacidade, que não é o fechamento em uma autarquia impenetrável, mas a subsistência em uma singularidade não redutível. Opacidades podem coexistir, confluir, tramando os tecidos cuja verdadeira compreensão levaria à textura de

²⁶ “O opaco não é o obscuro, mas pode sê-lo e ser aceito como tal. Ele é o não-redutível, que é a mais vivaz das garantias de participação e confluência. Nos vemos então longe das opacidades do Mito ou do Trágico, cujo obscuro carregava exclusão

e cuja transparência apresentava uma tendência a “compreender”. Há neste verbo compreender o movimento das mãos que tomam o entorno e o trazem a si. Gesto de fechamento, quicá de apropriação. Prefiramos a ele o gesto do dar-com, que cria uma abertura na totalidade.” (GLISSANT, 2008, p. 5).

certa trama e não à natureza dos componentes. Renunciar, por um tempo talvez, a essa velha assombração de surpreender o fundo das naturezas. (GLISSANT, 2008, p. 53).

A natureza dessa opacidade não necessariamente diz respeito ao que é literalmente visível, mas uma não redução de um entendimento, uma não apropriação da verdade. No entanto, é notável que há uma confluência entre os termos utilizados no conceito e o domínio da visão na construção do saber.

Entretanto, a invisibilidade não é a única operação de domínio. Ela coexiste com outras afetações da percepção do meio. Na realidade essa invisibilidade apenas assume tal força, por se fazer valer concomitantemente aos demais sentidos, como na produção de silenciamentos de sujeitos e territórios.²⁷ É necessário lembrar que “a cidade soa e ressoa, disso se construindo também a sua imagem e a sua identidade”. (FORTUNA, 1998, p. 22). E assim, atentar para disputas

²⁷ “Em décadas recentes, o reconhecimento da importância do olhar e da cultura visual na conformação e nos modos de representação da sociedade, ao mesmo tempo que contraria o objetivismo epistemológico dominante nas Ciências Sociais,

e gestos aparentemente insignificantes – o não-dito, o invisível, o anônimo, como enfatiza Ribeiro (2010). (ROSA, *et. Al*, 2017, p. 355).

Entretanto, o que se compreende é que a visão usualmente é o principal meio de captura do real. O principal aparato com que expressiva parte das sociedades humanas se definem no mundo. A estrutura de poder opera pelo domínio da visibilidade, tornando “invisível”, e assim “inexistente”, aquilo que se quer reprimir ou desconsiderar. “Totalmente visíveis pelo acúmulo de corpos que se territorializam, tornam-se invisíveis aos olhos do habitar maior. O não ver do habitar maior “anula”, de alguma maneira, o problema social. A lógica é: não vejo, portanto, não existe.” (REYES, 2019, p.11).

Assim, apesar do meio urbano hegemônico ser um campo de disputas, ele é formado por paisagens “inevitáveis”, que rechaçam diferentes símbolos e gestos dos não dominantes, reduzindo o discurso a recortes do que lhe convém. Um dos meios dessa produção são as grandes mídias.²⁸

corroborar esta estratégia de marginalização da sonoridade enquanto ingrediente cultural de pertinência social.” (FORTUNA, 1998, p. 23).

²⁸ A partir deste lugar de autoridade, as instituições de comunicação produzem enunciados que participam ativamente, se não do processo político propriamente

O estímulo sonoro, diferente do visual, não pode ser “deliberadamente interrompido ou desviado de tudo quanto não nos interessa ou desprezamos” (FORTUNA, 1998, p. 24). De modo que, a potência das sonoridades perpassa os limiares do tempo, do espaço e do corpo, “estímulos para a ampliação da nossa capacidade de observação, de percepção e de conhecimento também sobre a nossa maneira de funcionar.” (SANTOS, 2002, p.12). Ao carregar predefinições das formas de habitar, os silêncios apontam para a emergência em buscar passagens possíveis entre a(s) cidade(s) que se encontram camufladas. Pois, “pensar o silêncio é um esforço contra a hegemonia do formalismo”. (ORLANDI, 2007, p.44).

Para além do silêncio como linguagem, essa abordagem se refere a um silenciamento de narrativas e questões, que por imposições de fronteiras de sentido, não são reconhecidas no âmbito urbano. Da mesma maneira que o visível se faz “inexistente” por ser reduzido, não necessariamente esse silêncio entra na esfera do não-dito. Me refiro a

dito, pelo menos da construção de sentidos que, rapidamente, generalizam-se como parte da cultura pública. Nesse contexto [...] uma das concepções mais fortes com o qual o jornalismo e a ficção televisiva têm contribuído decisivamente para consolidar sobre as grandes cidades brasileiras é que o espaço público foi subtraído à “gente do bem” por marginais, tornando-se lugar perigoso. Assaltos, acidentes de trânsito, balas

essa coexistência de invisibilidade e silenciamento delimitados pelas disciplinas dominantes, como abafamentos urbanos.

A iminência de seus aparentes intervalos de significação, parecem na realidade, conduzir a caminhos para o deslocar das compreensões estabelecidas, abrindo-se a outras narrativas, formas de viver e se expressar. Como relembra Fortuna (1998, p. 21), “as imagens das cidades são também feitas de sonoridades. Os sons urbanos contêm um valor heurístico que pode revelar não apenas a evolução urbana, mas também o modo actual de organização dos ambientes sociais vividos nas cidades.”

Simmel admite que a partilha de um mesmo ambiente sonoro (uma audição ou espetáculo musical, por exemplo) pode promover o sentimento particular de <<coletividade>>, mesmo quando a consciência da sua <<unidade>>, assente em meios sonoros e auditivos, se revele bem mais abstracta do que a conseguida em torno da comunicação oral directa e da fala (Simmel, 1981:234). É este sentido particular de coletividade que me parece poder ser explorado quando se pretende reflectir sobre as imagens sonoras das cidades que, sendo imagens disseminadas e partilhadas

perdidas e sequestros têm como pano de fundo, quando não diretamente os becos e vielas dos bairros populares, imagens que denotam a escala da periferia sobre o centro: camelôs, transeuntes mal-encarados e cenas de agressão [...]” (ARANTES, 2000, p. 157-160).

coletivamente, têm, porém, sentidos e significados distintos consoante os seus emissores e seus receptores. (FORTUNA, 1998, p.24-45).

Os sentidos dos sons não chegam do mesmo modo a todos os indivíduos, escapam por refletirem nas referências de quem os escuta, nas subjetividades do corpo que percorrem a memória e a dimensão inconsciente e ideológica. Ao gerar reflexões por via das sonoridades urbanas, é possível compreender aspectos de suas relações sociais e dinâmicas, já que os eventos sonoros expressam a cidade como um todo, incorporando suas relações e contradições, objetividade e subjetividade. (MENDONÇA, 2009, p. 140-141).

O silêncio não é diretamente observável e, no entanto, ele não é o vazio, mesmo do ponto de vista da percepção: nós o sentimos, ele está “lá” (no sorriso da Gioconda, no amarelo de Van Gogh, nas grandes extensões, nas pausas). (ORLANDI, 2007; p. 45).

Muitas vezes, o pobre circula sem ser visto, como um andar programado que descaracteriza o ser e o imputa como um elemento desconsiderado. Um “algo” que funciona de determinada maneira, objetificando o corpo que serve à própria cidade que o nega. Ao deformar as faces que se põem de pé e deslocar sentidos deste funcionamento, é possível ser silêncio o trotar do cavalo que puxa a carroça pelo asfalto? O corpo do carroceiro que dança com a correia,

ora dando as rédeas, ora se pondo contra o banco da carroça? O grito do ambulante que ecoa entre os prédios? As ciganas de saias e bigodes que dizem ler os destinos alheios na praia? É possível ser silêncio quando o corpo expõe as marcas da dor, da doença ou mesmo da dificuldade em narrações contínuas que acompanham as viagens de ônibus e por vezes a pé?

A vida no cotidiano remonta ao que o urbanismo exclui. São as subjetividades do corpo expostas. O corpo é a superfície de acontecimentos, provocações, (re)criações e apreensões. Portanto, mesmo diante de mecanismos que os desqualificam, os corpos demarcados são capazes de borrar ligeiramente as barreiras postas. Apesar de colocados no discurso oficial como praticamente inertes, ou perigosas, estas pessoas não apenas atravessam os territórios negados a elas, como criam redes e perturbam as paisagens. Ebulições que não apenas fornecem pistas de suas lógicas de construção da territorialidade, como explodem o significado de interno, permitindo compreender seus modos de acesso em espaços não de exceção, mas de intercessão urbana.

Para além do que precisamos saber sobre a cidade, há uma necessidade anterior em aprender outras formas de dialogar com ela.

Superar a linha reta (do tempo, das vias, da malha urbana, da narrativa) e se permitir rasurar em um espaço de experimentações. Tratar suas questões e dinâmicas de maneira corporificada. Pois uma das primeiras descobertas que o descer as grotas ou o subir os morros da periferia ensina é este encontro com um corpo não apenas ergonômico. Os corpos são múltiplos, imbricados, agem e se defendem de uma forma outra. E a multiplicidade não se fecha entre os humanos: acolhe os animais. É o porco, a galinha, os cavalos. São as moscas, as formigas, os vermes. As plantas brotando na lata reaproveitada, a água servida que corre em frente à casa. Uma miríade de seres vivos em uma azáfama constante. Portanto tais corpos não só agem, mas pensam e se expressam por outras lógicas. Refletir sobre essas questões, é trazer para o campo do urbanismo a cidade enquanto território de conflito, e o conflito como propulsor de conhecimentos e práticas.

“Um pensar que é ação em suas condições efetivas de ser. Dito de outro modo, uma ação que se sabe um pensamento em toda sua potência crítica e, assim, em sua porosidade e capacidade de transmutação, à medida que experimenta métodos e se experimenta social e culturalmente.” (JACQUES e PEREIRA, p. 11, 2019).

2.1. GESTOS QUE LATEJAM A CIDADE POBRE: MACEIÓ 'PARAÍSO DAS ÁGUAS'.

Dentre as peculiaridades cotidianas de Maceió, suas paisagens são entramadas em um contexto maior e fundante. Por isso, apresentá-la, não parte meramente de uma referenciação ao local em que germina este trabalho, mas sim, de retornar a alguns dos principais tensionamentos que estimularam sua experimentação e pensamento.

Localizada no nordeste brasileiro, a capital de Alagoas carrega a relação da água em seu próprio nome, “Maceió” tem origem Tupi e significa “O que tapa o alagadiço” (DUARTE, 1965, apud BARROS et al, 2014. p.04). Sua formação geográfica acolhe uma grande quantidade de fluídos – lagoas, riachos, áreas alagadas e de mangue - que permeiam a demarcação de seus territórios, além de ser contemplada com um extenso litoral, que implica na existência de praias urbanas. Sua geomorfologia é formada por duas planícies, uma

litorânea²⁹ e outra lagunar³⁰, que juntas compõem a parte baixa da cidade. Possui também uma zona de tabuleiro ou planalto, conhecido como sua parte alta. Entre essas duas regiões, existem formações abruptas de encostas e inúmeras grotas, depressões que geralmente são decorrentes da ação de cursos d'água que penetram no tabuleiro³¹. Estas formas – as grotas – como visto, são socialmente marcadas pela desigualdade, e demarcam o cotidiano urbano através de uma geografia que influi em sua dinâmica.

²⁹ “Essa planície costeira foi ocupada a partir do porto, sobretudo, nos últimos cinquenta anos, consolidando a tendência de valorização com verticalização próximo ao mar e consolidação da centralidade dos segmentos de renda média alta e alta.” (CAVALCANTI, *et. al.*, p. 14, 2015).

³⁰ “A planície lagunar é uma estreita faixa de terra que contorna a laguna Mundaú e se estende do pontal da restinga até a desembocadura do rio Mundaú. [...]Ali se encontram extensões de mangue sobre terrenos turfosos inundáveis, impróprios à ocupação. Porções desses terrenos úmidos vêm sendo drenadas, aterradas e ocupadas

desde o século XIX para construção de moradias, sobretudo populares.” (CAVALCANTI, *et. al.*, p. 13, 2015).

³¹ “Os tabuleiros elevam-se suavemente desde a altitude de 40 metros junto à costa (leste) até 120 metros ao norte do município. Seu interior é drenado por ravinas estreitas (grotas), confinadas por encostas íngremes com inclinações acima de 100%. Parte das ravinas no interior do perímetro urbano ainda se encontra florestada, porém sob forte pressão de desmatamento para assentamentos de baixa renda, ocorrendo o ressecamento de nascentes e o despejo de lixo e esgotos in natura.” (CAVALCANTI, *et. al.*, p. 12-13, 2015).

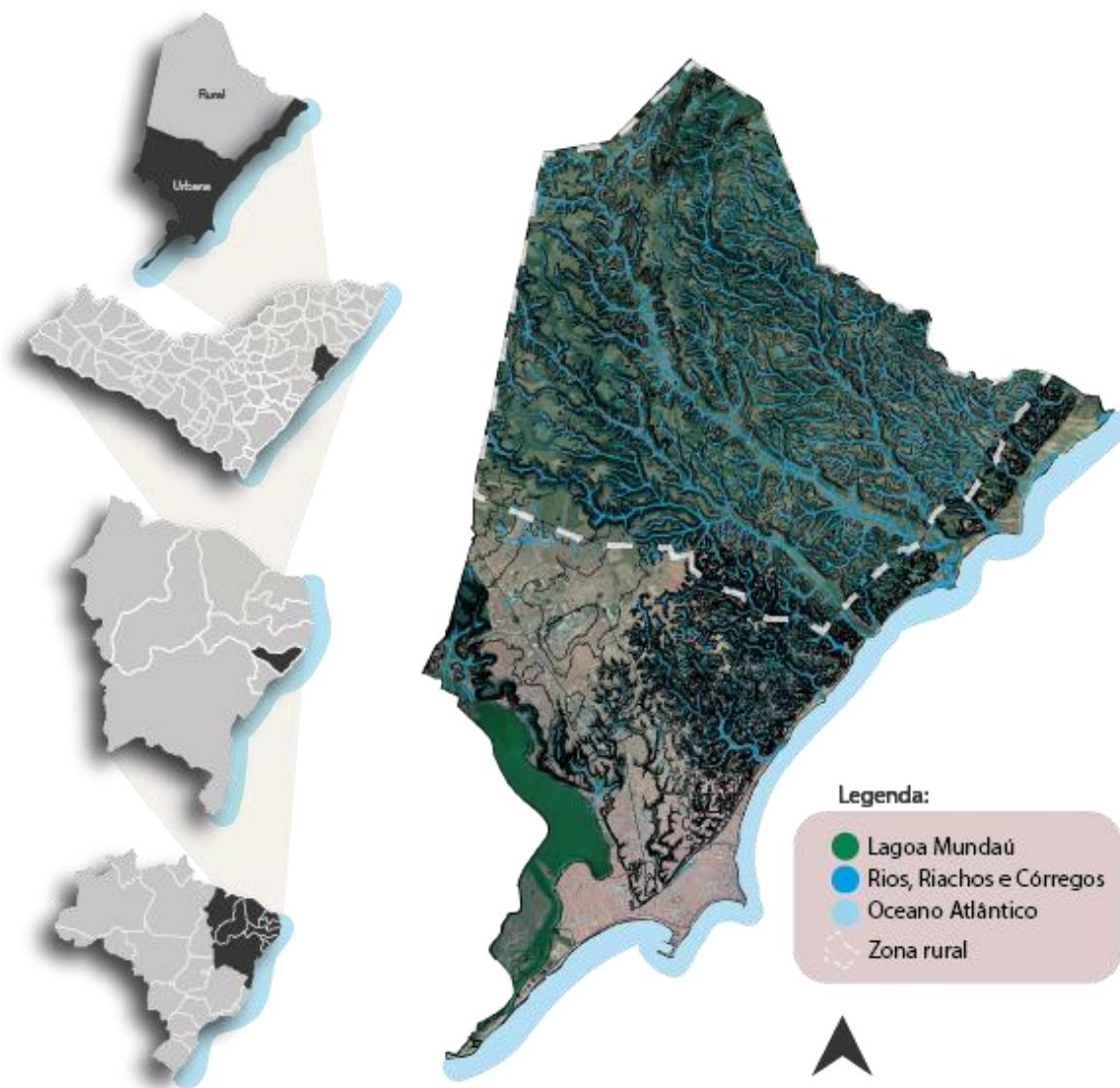


Figura 4:
Localização e
mapeamento das
águas em Maceió.
Produzido pela
autora, 2021,
utilizando a base
cartográfica das
zonas de interesse
ambiental e
paisagístico da
Prefeitura
Municipal de
Maceió, 2005.

As águas não se fazem presentes apenas em sua zona urbana, a área rural também “se caracteriza por um recortado de encostas, permeada por rios que deságuam nas praias do litoral norte”. (ALENCAR, p. 76, 2007). Essas ligações, que aproximam rural e urbano excedem a geografia, já que muitos territórios de pobreza em Maceió foram construídos a partir do deslocamento de corpos e memórias vindos do interior. Dessa forma, o urbano não se desliga do rural, mas também é construído por ecos desta outra paisagem.

Na tentativa de explicitar melhor as imbricações entre geografia, corpos, vivências, sons e lugares da cidade, a cartografia de Maceió que se segue buscou associar as cores com algumas imagens, fazendo referência às paisagens captadas nesses locais. O intuito desta construção imagética foi externar alguns aspectos da dinâmica da cidade que se enredam na formação e funcionamento dos seus territórios que serão tratados aqui. Nessa conjectura, ressoam corpos da pobreza que percorrem toda a dimensão da imagem. Geralmente os menos afortunados acessam a malha urbana em busca de contrair renda, providos de objetos, instrumentos ou mesmo animais. O que aponta para um corpo distinto de outros que trafegam na cidade. Além

disso, a cartografia acentua a diversidade da geografia e a força das águas que percorrem suas distintas paisagens urbanas.

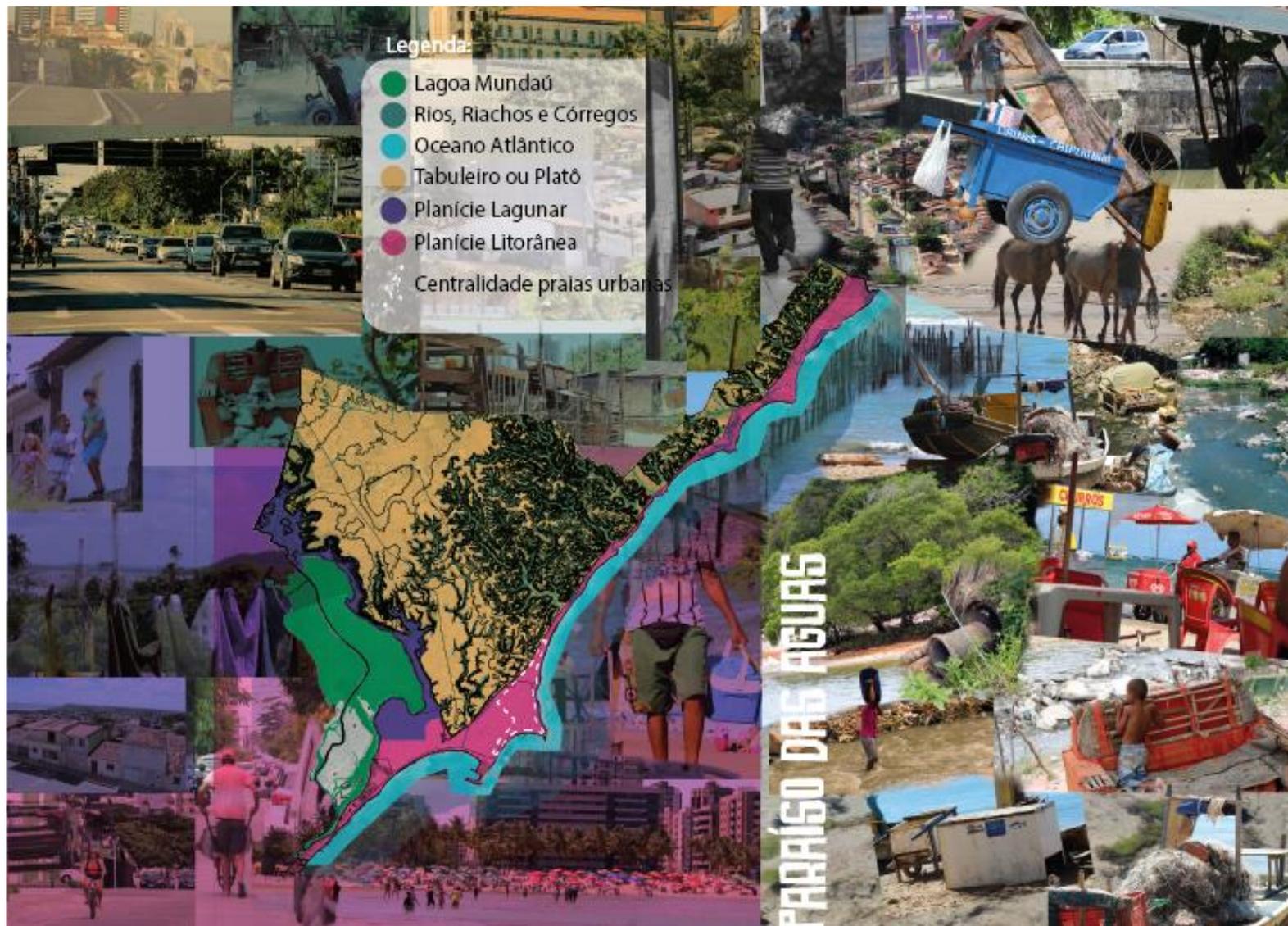


Figura 5: Cartografia de Maceió. Produzido pela autora, 2021.

Essa multiplicidade geográfica suscita expressões, que circulam junto aos transeuntes, no cotidiano urbano. Dentre elas, ‘*subir*’, ‘*descer*’, ‘*lá em cima*’, ‘*lá em baixo*’, são recorrentes na fala do maceioense quando se refere ao deslocamento na cidade. Habitar esta cidade é perceber que o relevo possui uma atuação ativa, contribuindo com os sentidos de seus distintos territórios e gestos urbanos. Atentar para esses gestos, nos possibilita dialogar com uma cidade em seu próprio ato. “Pensar em gestos urbanos remete a uma dimensão ativa e corporificada dos processos de tessitura de urbanidades nas cidades contemporâneas – “uma face ativa da experiência urbana”, nas palavras de Ana Clara Torres Ribeiro.” (ROSA et al. 2017, p. 351). E é dessa cidade, desse urbano em seu latejar, que busco me aproximar.

Apesar das “partes baixa e alta” ganharem destaque, e serem consideradas as bases da forma urbana de Maceió, essa relação é complexa. Não há quem vivencie a cidade e não tenha ouvido os termos, que são muito mais profundos em sua dinâmica do que uma

mera referência espacial. O movimento de subir e descer faz relação à essa diversidade de altitudes presentes em suas formas geográficas. “Os tabuleiros contidos no interior da área urbana apresentam-se de dois modos, amplos ou muito estreitos. A cidade cresceu seguindo as faixas mais largas, a oeste, rumo ao norte.” (CAVALCANTI, *et. al.*, p. 14, 2015). Essa expansão linear promoveu o movimento pendular norte-sul como o grande eixo viário estruturante da cidade de modo que, para se deslocar entre a planície e o platô pelas vias “oficiais” é preciso acessar uma das duas avenidas de ligação da cidade.³²

Seguindo essa lógica, há ainda uma forma geográfica que se enreda no uso e acesso cotidiano da pobreza, a “parte dos fundos” se localiza nas entranhas de vales e grotas. Entretanto, essas expressões escapam a uma mera representação literal do que se encontra em seus locais. Para além de porções geograficamente opostas, conduzem a sentidos sociais e econômicos dispersos no próprio crescimento do território, sendo expressões significativas para sinalizar seu funcionamento.

³² Me refiro a esses deslocamentos como “oficiais” porque dizem das duas principais avenidas com infraestrutura sobre o tabuleiro, sendo conhecidas como Avenida

Fernandes Lima e Via Expressa. Entretanto, algumas grotas e encostas também possibilitam esse acesso, ligando a “parte alta” e a “parte baixa” através de escadarias e ladeiras.

Ana Karolina Carneiro: Como você descreveria Maceió pra quem não a conhece?

Vendedor de coco: Pra quem não conhece? Deixa eu ver... Eu acho uma cidade boa, né, Maceió?! É um local muito bonito, perto da praia. Tem a orla da Pajuçara, várias praias. É uma cidade boa pra morar. **Só não é muito boa pra emprego assim, sabe?** Mas é bom. [...] Olha, aqui é um local bom de morar, eu prefiro morar aqui do que lá em cima, porque lá em cima é mais perigoso, sabe? Mais ruim de arrumar emprego. Aqui, eu tô aqui na praia, eu posso trabalhar de qualquer coisa, sabe? Aqui [na praia] sempre tem emprego, aqui é uma porta de emprego pra todo mundo.

Ana Karolina Carneiro: Você já trabalhou em outras coisas aqui na praia?

Vendedor de coco: Já trabalhei aqui [carrinho de coco]. Já trabalhei ali no quiosque de tapioca, já trabalhei ali na beira da praia, já trabalhei, eu trabalho ali de cozinheiro, ali na beira da praia, faço aquelas porções sabe? Já trabalhei vendendo churros, vendendo milho, de tudo eu já trabalhei aqui, vendendo água... Só o que não pode é ficar parado, né isso? Maceió é uma cidade bonita, eu acho um local bom de morar.

(Trecho de conversa realizada na praia da Ponta Verde em 14 de julho de 2021. *Grifo meu*).

O vendedor ambulante apresenta em sua fala uma cidade que, perto da praia, é muito bonita e oportuna no sentido de oferecer formas de trabalho. Uma disponibilidade que não é possível de encontrar *‘lá em cima’*, onde descreve como um local mais perigoso. Mas, o que há embriado em seu breve resumo de Maceió quando relata a praia como

uma ‘porta de emprego para todo mundo’? quais os empregos e as pessoas a que se refere?

A praia é o local de destaque na fala do vendedor ambulante. Ao fazer uma rápida busca por imagens sobre Maceió divulgadas nas mídias, os resultados refletem tão somente este cenário, com grande parte das páginas da *web* ligadas ao turismo, funcionando como panfletos do que lhe é vendível. Promovendo o consumismo e a espetacularização da cidade, essa valorização está expressa também na ligação com o valor imobiliário destes territórios. Os bairros considerados como referência que na maioria das vezes estão localizados no litoral, dificulta o habitar dos menos favorecidos em áreas providas com infraestrutura e serviços básicos.

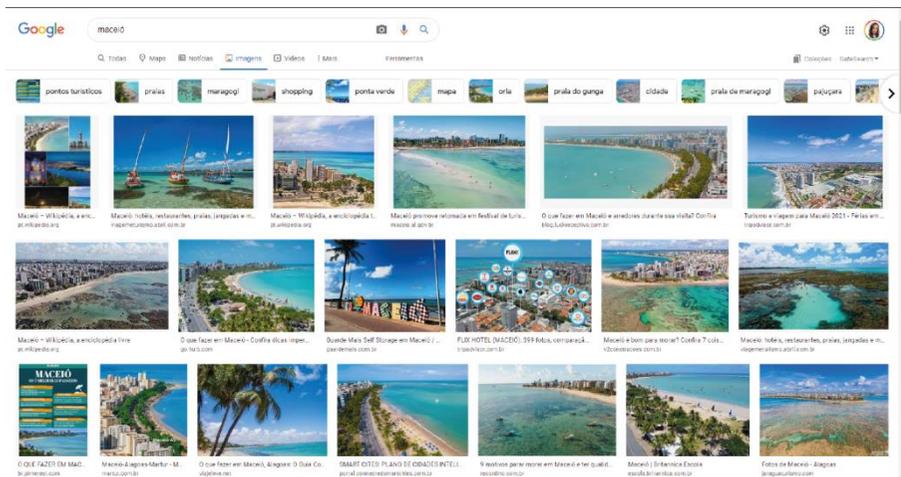


Figura 6: Print da página do Google imagens ao buscar por Maceió. Disponível em: https://www.google.com/search?q=maceio%C3%B3&xsrf=ALeKk03yD_EEpo0VOEEcy-Fx9fb9PcU3uw:1629134601545&source=lnms&tbn=isch&sa=X&ved=2ahUKewic-yph7byAhWiqJUCHV4iDtgO_AUoA3oECAEOBO&biw. Acessado em: agosto de 2021.

Sentidos e expressões funcionam de maneira a ancorar a imagem da cidade litorânea. Por vezes, o retrato da parte baixa inclui

³³ A capital das Alagoas contorna uma laguna de água doce rica fauna e flora que ladeia seu dorso pelo sul e oeste, chamada Mundaú. Com aproximadamente 23 km², tem ligação direta com o mar por meio de uma extensa rede de canais que cortam a planície e formam pequenas ilhas, dentre elas o arquipélago das Nove Ilhas, de grande apelo turístico. Apesar de ofertar um rico ecossistema, suas águas doces são poluídas e tocam uma região marginalizada da cidade. Dentre o provimento de alimento, destaca-se o molusco sururu (reconhecido como Patrimônio Imaterial de Alagoas pelo Conselho Estadual de Cultura desde 2014), com grande consumo local, inserido na cultura e presente na culinária, neste caso, indo dos pratos dos

inclusive, a área da planície lagunar³³, restringindo-se à centralidade localizada no coração da planície litorânea, conhecida como a área mais nobre e de forte apelo turístico, que carrega o slogan de Maceió como “*Paraíso das Águas*”.³⁴

De fato, Maceió contém um belíssimo litoral que se faz digno de cartões postais. Entretanto, há tensionamentos entre suas diversas paisagens. De acordo com o último censo, em Maceió (IBGE, 2010) os indicadores demonstram uma população com 5,29% extremamente pobres, 15,57% pobres e 39,10% vulneráveis à pobreza, somando uma proporção de 59,96% da população em vulnerabilidade social. Além disso, “o município tem o menor Índice de Desenvolvimento Humano Municipal (0,721) (PNUD, 2010) e a mais alta taxa de extrema pobreza (8%) entre capitais (PNAD Contínua, 2018)”. (ONU Habitat, 2021).

aquinhoados aos dos mais populares. Nos últimos anos, este dorso da cidade se encontra mais ainda ameaçado com o fenômeno do afundamento de suas margens, devido a um desastre técnico industrial causado pela empresa Braskem, o que motivou um grande desarranjo com repercussões em toda a cidade. Mais informações sobre o desastre podem ser encontradas em: <https://www.metropoles.com/materias-especiais/afundamento-de-maceio-provoca-exodo-urbano-de-55-mil-pessoas>.

³⁴ Os bairros Pajuçara, Ponta Verde, Jatiúca, e desde 2013 com a inauguração do terceiro shopping center da capital, o bairro de Cruz das Almas.



*Figura 7:
Fotomontagem, praia
da Ponta Verde em
Maceió.
Produzido pela autora,
2021.*

Se a imagem agrega, tem-se também um copilado de sonoridades captadas no bairro da Ponta Verde, uma das centralidades do litoral.³⁵ Através dele é possível perceber que, ainda que o estigma persista, é o som quem não permite que essas paisagens se isolem totalmente.

<https://www.youtube.com/watch?v=OuFWZCbvgY0>

No pouco tempo que permaneci na areia da praia, foi possível captar o picolé Caicó, ofertas de passeios de jangada, a venda de óculos escuros por um ambulante e a conversa de dois homens que alugam cadeiras. Além disso, ao caminhar pelas ruas, o fluxo do comércio e serviço ambulante não desapareceu, surgiu de outras maneiras, como com o carroceiro e vendedor de picolé que dividiam a via com os automóveis, e nas ofertas dos vendedores de camarão e feijão verde instalados na calçada.

³⁵ Os sons foram captados enquanto me deslocava da minha casa até um mercado próximo, e durou cerca de 20 minutos. Realizado no dia 13 de agosto de 2021, como o percurso ocorreu próximo a praia, ela foi acrescentada à rota. Além disso, recortei boa parte do áudio para evidenciar os objetivos dessa discussão.

³⁶ Não tenho como checar a validade dessa informação, mas ressalto que os ambulantes a que ele se refere são apenas os registrados e legalizados pela prefeitura,

Os diálogos também são importantes para ir compondo este mosaico paisagístico.

Ana Karolina Carneiro: E na praia, o senhor vê muito ambulante? Muito vendedor ambulante?

Vendedor de acarajé: Muitos ambulantes. Aqui na praia existe muitos ambulantes. Como em toda Maceió, todo comércio, todo... tem muitos ambulantes, né? Só que aqui em Maceió, aqui na orla tem muitos ambulantes. Se for contar da praia da Pajuçara até Cruz das Almas, é muito ambulante. Tem mais ou menos uns 600 a 700.³⁶

Ana Karolina Carneiro: E por quê que o senhor acha que tem muito ambulante?

Vendedor de acarajé: Porque todo mundo precisa trabalhar né minha filha? Você sabe que hoje em dia o comércio não é que nem esses comércios do sul, não é? O Sul que tem muitas industrias pra trabalhar, né? E o ambulante ele depende muito da orla para ganhar o seu sustento, né? [...] Por isso que os ambulantes andam mais para a praia, porque a praia é um fluxo de turistas muito grande. Muitos turistas de fora vêm pra praia, pra orla. Então gera mais dinheiro. (Trecho de conversa realizada na praia da Ponta Verde em 14 de julho de 2021).³⁷

que passam o dia em demarcações pré-estabelecidas. Há, entretanto, muitos outros que circulam pela orla vendendo seus produtos, descobri durante esta conversa que estes são chamados de formiguinhas.

³⁷ Trabalha como ambulante na praia da Ponta Verde há 25 anos.

Como visto, o capitalismo prevê e precisa dos pobres para continuar existindo. No dia a dia, as forças dominantes subjugam os corpos que necessitam sobreviver. As demarcações das fronteiras se encontram no uso e na qualidade com que essas pessoas acessam, dominam e utilizam os espaços. No entanto, os discursos que operam sobre paisagens e territórios como sendo enrijecidos, considerando-os dicotômicos, apenas contribuem para reafirmar a lógica que subjugam os não dominantes. O funcionamento dessa estrutura se amalgama à dinâmica urbana, e reverbera algumas questões impostas no passado.

“Nesse universo definido pela tensão, tem-se o poder nos seus modos institucionalizado ou difuso, insinuando em cenas aparentemente menores, mas igualmente densas de confronto. São indivíduos e coletivos em relação e em posições novas numa ausência de escravidão, definindo o horizonte dos pobres, numa malha que demarca o território. E nesta malha também é visto o processo de uma rápida rearticulação senhorial continuando a manter a cidade que era conveniente e que deveria expressar os seus termos de mando”. (ALMEIDA, 2011, p. 42-43).

Essas marcas, nem sempre estão explícitas. Como visto, apesar de dispersas nos espaços e dinâmicas da cidade, são dissimuladas pela forma como operam as estruturas de poder, que esvaziam vários de seus sentidos. Os abafamentos são fruto de estratégias de alienação política em prol da manutenção da desigualdade, e tornam essas marcas menos visíveis, compreensíveis e notáveis. Isso facilita a promoção de estereótipos em certas demarcações urbanas, que disputam não apenas o campo do saber e fazer a cidade, mas seu próprio habitar.

Dentre elementos culturais e apropriações espaciais que influenciaram diretamente na estrutura da sociedade alagoana, a concepção segregacionista, elitizada e racista auxilia na manutenção de grande parte da população desempregada, ou em condições de subemprego, promovendo o alto índice de informalidade nas relações de trabalho, e por conseguinte, nas relações sociais e políticas demarcadas muitas vezes pela subserviência.



*Figura 8:
Fotomontagem a partir
da grotta da Alegria
(2017) e da encosta do
Bebedouro (2019),
Maceió. Produzido
pela autora, 2021.*

2.2. TABULEIRO IRRIGADO E PAISAGENS INVISÍVEIS: GROTTAS, O QUE CIRCUNDA AS ÁGUAS.

Como mencionado, grande parte da pobreza da cidade se encontra distribuída em grotas e encostas que, na maioria das vezes são qualificadas pelo código urbanístico local como vazios urbanos ou Zonas de Preservação Ambiental e Paisagística, impróprias à ocupação visto o seu alto grau de declive topográfico.

Entretanto, a pobreza também é plural. Há diferenças substanciais entre as comunidades que se instalam no alto de morros e as que ocupam os fundos de grotas. Por se encontrarem abaixo do nível da malha urbana, as grotas não se fazem presentes nas paisagens cotidianas. Suas existências permanecem dissimuladas ainda que se encontrem totalmente inserida nas áreas de referência da cidade. Desta forma, além de sua condição de miserabilidade promover a não inserção na sociedade civil, por questões políticas e também de uma dimensão cultural e estética, o fator espacial de depressão geológica corrobora ainda mais para a visibilidade desses territórios. O que lhe atribui um sentido ambíguo se observado do ponto de vista territorial,

e redundante se considerado o ponto de vista social: duplamente abaixo e invisível.

Moradora da grotas da Alegria: aqui não aparece ninguém, não vem ninguém. Não vem nem sequer olhar, pode acontecer o que for aqui, não aparece ninguém, não aparece nada... vem até aqui em cima e não desce aqui. Aqui também mora gente. (Trecho de conversa realizada na grotas da Alegria, em 2017).

Apesar da sua “invisibilidade”, as grotas insinuam-se praticamente em toda a cidade e, em conjunto com o estigma da violência, as tornam, paradoxalmente, muito visíveis. Contudo, não para o setor público, para os políticos, como se refere a citação anterior da moradora da grotas da Alegria.

Para mostrar esta zona de insinuação na cidade, pode-se um sequenciamento imagético acerca da descida de uma das entradas da grotas da Alegria, no bairro do Benedito Bentes. Ela exemplifica as diferentes ambiências criadas pelas muitas curvas que as decidas até as grotas geralmente conformam, provocando inclusive certo mistério. Essa característica conduz a diferentes paisagens, inclusive, por vezes formando mirantes nas bordas de suas depressões que vislumbram várias outras partes da cidade.



*Figuras 9, 10, 11 e 12:
Registro da entrada na
grota da Alegria,
Benedito Bentes –
Maceió/AL. Produzido
pela autora, 2018.*

Apesar de um grande número de grotas se encontrarem ocupadas, algumas ainda apresentam resquícios da cobertura vegetal natural. Por este motivo, em Maceió, a grota como área vegetada e a grota como favela se confundem. Além de suas paisagens, as grotas carregam engendramentos dos modos de construir e da relação com a natureza, de trabalhos e serviços que geralmente fornecem à cidade partindo do braçal, evocando assim, certas similitudes com as práticas de ruralidade existentes até mesmo no interior da área do município, como já se viu.

Para evidenciar a dimensão dos territórios de pobreza na cidade, construiu-se para o estudo preliminar desta pesquisa em 2018, utilizando os locais classificados no levantamento do PHLIS (2010), uma imagem localizando aglomerados e áreas vulnerabilizadas. No mapa, esses locais identificados com o antônimo de grota, foram marcados de vermelho e os que não, verde. Entretanto, se comparado ao mapa seguinte produzido a partir dos dados provenientes da ONU Habitat (2021), percebe-se que se ampliou o número de comunidades estabelecidas em grotas que, ao menos reconhecidas pelo Plano Local de Habitação de Interesse Social de Maceió.

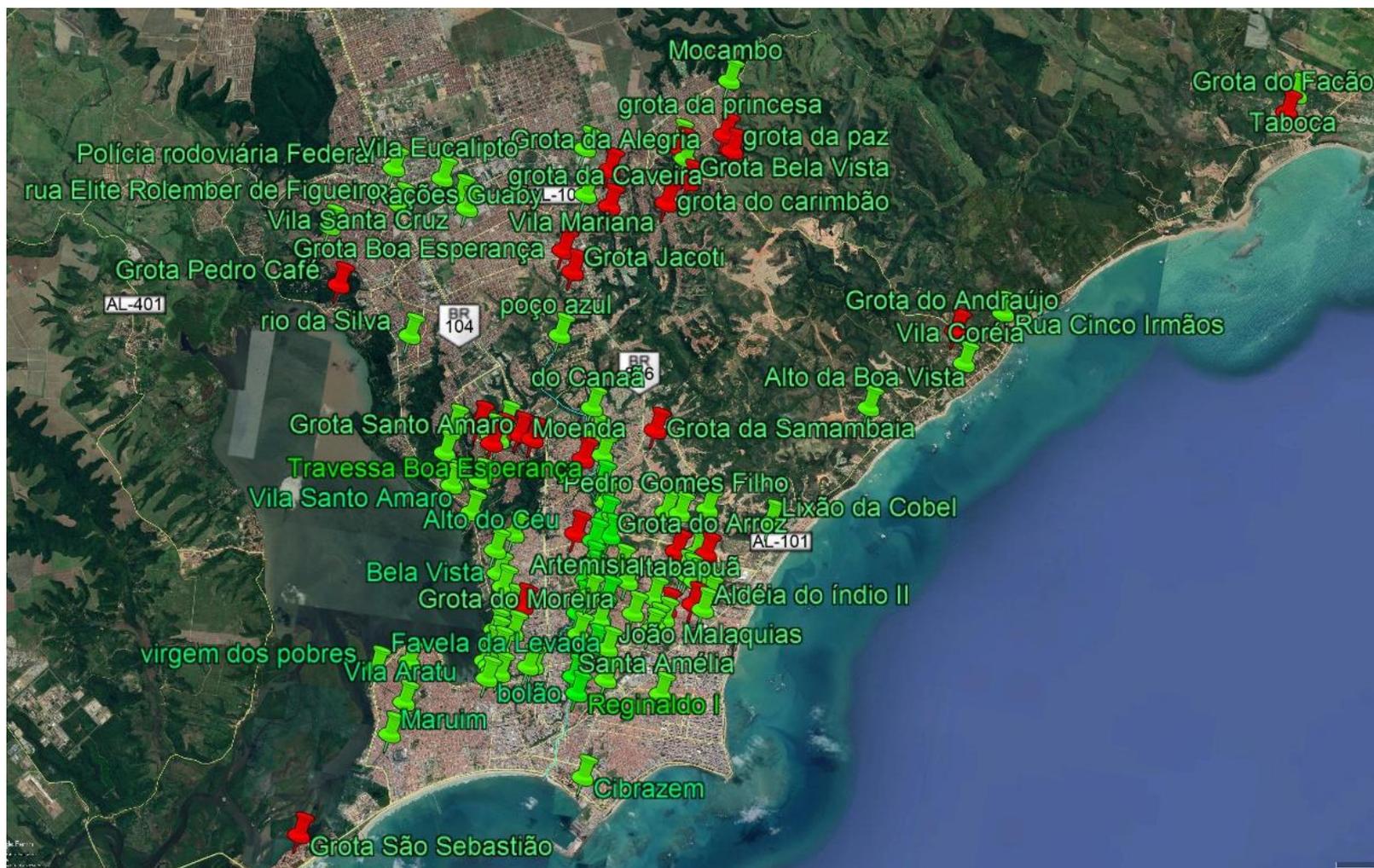
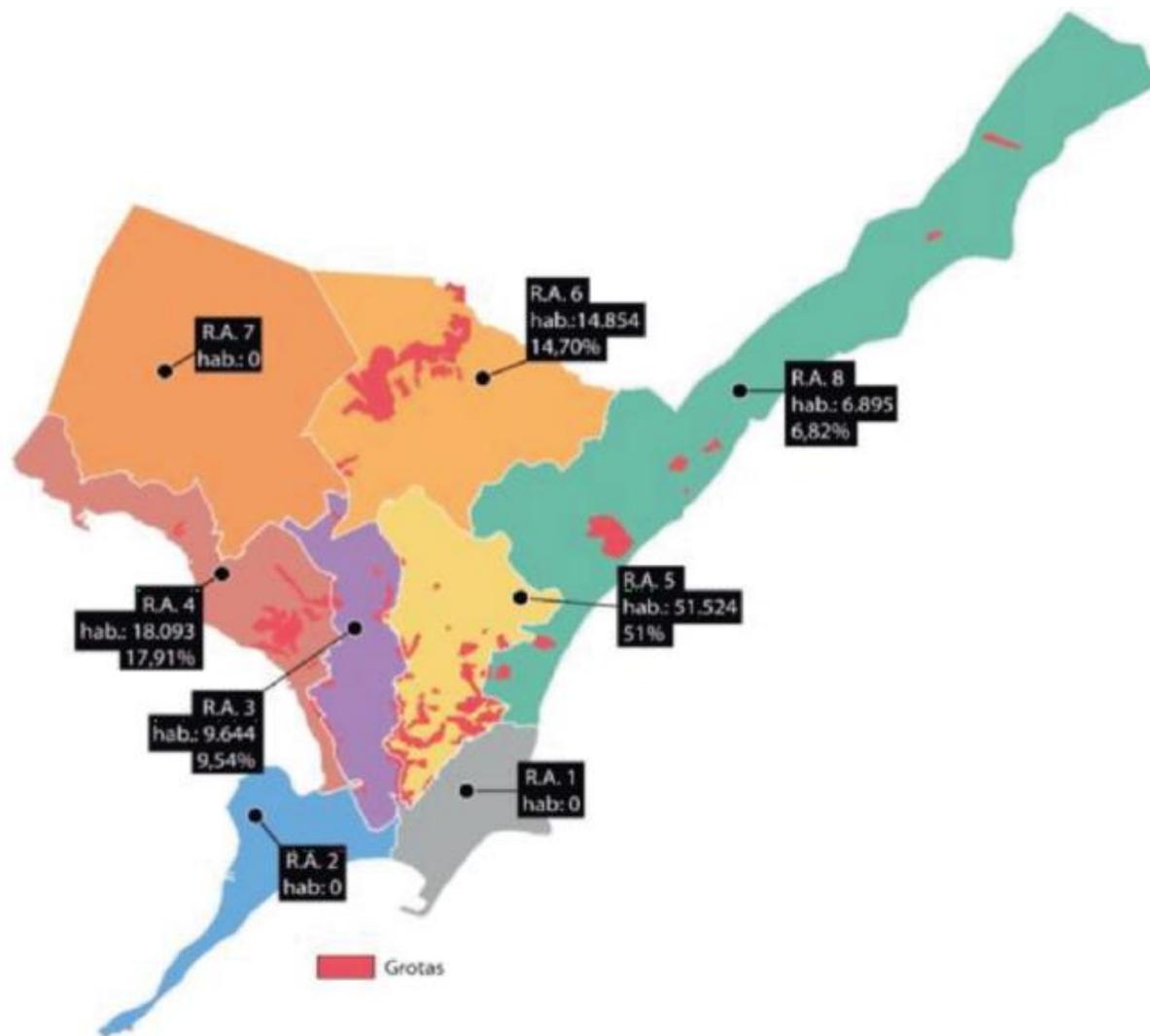


Figura 10:
 Cartografia das favelas e grotas em Maceió. Produzido pela autora (2018), com base no PLHIS (2010).



*Figura 11:
PROGRAMA DAS
NAÇÕES UNIDAS
PARA OS
ASSENTAMENTOS
HUMANOS. Relatório
contendo conjunto de
dados atualizados
sobre grotas. Maceió,
2019.*

Os territórios formados em fundos de grotas conformam as principais áreas utilizadas para a instalação de comunidades pobres em Maceió. Segundo Relatório da ONU Habitat (2019, p.8) “12% da população total [da cidade] vive em aglomerados subnormais. Desses assentamentos, 100 (cem) estão localizados em “grotas” - fundos de vales, alguns mais estreitos, outros de maior largura.”³⁸ Essa caracterização permite que grande parte dos territórios de

³⁸ Segundo a ONU Habitat (2019, p.12-14) são eles: 96 FM, ÁGUA DE FERRO (Grota do Sossego, Amizade e São Jorge), ALDEIA DO ÍNDIO (Grota do Ary), ALDEIA DO ÍNDIO II, ALEGRIA, ALTO DA BOA VISTA, ALTO DA VITÓRIA, ALTO DO BOI (Alto da Boa Vista e Grota da Ipioca), ALTO DO CEU, ALTO DO SÃO RAFAEL, ARROZ, ARTEMISA (Grota do Estrondo), BAIRRO TREZE, BELA VISTA (Grota da Boa Vista), BOLÃO I, CANAÃ (Grota do Canaã), CANAÃ EXTENSÃO, CAPITÃO CORREIA (Grota do Correia 1 e Grota do Correia 2), CHÃ DE BEBEDOURO (Macaxeira 2), CHÃ DA JAQUEIRA, CONJUNTO LUIZ PEDRO, CONJUNTO VITÓRIA (Jardim Petrópolis 1), CORONEL PARANHOS (Bananeira), DO GINO, ELDORADO (Vale Eldorado), FERNÃO VELHO (Grota Vila Goiabeira), FLECHAL DE BAIXO, FLECHAL DE CIMA, FREI DAMIÃO, GROTA DA ALEGRIA (Grota Belo Jardim), GROTA DA CAVEIRA (Grota da Alegria), GROTA DA ESPERANÇA, GROTA DA PAZ (Grota Frei Damiano 2), GROTA DA PRINCESA, GROTA DO ANDRAÚJO, GROTA DO ARY (Morro do Ary), GROTA DO CARIMBÃO (Grota Givaldo Carimbão), GROTA DO CIGANO, GROTA DO CORREIA, GROTA DO INHONHO, GROTA DO JOSÉ MIGUEL (Boa Vista 1, Boa Vista 2, Boa Vista Baixo, Vila Almeida e Alto da Boa Vista), GROTA DO MACACO I, GROTA DO MOREIRA, GROTA DO RAFAEL (Grota do Olivial), GROTA FREI DAMIÃO, GROTA JOSÉ MIGUEL, GROTA LUCILIO SIMÕES, GROTA PRINCESA DAIANE ou MORRO DO ARY, GROTA SAMAMBAIA, GROTA SANTO AMARO, IPANEMA (Grota do Arroz e Macaco), ITABAPUÃ (Piabas), JARDIM ALAGOAS, JOÃO MALAQUIAS, JOSÉ MIGUEL

miserabilidade estejam intrincados nos sulcos da malha geográfica de Maceió, o que faz com que a chamada “periferia” urbana seja na verdade costurada e multiplicada por toda a estrutura da cidade, possibilitando que se avizinhem com as centralidades e tenham acesso à sua rede física. Dessa forma, apesar de não serem exclusivas de Maceió, essas morfologias ecoam espaços subterrâneos e abafados,

PEQUENO, LADEIRA DA MOENDA, LADEIRA LOPES TROVÃO, LIXÃO DA COBEL (Vila Emater I e Vila Emater 2), MACAXEIRA, MOCAMBO, MUNDAÚ, MUTANGE (Grota do Mutange 2), NOVO JARDIM (Vale do Eldorado), OURO PRETO (Grota do Grutão), OURO PRETO 1, OURO PRETO 4, PAU D'ÁRCO I, PAU D'ÁRCO II, PAU D'ÁRCO III, PEDRO GOMES FILHO (Grota da Alegria), PICA PAU, POÇO AZUL, PRINCESAS (Grota do Sossego), RECANTO NABAL (Grutão), REGINALDO (Grota do Triunfo), REGINALDO II, RIACHO PENEDINHO, RODOVIÁRIA, ROTARY (Grota do Aterro e Novo Mundo), RUA BELO MONTE (Aldeia do Índio 3), RUA CINCO IRMÃOS, RUA DO POSTO, RUA DO TELÉGRAFO, RUA MANOEL VIANA, RUA SANTO ANTÔNIO, RUA SENHOR DO BONFIM (Travessa Mota Alencar), SANTA HELENA (Grota Monte Azul), SANTO ONOFRE, SONHO VERDE DE ESPERANÇA, SONHO VERDE VIZINHO, TABORA (Grota da Ipioca, Facão e Planalto do Ipioca), TRAVESSA FLORESTA, TRAVESSA NITERÓI, TRAVESSA NORMA PIMENTEL (Grota da Iracy, Paredão e São Caetano), VERDE (Grota do Mutange I), VERDE VALE (Grota Santa Isabel), VILA COREIA, VILA DO FEITOSA I (Grota do Macaco I e Vale da Amizade), VILA DO FEITOSA II (Grota da Moenda), VILA MARIANA.

marcados por uma apropriação histórica e progressiva, o que as tornam elementos básicos de identificação e organização do território urbano.

Entende-se que tais áreas representam características individuais pertinentes às suas configurações estabelecidas, por isso, tornam-se manifestações físicas das comunidades que as apropriam. Essa ocupação reflete uma tentativa de alcançar com as próprias mãos os aspectos básicos de direito, a que são privados essa significante parcela da população. Tal proximidade com demais espaços da cidade, auxilia no acesso que se mostra determinante para a contração de renda dentro e fora de suas geografias. Ainda que esses locais sejam desprovidos de infraestrutura mínima, ocupar as grotas significa, portanto, muitas vezes uma aproximação, e a única oportunidade, em recobrar o direito à moradia, ao acesso e ao trabalho.

Por outro lado, ao passo que a lógica desses territórios populares funciona movimentando-se em um nível do solo abaixo do que o que a “cidade” acontece, há um reforço do que se deve continuar sendo negado. Ainda que estejam omissas da paisagem, não se furta de que as narrativas desses lugares sejam moldadas pelos interesses dos veículos de informação das grandes mídias. Nesta razão suas lógicas

são constantemente postas de maneira rasa, exaltando a violência como sintoma de todo o lugar e do que se deve ser combatido.

A imobilidade com que a estética da pobreza usualmente é narrada, se faz principalmente entre os silêncios. No amontoado de fachadas mudas, despidas em tijolos, que encaram o observador e encarnam a narrativa das fronteiras. Por este motivo, são tão importantes trabalhos como o de Paola Jacques, que trazem a ginga e o corpo para a discussão acadêmica da favela. Em seu trabalho, Paola já indica que “mais do que o próprio espaço, é a temporalidade que causa a diferença” (2011, p.19). Não é a ordem ou o ordenamento que assumem as métricas primordiais desses territórios, o que não significa dizer que eles sejam desprovidos de lógicas próprias. Possuem. Muitas delas se intrincam na dinâmica do corpo, nas relações cotidianas possíveis e nos acordos exercidos por quem ali se encontra.

Ao recorrer ao corpo, seus gestos distintos e mutantes são postos à frente do imaginário inalcançável do mar de casebres. À medida que a aproximação é feita, as paisagens vão se solvendo. Trazendo informações diversas, que vão desde as sonoridades até os detalhes da arquitetura, que abriga grande parte das vezes, inúmeras funções.

Há muitas evidências que enfatizam a importância das redes de vizinhança nestes locais. Os vizinhos se conhecem e, diante da escassez, por vezes são seu próprio suporte. Mas para além de um acolhimento familiar, essas relações também são responsáveis por definir e regular o funcionamento do território. Uma rede de combinações com métricas tecidas em diversas camadas desse interno. Os traficantes, os líderes religiosos e comunitários, as donas de casa, os comerciantes, as crianças, todos incorrem sobre o lugar até determinado ponto e nas devidas proporções. Na ausência de órgãos reguladores, a influência e o respeito conquistado individualmente são determinantes para a vida em comunidade. Esse aspecto interno não diminui a dor de se viver em meio à violência, que permeia aspectos físicos, psicológicos e emocionais, mas é uma alternativa para a multiplicidade, que qualifica as formas de vida nesses locais.

Nem mesmo as fronteiras dos seres são rígidas. É comum que as posições dos indivíduos, não apenas conversem, como transmutem. O traficante que é filho de carroceiro, o ex-dependente químico que é líder comunitário, o ex-traficante que é líder religioso. Direta ou indiretamente, estar ali é relacionar-se com a complexidade e

pluralidade latente do que se faz possível diante de escassas oportunidades.

Certa vez, conversei com um homem que já havia vivido o mundo do crime. E que apesar de estar em uma realidade diferente, a proximidade com outros infratores e a inserção da moradia em uma zona de maior conflito na grota, manteve seu convívio com aquela dinâmica anterior. Ele contou sobre um infiltrado de outra facção, que alugou uma casa por lá e foi descoberto apenas depois de um certo tempo de convivência. Ao saberem da verdadeira intenção do inserido, deram um sobreaviso para que ele fosse embora em um dia. Ao não sair, foi morto. Depois deste fato, houve uma pequena guerra entre as facções, o que acarretou em mais mortes nos dias que se seguiram. Este ocorrido foi marcante por coincidir com o dia em que seria realizada uma visita de campo, e por isso teve que ser remarcada.

Entretanto, esta não é a única forma de violência presente nas grotas. Em épocas de chuva, muitas vezes suas encostas, também chamadas de barreiras, correm o risco de deslizamentos causados pela pouca permeabilidade do solo e eventuais sobrepesos de construções. Seja para quem habita o fundo das grotas, preocupados com a iminência de porções de terra invadirem seus quintais, seja para quem

se instala no alto das encostas, no receio que a casa desabe, essas barreiras provocam uma situação de tensão e atenção por parte dos moradores. Por vezes esses deslizamentos acarretam em mortes ou na perda de bens adquiridos com esforço e dificuldade.



Figura 12: Casa atingida por um deslizamento de barreira, no fundo da Grota da Alegria, Benedito Bentes - Maceió. Fonte: Karina Tenório, 2018.

Voltando à questão da grota específica sobre a qual se debruça esta dissertação, desde seu sítio inicial, o Vale do Reginaldo foi demarcado pela narrativa de concessão das terras para os menos abastados que paulatinamente se instalavam na beira de seu riacho, que de início se referia apenas à área de propriedade do Juiz Reginaldo Correia de Melo, estendendo-se do Poço até o bairro do Farol. “Por atravessar as terras do Reginaldo, o riacho ficou assim também conhecido, pelo menos no seu trecho mais próximo à foz.” (História de Alagoas, 2018, s/p.). Entretanto, com o tempo, todo o curso do riacho foi sendo apropriado por habitações de baixa renda. De modo que, hoje, o então Vale do Reginaldo é conhecido por abarcar toda sua extensão, iniciando no bairro Jardim Petrópolis com sua nascente na grota do Poço Azul e terminando no bairro do Poço, próximo ao curso final do riacho, quando desemboca no mar.

A drenagem dendrítica da bacia do Vale do Reginaldo perfura o coração da malha urbana, incorporando a parte alta e baixa da cidade ao esbarrar em 17 dos seus 50 bairros (Santa Lúcia, Antares, Jardim Petrópolis, Ouro Preto, Canaã, Serraria, Gruta de Lourdes, Barro Duro, Feitosa, Jacintinho, Pitanguinha, Farol, Mangabeiras, Jatiúca, Poço, Centro e Jaraguá) (LIMA JÚNIOR, 2009, p. 23-24). Ele é considerado

um grande complexo com cerca de 21 comunidades de grota existentes, sendo elas: Reginaldo I, Reginaldo II, Pau D'arco I, Travessa Niterói, comunidade Maria de Fátima, grota do Bom Conselho, Artemísia, Moenda, Vila do Feitosa, Canal 5, grota da Esperança, Vale Eldourado, Novo Jardim, Pedro Pedrosa, Aterro, Rotary, Travessa Boa Esperança, Recanto Nabal, Ouro Preto, grota do Canaã, grota Poço Azul.

Os enredamentos entre a influência do riacho Reginaldo e a cidade, também se fazem pela questão histórica.

“Teve ou tem quatro nomes o riacho que dividia a capital alagoana em dois bairros principais: Massayó ou Maceió, Rego da Pitanga, Reginaldo e Salgadinho. Não se sabe se Massayó ou Maceió foi o nome do riacho transmitido ao sítio, ao engenho e, posteriormente, à povoação, ou se, ao contrário, desta é que o pequeno curso d'água teria recebido denominação.” (LIMA JÚNIOR, 2001, s/ p.)

³⁹ “Maceió teve sua origem num povoado de pescadores que cresceu impulsionado pelo comércio de mercadorias proporcionado pelo porto de Jaraguá. Tornou-se importante empório comercial a partir do século XIX, quando o açúcar produzido nos engenhos era desembarcado através dos trapiches do então povoado que se avizinhava ao porto. O crescimento a partir do comércio se deu no caminho do açúcar, com a ocupação dos bairros do Centro, Jaraguá e Levada. E mais tarde o povoamento se deu em direção aos bairros de Bebedouro, Trapiche, Bom Parto, Poço

Portanto, a área se encontra integrada à história de Maceió desde os seus primórdios.³⁹ No passado, o riacho Reginaldo era local para banhos, para lavagem de roupa e pesca. Ele vinha se desenhando longamente, como outros inúmeros rios e riachinhos que cortavam a cidade, até chegar ao mar. A partir do momento que Maceió recebe o estatuto de cidade e pouco tempo depois torna-se capital das Alagoas, o encontro do riacho com as águas salgadas que traçava diversos roteiros ao sabor dos ventos e mares, sofre uma retificação para melhor se coadunar com um plano urbanístico que também linearizava suas ruas e criava novas praças e prédios. Hoje, devido à falta de infraestrutura, suas águas se transformaram em um grande esgoto a céu aberto, que recebe dejetos não apenas da população que vive nos fundos de grota, como também de bairros vizinhos. O efluente então, abre brechas para novas demarcações, diálogos com o urbano e com suas formas de sobrevivência. Ao não mais encontrar o básico nesses

e Mangabeiras. Na década de 40 a população da cidade chegava a 90.523 habitantes. Mas foi a partir da década de 50 que se iniciou um acelerado processo migratório, agravando-se na década de 60, quando se deu o êxodo rural, oriundo da alta mecanização do campo em Alagoas. Esse processo provocou um crescimento da população na cidade, acarretando o início da ocupação das áreas de encostas e grotões da cidade, principalmente no vale do riacho Reginaldo e margens da lagoa Mundaú.” (ALENCAR, 2007, p. 78).

territórios, que permanecem sendo sucateados de assistência pelos poderes públicos, a miséria e as fronteiras que a cidade apresenta para eles só crescem.

Por ocupar posição central na malha urbana, como em outros casos recorrentes nas cidades brasileiras, o Vale acaba se comportando como um bolsão de pobreza extremamente bem localizado, o que lhe concede acesso aos grandes centros de comércio. Deste fato decorre o seu adensamento populacional, o que, contudo, não o impede de ainda ser provido de algumas poucas áreas livres e fazer fronteira com alguns conjuntos habitacionais fruto de tentativas de trazer o regramento da cidade do alto para suas regiões.

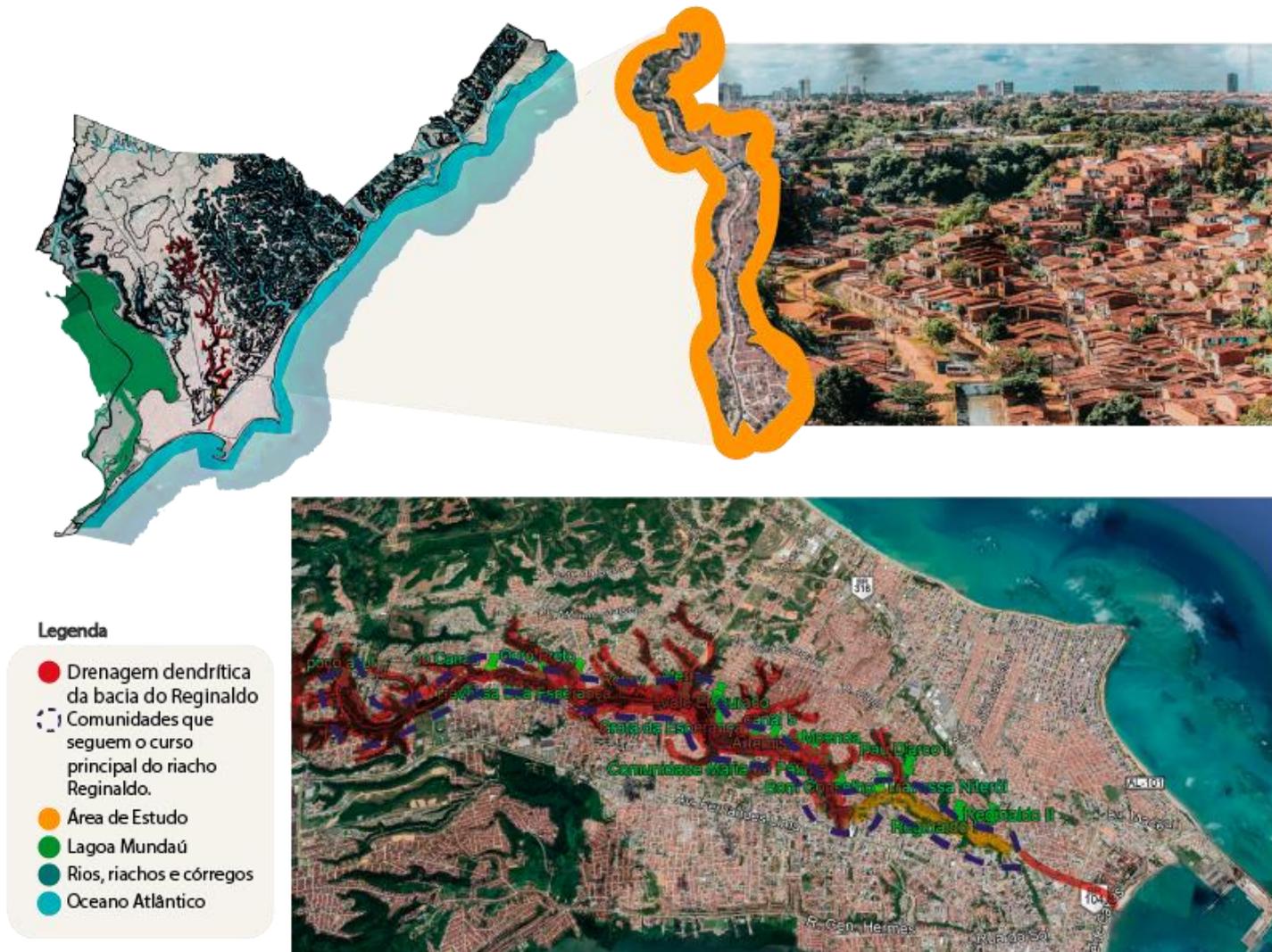


Figura 13: Localização da área de estudo identificada pelo PLHIS (2010) como Reginaldo I e II, comunidades do Vale do Reginaldo - Maceió, AL. Produzido pela autora, 2021.

Por sua grande extensão, a dissertação tem como recorte suas comunidades iniciais, identificadas pelo PLHIS (2010) como Reginaldo I e II e Travessa Niterói. Apesar de apresentar um certo crescimento do Índice de Desenvolvimento Humano Municipal (IDHM), de 0,584 em 2000 para 0,721 em 2010, de acordo com o Atlas de Desenvolvimento Humano no Brasil (2013), Reginaldo I e II apresentam IDHM de 0,625 e 0,573 respectivamente, enquanto unidades vizinhas como o bairro do Farol, apresenta 0,939.

Ribeiro (2010, p. 28) destaca a criação de “instáveis territorialidades” em meio (ou por sobre) políticas urbanas excludentes e sua materialidade na cidade. Embora não mencione propriamente a noção de limiar, a autora chama a atenção para “brechas, fraturas, passagens, deixadas, sem tratamento, pela instalação da última versão da cidade capitalista”, onde se instaurariam inversões de sentido, desarranjos de regras e desvios inesperados nas dinâmicas sociais e rotinas urbanas. Nessas territorialidades, ações, encontros, “virações” – prenes de ambiguidades, negociações e incertezas – atualizariam a experiência urbana, disputando a inscrição da “co-presença” no espaço público das cidades, em contextos que a renegam. (ROSA et al., 2017, p. 355).

Assim, pelas fronteiras que demarcam o Vale do Reginaldo não servirem apenas para separá-lo de outros territórios da cidade, mas para dissimular sua existência e reconhecimento na estrutura urbana, lidar

com esses tensionamentos em sua face mais emergente e porosa aparenta ser uma possibilidade para promover pequenos deslocamentos do que se encontra estabelecido.

Nem sempre pensamos que as cidades são acumulações de gestos e, assim, esquecemos essa invenção da duração e do tempo que eles instauram e que se compartilha, se rechaça ou sequer se dá conta. Esquecemos que a experiência urbana se realiza nesse convite intemporal de gestos e, portanto, em um território marcado pela sincronia de tempos cujos sentidos estão como que entre fechados, estabilizados e definidos pela *acronia*, dada pela indeterminação e pela abertura de sentidos. É ela, esta última, que questiona as próprias visões determinadas de tempo e nesse convite sempre renovados propõe a apropriação e, com ela, a conservação, a subversão, a invenção. (PEREIRA, 2017, p. 152).

Dessa forma, apresentado o local, como acessá-lo? Como chegar de forma a não priorizar tensões, mas se valer do aproximar mais aberto? Como engajar o corpo de forma plena nas incursões por territórios usualmente lacrados pelos rótulos da violência e do perigo? As inquietações foram acalmadas por uma paulatina contaminação com o lugar. E uma certa intimidade foi sendo construída passo a passo. A deriva se fez pelo permear dos passos por entre vielas, pontes, escadarias, em contato informal com seus moradores, buscando não necessariamente uma orientação pelo e com o meio, mas o simples

deambular pautado pela vontade de conhecer. Suar no calor do sol, ao caminhar por paisagens em sua maior parte descobertas. Ouvir as sonoridades que permeiam à vontade, desconhecendo as arquitetônicas divisões entre interior e exterior, se mostrando na vivacidade de músicas, sons dos animais, conversas, ronco de motores diversos. Cheirar as comidas sendo preparadas ao fogo, bem como os dejetos ao longo de seus espaços comuns. Ver paisagens que variam entre matas fechadas e aglomerados de casas, entre o alto e o baixo, entre a frente e o fundo. Conhecer na prática o sentido da geringonça, da gambiarra, do furdunço, do mocozar.

O limiar poderia ser pensado, então, como zona que guarda, em si, tanto a potência da mudança, da transição, da passagem, quanto seu próprio obstáculo? Ou, ainda como espaço-tempo em que essas dimensões podem, inclusive, encontrar-se superpostas, entrecruzadas ou interligadas? (ROSA et al., 2018, p.353).

2.3. A VIA DO MEDO: PERCURSO ATÉ ÀS MARGENS

Além de uma sensação, dentre suas colocações na estrutura hegemônica, o medo pode ser considerado tanto uma cultura, quanto uma política do urbano contemporâneo, sendo utilizado como uma forma de polarização e controle das dinâmicas da cidade, de modo a representar um limiar da estrutura social. Assim, quando se refere à pobreza urbana, se associa à escassez para afirmá-la como perigosa e violenta.⁴⁰

Neste contexto, antes mesmo de qualquer contato com o Reginaldo, o medo difundido no imaginário urbano local e alimentado pela disposição geográfica entre tabuleiros que configuram o vale, o apresentava como um território de clivagem, se portando como uma fronteira intransponível.

Entretanto, ao mesmo tempo em que estas demarcações inibiam a aproximação, acabaram por possibilitar o encontro com o outro em suas diferentes concepções de vida e visões de mundo. Expressiva

suas intenções, nos recusamos a confiar (ou não conseguimos fazê-lo) na constância e na regularidade da solidariedade humana. Castel atribui a culpa por esse estado de coisas ao individualismo moderno." (BAUMAN, 2009, p.2).

⁴⁰ "Poderíamos dizer que a insegurança moderna, em suas várias manifestações, é caracterizada pelo medo dos crimes e dos criminosos. Suspeitamos dos outros e de

parte do que se relata e se analisa nesta dissertação foi justamente fruto deste ultrapassar de barreiras. A depender do sujeito que o percebe, é possível encontrar uma diversidade de experiências e formas de conduzir a vida, que em muito surpreendem – do choque ao encanto – o contato direto com o Vale do Reginaldo.

Observa-se diferentes formas e demarcações do território, relativos a interesses individuais. Para o morador da grotta, este limiar é percebido diferentemente dos que se movem pela lógica do “formal”, como por exemplo o mercado imobiliário, ou mesmo para mim, como discente de uma instituição de ensino que ocupa um lugar de privilégio na dinâmica urbana.

O que representa uma barreira para determinada conjuntura, não necessariamente o é para outra ou pode ser estruturada por razões diversas. No campo da minha experiência pessoal, isso se reflete nas narrativas do meu diário de campo que apresento em seguida, e que foi elaborado enquanto etapa metodológica inicial pressupondo um encontro mais perceptivo e sensível com o interior do Reginaldo, quando este ainda se fazia um completo estranho. Portanto, o diário narra as impressões à distância, quase através de um olhar alado, até o

momento em que foi possível adentrar realmente e percorrer seus caminhos. Ainda que de forma gradual e diluída, o medo passa de um ofuscamento e impedimento à entrada, para uma via de percurso curiosa e ofegante até suas entranhas.

“Valendo-se da concepção arquitetônica de soleira e dos “gestos construtivos” a ela associados para refletir sobre a noção de limiar em Giorgio Agamben, Sedlmayer (2010, p. 269) descreve tais gestos como “dispositivos de acomodação e de conexão entre áreas territoriais de ordens divergentes e podem ser vistos como um tipo de articulação”, na qual dois (ou mais) mundos poderiam se superpor, ao invés de estarem rigidamente demarcados e apartados. Entretanto – Simmel já o apontara –, ainda que guarde a possibilidade da passagem, esta transposição implicaria a iminência do risco, do inseguro, do desconhecido. Também Behrens (2010, p. 102) faz notar que o limiar é “uma passagem pela qual não se pode passar sem nada nem menos – apesar de o limiar não ser um muro, nem uma grade fechada, nem uma grade intransponível.” De caráter mais simbólico do que propriamente físico, esses limiares muitas vezes articulam e apartam, a um só tempo, mundos hostis: “Transpor um limiar significa, portanto, atravessar uma zona perigosa onde acontecem batalhas invisíveis, porém, reais”. (GRIAULE apud BEHRENS, 2010, p. 108).” (ROSA et al., 2017, p.353-354).

**DIÁRIO DE CAMPO:
PRIMEIRO ACESSO AO REGINALDO,
28 DE JULHO DE 2018.**

"O CORPO SE PÔS ANSIOSO PARA PENETRAR AQUELE LUGAR. AS EMOÇÕES DERIVADAS DE SUAS IDEIAS ANTEVIAM UM ESPAÇO JÁ POSTO. A IMAGINAÇÃO PERMITIU TRAZER AS PRIMEIRAS EXPERIÊNCIAS COM O REGINALDO. ALI, A MINHA CONDIÇÃO REFLETIA UMA PRECARIEDADE E DESPREPARO PERANTE O DESCONHECIDO, O QUE EXPUNHA MEU CORPO. APESAR DAS GROTAS NÃO SEREM COMPLETAS ESTRANHAS, A INCERTEZA E O MEDO PRODUZIAM UM CORPO ATENTO E TENSO. NÃO CONHECIA, ATÉ ENTÃO, ALGUÉM QUE ME PUDESSE LEVAR AO REGINALDO, ATÉ SUAS MARGENS. LEVÁ-LO ATÉ A CIDADE VISTA. ATÉ MIM. ENTÃO, O CENÁRIO IMAGINÁRIO DO REGINALDO ERA PURAMENTE CARACTERIZADO POR IDEIAS ANTEPOSTAS, EXTERNAS. ERA BARULHENTO, VERTIGINOSO.

EM DETERMINADOS MOMENTOS, O TRANSITAR USUAL PELA CIDADE PERMEAVA A VISTA EM SEUS TRECHOS E ENTRADAS. A VONTADE EM ADENTRAR O LOCAL PROJETAVA O CORPO PARA ONDE ELE SE FAZIA VISÍVEL, MAS LOGO A IMAGINAÇÃO O PERDIA DE VISTA E A DINÂMICA VIOLENTA TRANSPLANTADA PELA MÍDIA ACOMPANHAVA-ME NO RESTO. HAVIA UM CERTO CONTROLE QUE SE DAVA PELO SEU DESCONHECIMENTO.

ASSIM, A APROXIMAÇÃO COM O REGINALDO FOI GRADUAL. A PRINCÍPIO PELAS JANELAS DOS ALTOS PRÉDIOS PRESENTES EM SUAS BORDAS, DE MODO A ESPIAR ENTRE AS BRECHAS QUE VIOLAVAM A CIDADE FORMAL, QUE LEVAVA ATÉ O MOVIMENTO DAS SUAS RUAS E DAS SUAS MISCELÂNEAS. HAVIAM DESCIDAS E RUELAS, O APERTADO E A SOBREPOSIÇÃO DO CONSTRUÍDO COM A NATUREZA E

O que nos vejo?

Quem são as grotas?

DO CONSTRUÍDO COM O CONSTRUÍDO, MAS TAMBÉM ELE SE MOSTRAVA COMO UM GRANDE CAMPO ABERTO, ONDE O TRÂNSITO OCORRIA DE MANEIRA MAIS FLUIDA. DO ALTO, OS OLHOS LANÇAVAM-SE SOBRE AQUELE MAR DE CASEBRES, UMA DIMENSÃO DE UM IMENSO DESCONHECIDO QUE FAZIA AUMENTAR O SENTIMENTO DE IMPOTÊNCIA PERANTE O LUGAR.

INGRESSAR POR ENTRE AS VIELAS TORNOU-SE POSSÍVEL DEVIDO AO ENCONTRO CASUAL COM UM CORRETOR IMOBILIÁRIO QUE ERA ANTIGO MORADOR DA ÁREA, E QUE ATUALMENTE RESIDIA NA VIZINHANÇA MAIS AO ALTO, EM UM BAIRRO DA CIDADE QUE TAMBÉM FAZ BORDA COM O VALE E SE DENOMINA JACINTINHO. ELE SE OFERECIU COMO GUIA EXPLORATÓRIO DE UM LUGAR QUE AINDA O PERTENCIA. MESMO QUE NÃO CIRCULASSE MAIS PELA REGIÃO, MANTINHA ESSA CONEXÃO ATRAVÉS DA VISTA DE SEU TERRAÇO, QUE SE DEBRUÇAVA SOBRE O REGINALDO. ASSIM, ATRAVÉS DE UMA CARONA NA GARUPA DE SUA MOTOCICLETA, ACESSEI O VALE PELA PRIMEIRA VEZ.

NA CHEGADA, ENTRANDO PELA RUA DIÉGUES JR., ELE ME PEDIU PARA QUE EU RETIRASSE O CAPACETE. MOSTRAR-SE VIRQU SINÔNIMO DE PROTEÇÃO. NO RÁPIDO MOVIMENTO DO TRANSPORTE, ERAM PERCEPTÍVEIS SEÇÕES DE PAISAGENS, FRAGMENTOS DE VÁRIOS LUGARES, QUE SE TRADUZIA REGINALDO. NO PRIMEIRO OLHAR, AS DEMARCAÇÕES SE FAZIAM MAJORITARIAMENTE PELA ARQUITETURA, SEUS TAMANHOS, ESTILOS, MATERIAIS E ACABAMENTOS, QUE POUCO A POUCO IAM SE TORNANDO MAIS BRUTOS. ENTRETANTO, O SOLO TAMBÉM SE IMPUNHA, O ASFALTO QUE CARACTERIZAVA A ENTRADA DA RUA IA SE DEFINHANDO ATÉ SE TRANSFORMAR EM TERRA BATIDA. NESTA SE NOTAVA MONTES DE LIXO E SUJEIRA QUE GERALMENTE SE ACUMULAVAM JUNTO À VEGETAÇÃO E SE COMBINAVAM AO MOVIMENTO DE CAMINHANTES, AUTOMÓVEIS E ANIMAIS. ESSES ASPECTOS CONFIGURAVAM SUA PRECARIÉDADE.

O ESPAÇO ERA VIGIADO, ALGUNS RAPAZES JOGADOS NA CALÇADA APONTARAM SEUS CELULARES SEM PUDOR PARA FOTOGRAFAR E REGISTRAR OS DESCONHECIDOS ROSTOS QUE INVADIAM SEU LUGAR DE CONTROLE.

ENQUANTO SEGUÍAMOS PELO CURSO DO RIACHO, O PILOTO DA MOTOCICLETA PAROU PARA MOSTRAR A PRIMEIRA PONTE, MAS ENQUANTO FALAVA, OBSERVAVA TUDO AO REDOR. NOTORIAMENTE ESTAVA TENSO, E APÓS RETORNAR AO PERCURSO, SAIU ENTRANDO NOS BECOS CADA VEZ MAIS ESTREITOS, DE MANEIRA AGRESSIVA E OFEGANTE. ELE QUE CRESCERAM POR ALI, AGORA PERTENCIA AO TERRITÓRIO VIZINHO, A COREÍIA. O APERTADO DO LUGAR TRAZIA UMA SENSÇÃO DE EMBOSCADA E EM DETERMINADO MOMENTO, HOUVE CONFRONTO COM ALGUNS HOMENS QUE CONSUMIAM DROGAS E FORAM SURPREENDIDOS COM A NOSSA PRESENÇA. COM AGILIDADE, O PILOTO VIROU PARA O PRÓXIMO BECO E SUGERIU A ENTRADA NA CASA DE UMA CONHECIDA DELE, DONA MARIA. INQUIETO, ENTRAVA E SAIA ENQUANTO REVELAVA SUAS INTENÇÕES AOS HOMENS QUE ALI ESTAVAM, ATÉ TUDO SE APAZIGUAR.

SUA PROXIMIDADE COM O LUGAR NÃO ERAM MAIS A MESMA, ISSO PORQUE O LUGAR TAMBÉM JÁ NÃO O ERA. APÓS DARMOS CONTINUIDADE À EMPREITADA, CAMINHANDO, FICOU NOTÓRIO COMO ELE PROCUROU PONTOS

ESPECÍFICOS DAQUELA LOCALIDADE, PONTOS DE FAMILIARIDADE, ONDE IMPORTAVA SE FAZER RELEMBRADO. ANDAMOS UM POUCO POR ENTRE AS VIELAS, MAS LOGO RETORNAMOS À SUA PARTE MAIS ABERTA, NAS MARGENS DO RIACHO. CRUZAMOS A TERCEIRA PONTE, POIS SEGUNDO ELE A QUARTA JÁ NÃO ERA SEGURA, IMBRICAVA-SE DE OUTRAS DINÂMICAS QUE NÃO ESTAVA DISPOSTO A CONFRONTAR. RETORNANDO JÁ DO OUTRO LADO DO CANAL, ERA POSSÍVEL OBSERVAR PEQUENOS COMÉRCIOS, UM DELES UMA BORRACHARIA, ONDE PARAMOS."

Ok não é jo?

Com São as grotas?

3. POSSIBILIDADES NO LIMIAR: AS PONTES E A NOITE.



Problema teórico e prático da fronteira: a quem pertence a fronteira? O rio, a parede ou a árvore faz fronteira. Não tem o caráter de não lugar que o traçado cartográfico supõe no limite. Tem um papel mediador. Também a narração o faz falar: “para!” – diz a floresta de onde sai o lobo. “Stop!” – diz o rio mostrando o seu jacaré. Mas este ator, pelo simples fato de ser a palavra do limite, cria a comunicação assim como a separação: e muito mais, só põe uma margem dizendo aquilo que o atravessa, vindo da outra margem. Articula. É também uma passagem. (CERTEAU, 2014, p.195).

Nesta cidade onde confluem distintos fluidos que se enredam a seus imaginários, formas de vida e territórios, as águas pedem passagens, e o que se define como fronteira pode vir a se tornar ponte. Ao se demarcar territórios frente outros territórios, em meio aos afastamentos, há possibilidade de aproximação e travessia. O encontro com o divergente, não necessariamente isola as unidades, mas carrega lógicas das relações que ali se fazem, pontos de inflexão, desvios, que podem ou não gerar restrições de acesso e circulação, indicando formas de organização e controle distintos. Fronteira, “à primeira vista é o lugar do encontro dos que por diferentes razões são diferentes entre si (...) a um só tempo é o lugar de descoberta do outro, e de desencontro.” (MARTINS, 1997, p.150). Dessa forma, passa a ser necessariamente o lugar da alteridade, sendo “o desencontro e o conflito decorrentes das

diferentes concepções de vida e visões de mundo de cada um.” (MARTINS, 1997, p.150).

Quando o território é explorado por diferentes temporalidades, gestos e relações, o limiar se torna além de um conceito, o percurso da investigação. Ao buscar estes limiares que confluem no território, certas subjetividades que isoladamente aparentam ser desconexas, passam a contribuir com seu entendimento em dimensões tanto simbólicas quanto materiais, mostrando-se operativa. Como reconhece Rosa *et al.* (2017, p.357-358), ainda que o fragmento por si só não pareça conter evidente racionalidade, quando somado a outros fragmentos, possibilita uma compreensão que se faz em suas zonas liminares.

Sobretudo no que tange à atenção aos limiares e às alteridades: seja invocando a possibilidade de ousar pensar devagar, de pensar de forma fragmentária, de buscar a multiplicidade e a riqueza conflitiva do real, de reconhecer a concretude irreduzível das coisas (como propõe Gagnebin em diálogo com Walter Benjamin); ou o “exercício do pensamento em trânsito, como campo de forças, nunca cerrado nem substancializado em área específica” (como enuncia Sedlmayer a partir de Giorgio Agamben); ou ainda a implicação do corpo do pesquisador na cidade, em suas zonas liminares, na disposição ao encontro, ao diálogo, à compreensão das “racionalidades alternativas” e à partilha de saberes e

produção conjunta de conhecimento com aqueles que as habitam e as produzem cotidianamente (como propõem Ribeiro, Arantes e Perlongher). (ROSA et al; 2017, p. 357-358).

Ao deslocar nossos sentidos no decorrer da experiência, se potencializam efêmeros desmanches de compreensões já arraigadas, para que não embarquemos na tendência de manter posta o unívoco ao invés de identificar diferenças. Ao não pressupor determinados rebatimentos da lógica oficial e dispor de outras narrativas, trazendo informações que permitam demonstrar o cotidiano de vida destas comunidades e suas razões, é possível alargar os recortes e dialogar com condições diversas de tempo e espaço que atuam nessa malha de complexidade.

No imergir da experiência em campo, as definições de Reginaldo I e II e Travessa Niterói reguladas pelos planos oficiais de planejamento, tornam-se disformes quase que de imediato. O discurso, pautado na administração espacial, suprime abordagens de identificação produzidas pelos próprios sujeitos; formuladas pelos usos, reinterpretações da própria configuração, nomenclaturas, e pela memória que se associa às referências visuais ou mesmo auditivas, que são passadas pelo contar, pelo contato com o outro, pelos sons do lugar.

Ou seja, mecanismos completamente diversos da disposição de documentos ou, de forma mais extrema, de todos os que demandam, para seu acesso, o critério da alfabetização.

Um dos elementos que se destacam nas narrativas em campo é a recorrente menção às pontes. Entre as margens que se formam ladeando o riacho e as comunidades que se apropriam do lugar, fazendo dali paisagens de vida, estas surgem como elemento de passagem, aproximação, mas também como referências espaciais e símbolos de territorialização.

Kátia: A gente divide aqui por pontes. Aí tem a primeira ponte, a segunda, a terceira, aí tem a quarta, que a gente fala que é a quarta, mas é aquela do...

Ana Karolina Carneiro: Afrânio Lages?

Kátia: Do Afrânio Lages... isso! Que já sai lá perto da rodoviária.

Ana Karolina Carneiro: Você acha que, então são quatro comunidades diferentes?

Kátia: É, seria isso.

Ana Karolina Carneiro: Seriam quatro?

Kátia: Era, por causa dessas pontes seria dividido por essas partes.

Ana Karolina Carneiro: Porque [quem] é da primeira, geralmente se relaciona com os da primeira?

Kátia: É, os poucos que se relacionam né?

(Trecho de conversa realizada no Vale do Reginaldo em 11 de abril de 2019).

Em sua fala, Kátia, residente do Reginaldo desde que nasceu, expressa a importância das pontes que servem para a travessia dos habitantes, não apenas como meros elementos de circulação por entre as margens do riacho, mas como mecanismos de referência e organização para sua população. “As práticas espaciais do cotidiano se revelam em situações específicas. Para além do “se localizar”, nos situamos no tempo e no espaço, criando conjunturas e contextos que ajudam a viabilizar nosso dia a dia.” (SERPA, 2020, p.101). Neste caso, existe uma seleção da rede de relações com que Kátia se articula, que notoriamente transborda para a maneira como ela enxerga a ordem física. Contudo, essa concepção se altera com outros moradores, ainda que seja unanimidade a utilização das pontes como principal referência de localização.

Ana Karolina Carneiro: E o que é que vocês acham quanto as relações das comunidades, por exemplo, dessa pra segunda ponte, pra terceira ponte, pra quarta ponte?

Samuel: Isso aí quem tem é maloqueiro, Reginaldo é um só meu amor. Maloqueiro é quem tem essa ideia, Reginaldo primeira ponte, segunda ponte... Ideia de maloqueiro. É ideia sem fundamento, entendeu?

Ana Karolina Carneiro: Aram.

Manoel: Reginaldo é um só Reginaldo, entendeu? Só Reginaldo.

Ana Karolina Carneiro: Não, eu sei que Reginaldo é um só. Mas assim, as relações?

Manoel: É... criaram essas ideia. Primeira ponte, segunda ponte, terceira ponte, tá entendendo? Isso é coisa nova.

Samuel: É coisa de maloqueiro isso.

Manoel: Isso é coisa nova. É uma família só, o Reginaldo é uma só família, é um só povo, é uma só comunidade. Só que a... a... a juventude, né? Vieram com esse pensamento negativo e criaram essa diferença. Porque primeiro você tinha a diferença de outro bairro. Depois você tem dentro da sua comunidade, não só aqui, todas as comunidades tem essa coisa, né? De cada um, um grupo daqui, um grupo da terceira, um grupo da quarta. É... Que não se bate bem, que não se entende bem, tá entendendo? Mas isso é o mínimo, é coisa pequena. Essas são coisa pequenas.

Ana Karolina Carneiro: Então não existia antigamente?

Manoel: É.

Ana Karolina Carneiro: Antigamente não existia isso?

Manoel: É.

Samuel: Só tinha uma ponte como é que ia existir? (Trecho de conversa realizada no Vale do Reginaldo em 11 de abril de 2019).

Manoel (68 anos) e seu filho Samuel, que conviveram com diferentes conformações do Reginaldo - inclusive em uma época em que o rio não havia sofrido retificação e sua população era menor - expõem algumas mudanças de sentidos com o passar dos anos. Diferente de Kátia (22 anos), eles discordam da concepção de fronteira que as pontes vêm assumindo ao repartir grupos. Isso fica claro quando Manoel critica a juventude. “É coisa de maloqueiro isso”, na tentativa

de desmoralizar essa perspectiva, por enxergá-la como negativa para a comunidade. Apesar disso, parece compreender que o surgimento dessas identificações foi concomitante à construção das pontes, “Só tinha uma ponte como é que ia existir?”. Assim, não é a utilização dessas pontes como referência espacial, mas a fragmentação da comunidade em grupos menores que aparenta criar incômodo aos depoentes.

Com a pandemia, outras fontes de aproximação também foram utilizadas para a investigação, como por exemplo perfis em redes sociais direcionados a tratar do cotidiano na comunidade do Reginaldo.⁴¹ Através de uma postagem interativa na plataforma *Instagram*, foi possível identificar que além das quatro pontes já mencionadas, que até então tinham sido as únicas citadas durante as conversas em campo, alguns moradores reconhecem mais duas pontes como marco de referência.

⁴¹ Os perfis são @babados_reginaldo e @reginaldo_milgrau, disponíveis no *Instagram*. Com a impossibilidade de estar fisicamente presente em campo, tive a ideia de buscar a aproximação através do contato cotidiano com as postagens via

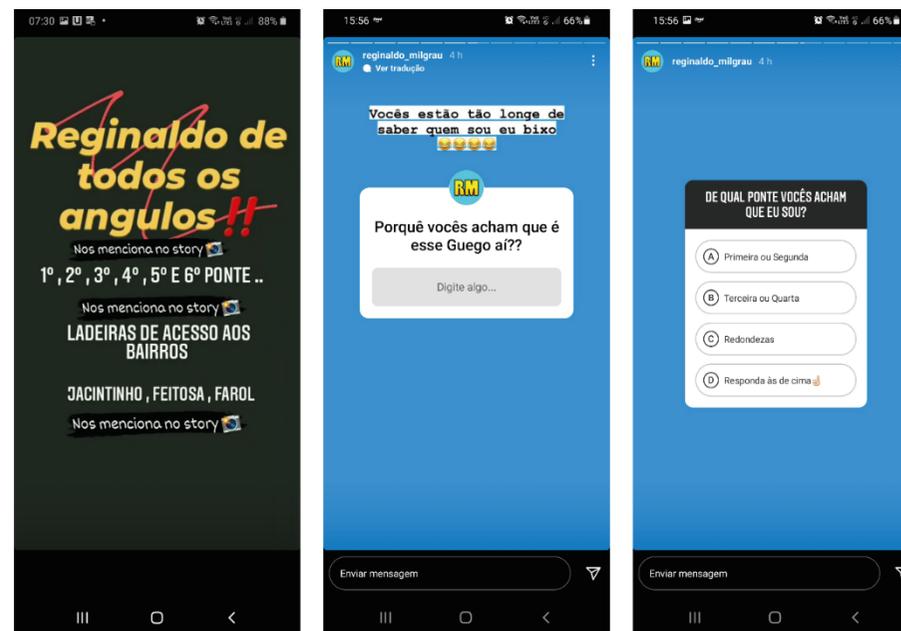


Figura 14: Prints publicação postada pelo @babados_reginaldo em 06 de abril de 2021, e publicações postadas pelo @reginaldo_milgrau em 26 de agosto de 2021, respectivamente. Produzido pela autora, 2021.

Aparentemente estas nomenclaturas surgem como um desenrolar do que já ocorria com as quatro primeiras pontes. Mas cabe supor que nem todos os moradores reconhecem a quinta e a sexta

Instagram. Por serem perfis interativos dos moradores do Reginaldo, sendo alimentado como um canal comum, este trouxe diferentes linguagens e nuances do que acontece em seu dia a dia.

ponte, que são mais recentes e bem mais estreitas que as outras quatro. Após visualizar o *post*, procurei me informar com alguns moradores com quem eu já tinha estabelecido diálogo, e estes afirmaram que não tinham conhecimento sobre as mesmas. Inclusive, um deles, gentilmente procurou por tais informações na comunidade, me ajudando a identificá-las espacialmente.

As pontes sempre retornam às falas dos moradores, e ganham evidência como marcadores das formas de organização do território. Para além de referenciar espacialidades, acumulam aspectos enredados às suas lógicas, ao tempo em que possibilitam encontros entre a comunidade que se formam na união das duas beiras do riacho.

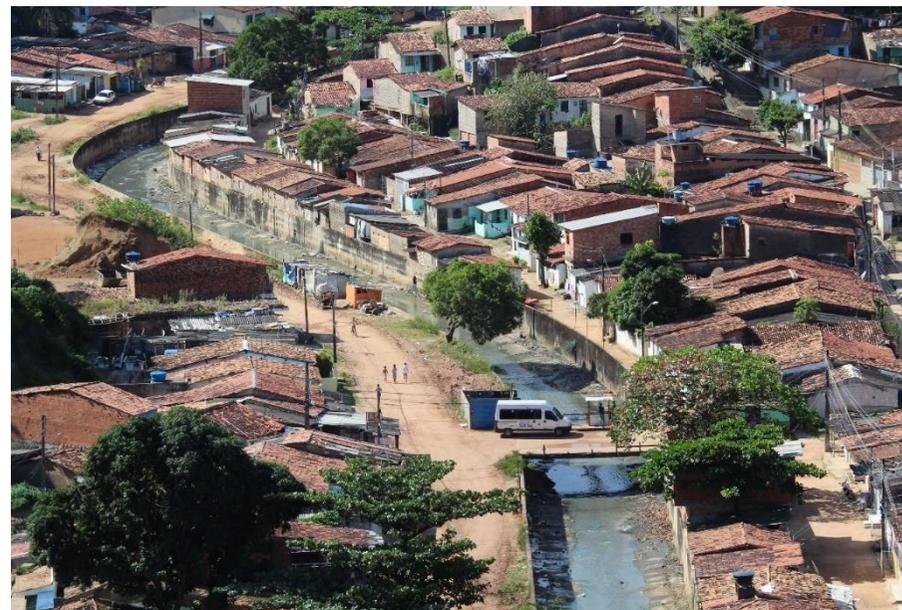


Figura 15: Registro da terceira ponte do Reginaldo, Maceió - AL. Produzido pela autora, 2018.

Entretanto, essa característica ligada às pontes, atravessa o Reginaldo interna e externamente. Ao realizar uma rápida busca na *Web* por Vale do Reginaldo, os resultados demonstram duas coisas: a imagem do lugar quase sempre sintetizada pela ponte da Avenida Afrânio Lages, como um marco que passa suspenso à comunidade; e as notícias de operações policiais diversas que fomentam o imaginário de um território perigoso e ilícito. Apesar de, *a priori* esta ponte ter a

finalidade de ligar os bairros do Farol, Jacintinho e Feitosa, ela não só é fundamental para unir a cidade do alto com a cidade da parte baixa, próxima ao mar, como também com a cidade do fundo, o Vale. Reformulando seus caminhos e ensejos, criando opções de uso ao irradiar a cidade através das diversas formas de circular, mas também por uma apropriação que toma partido desse elemento como um lugar comum do Reginaldo, ela é ressaltada em sua identidade, por vezes servindo como referência para a imagem do território.



Figura 16: Cena do clipe Criminal City - A Banca Foda-se. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=xOU3PRIjKEg>

Dessa forma, apesar da comunidade Reginaldo se reconhecer como pertencendo a todo o espaço inicial entre a Rua Comendador Calaça no Poço e a Travessa Niterói no Feitosa (área ilustrada no mapa a seguir), parecem existir desdobramentos de seus territórios que são reconhecidos na escala de quem utiliza o espaço. Apesar de haver um grande número de pontes que se diferenciam por seu material, diversificado em concreto, ferro e até mesmo tábuas de madeira improvisadas, a incorporação na dinâmica do Reginaldo se apresenta entre seis pontes em concreto encontradas ao longo do curso do canal. E por vezes a ponte da avenida Governador Afrânio Lages que passa suspensa ao vale, também conhecida informalmente por ponte da rodoviária, se sobrepõe à quarta ponte.

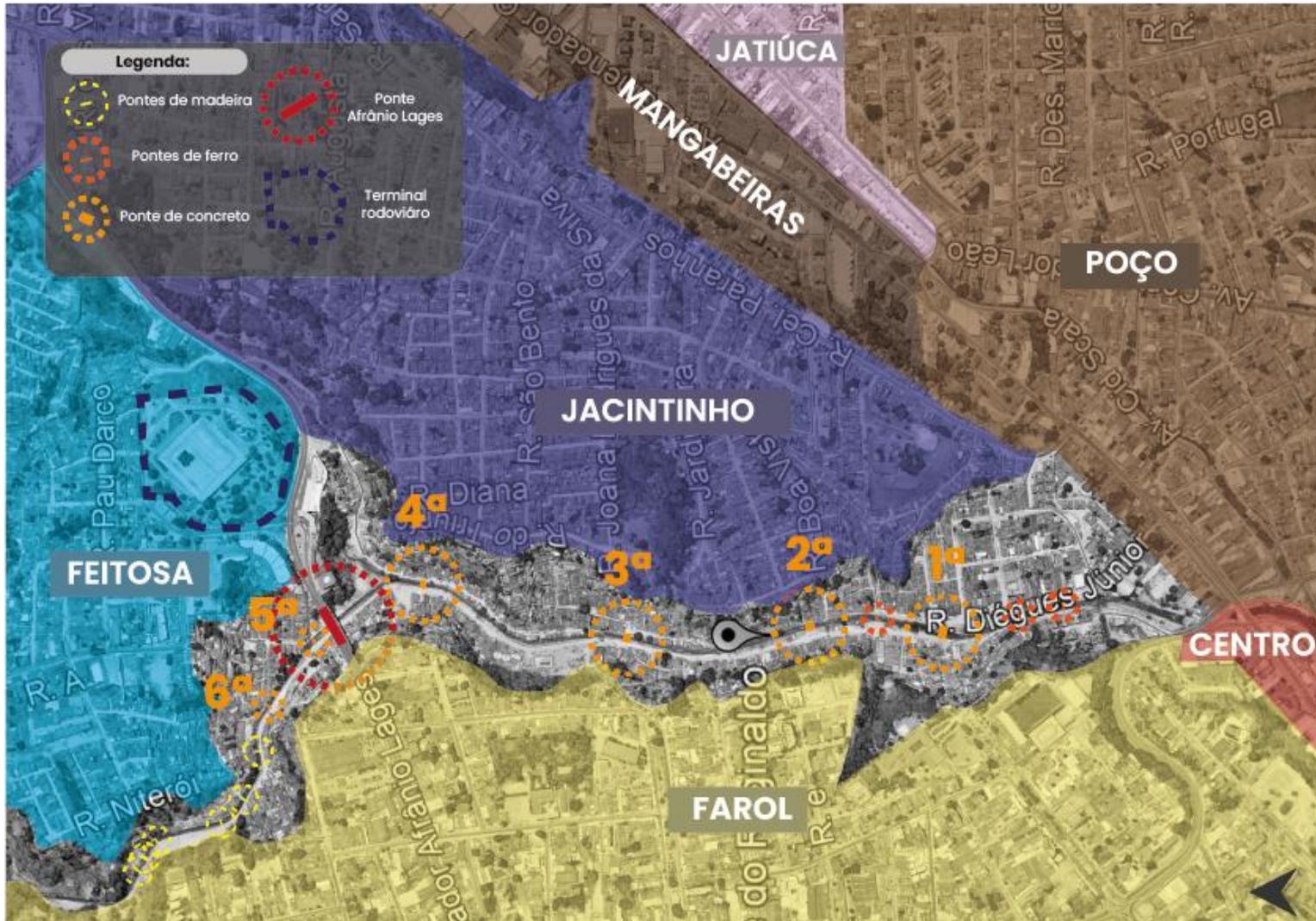


Figura 17: Mapa do trecho em análise. Produzido pela autora, 2021.

Em um espaço tão limitado quanto o que emerge dessa formação em depressões, e que lida com uma alta concentração populacional, usando dos terrenos menos previsíveis para levantar moradia, as pontes promovem uma área menos segmentada, alterando toda a dinâmica local por unir as duas margens do riacho, e proporcionando livre circulação e comunicação direta entre pessoas, comércios e caminhos.

Os atravessamentos que se fazem perceber no território parecem não cessar. Retornando ao depoimento de Manoel, que apesar de insistir na ideia de unidade da comunidade Reginaldo, discordando da compreensão de múltiplas formações territoriais, acaba reconhecendo durante a mesma conversa, outras formas de administração que tornam a se vincular com a estrutura da ponte.

Manoel: É, uma comunidade, o Reginaldo. Agora aqui, se divide o Reginaldo I, até a ponte da rodoviária. Depois da ponte da rodoviária aí vem o Reginaldo II, é outra associação, né? As vezes já transforma em outra comunidade por causa da associação que tem lá. O II né? É o meu amigo Edivaldo que é amigo da associação. De lá pra cá, da ponte pra cá, é Reginaldo I, só a diferença é essa. Mas num...., mas continua o Reginaldo. (Trecho de conversa realizada no Vale do Reginaldo em 11 de abril de 2019).

Ainda assim, esses territórios e os artifícios utilizados para reconhecê-los divergem entre si, ou mesmo não se relacionam com as pontes. Isso é mais evidente na área após a quarta, que faz fronteira com o bairro do Feitosa, nela não é apenas posto em questão aspectos que se relacionam à dinâmica do local, mas sobre como a comunidade se enxerga e se denomina. De acordo com o PLHIS (2010), a área é identificada como uma comunidade posterior às comunidades Reginaldo I e II, sendo tratada pelo nome de Travessa Niterói. Ainda que não haja uma única lógica por parte da comunidade para nomear e reconhecer o local, durante conversas com moradores, a área foi identificada como ainda sendo Reginaldo. Por esse motivo, assim ela é tratada neste trabalho.

As porosidades desse existir seguem sendo tecidas entre as impressões de outros locutores do espaço. Em conversa com Jeremias em 29 de novembro de 2019, outro depoente, este fala que o Reginaldo tem como referências às partes alta e baixa da cidade que o circunscrevem. Nesse caso, a parte compreendida como Reginaldo II, concentraria a área de ligação com os bairros mais altos do tabuleiro, havendo uma distância mais íngreme para o acesso aos fundos.

Enquanto que Reginaldo I corresponderia à parte baixa, caracterizando uma inclinação mais atenuada.



Figura 18: Corte longitudinal sobre as adjacências da primeira ponte do Reginaldo, que apresentou 10 metros de altitude a menos se comparado ao corte abaixo, nas mediações da Afrânio Lages, representando o Reginaldo II. Produzido pela autora, 2020 com auxílio do software Google Earth.

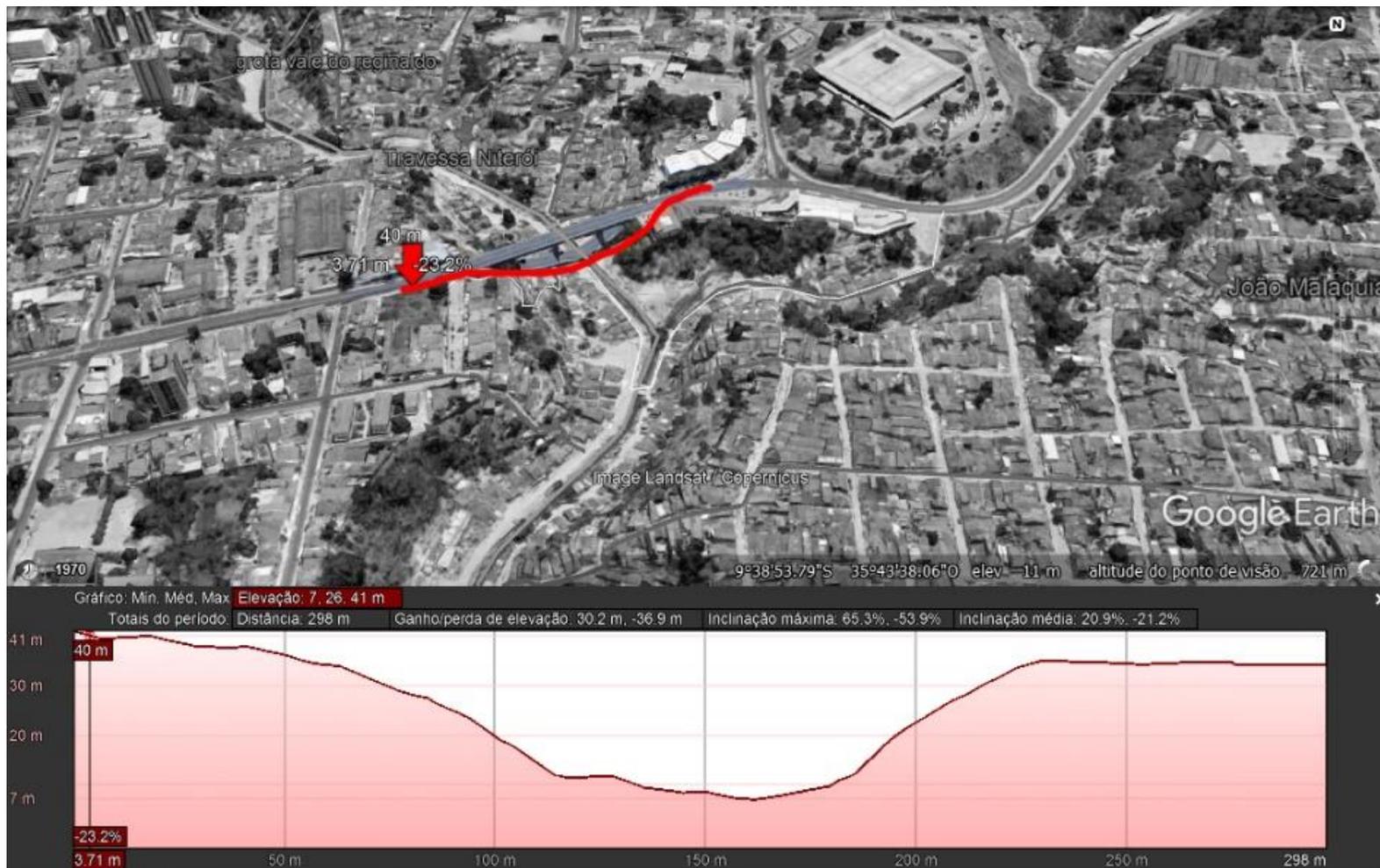


Figura 19: Corte longitudinal sobre as adjacências da ponte Afrânio Lages, que apresentou 10 metros de altitude a mais se comparado ao corte acima, nas mediações da primeira ponte, representando o Reginaldo I. Produzido pela autora, 2020 com auxílio do software Google Earth.

Essas demarcações atravessam inclusive uma condição de por vezes reconhecer a parte da frente do Reginaldo como sendo o vale, e a parte mais ao fundo como sendo a grota, ainda que estes sejam a continuação de uma mesma morfologia. Essa percepção se associa ao fato de que, particularmente, o Vale do Reginaldo apresenta sua área de entrada condizente com o nível da rua que a toca, por onde se define o início da rua Dr. Diéguas Jr. Apesar de conter outras alternativas de acesso acomodadas nos morros que acompanham sua extensão, essa característica incomum às grotas, que geralmente se encontram totalmente cercadas por declives, proporciona uma sensação menos agressiva de comunicação com o resto da cidade. Além disso, como pode ser observado neste outro trecho da conversa com Solange, essa forma de habitar se associa ao caráter marginalizado, à condição de miserabilidade e à ausência de infraestrutura que facilite um circular acessível frente à grandes declividades.

Ana Karolina Carneiro: E pra senhora qual foi a coisa mais feliz que aconteceu aqui?

Solange: Mais feliz, nenhuma.

Ana Karolina Carneiro: Quando a senhora chegou aqui tinham as casinhas de...

Solange: Tinha era ótimo! Eu gostava que só! Era de lá do começou umas casinhas, umas de taipa, depois foram fazendo de barro, tipo assim.... Mas era mais de tijolo. Até naquela pedra! Era ótimo que só, eu gostava. E eu

queria que um bocado de gente invadissem, pra fazer casinha pra morar.

Ana Karolina Carneiro: Oxe, mas era vazio?

Solange: Casa! Eu queria que fizesse algumas casinhas para as pessoas morar. Viesse e invadissem de novo, que nem tinha antigamente. Eu queria. Nem tira a gente, nem nada, quer que a gente vá pra casa social. A minha casa foi avaliada em 17 mil, que tem 7 cômodo a minha casa, toda assim, na cerâmica, quintal grandão... eu vou dar por 17 mil? Vou morar aonde, na grota é? Não, eu disse: eu num quero não que meu marido tem problema, num pode tá carregando peso, num pode... tudo que a gente vai fazer tem que chamar um outro pra fazer algum serviço e eu não quero não. Compre uma casa minha que eu saio.

Ana Karolina Carneiro: Uma casa pra senhora né?

Solange: É! Né não? 17 mil, aonde eu vou comprar? Nem nas grotas tem, que tem grotas que tem casa bonitinha que só.

(Trecho de conversa realizada no Vale do Reginaldo em 17 de agosto de 2018).

Portanto, suas unidades parecem não apresentar uma delimitação rígida quando se considera o depoimento dos moradores. Sendo fácil perceber que há uma variação nas identificações que se destrincham e se proliferam, e uma distinção quando se comparada à identificação da organização espacial ditada pela formalidade que pautam outras áreas da cidade.

A negação presente no cenário que a lógica cartesiana conforma para estas outras partes, promove, inclusive, uma certa

dificuldade ao tentar definir a rigidez com que esses territórios se reconhecem mesmo quando expressos pelos indivíduos que habitam o lugar. A fala a seguir é de um morador da comunidade Reginaldo e demonstra bem isso. Sua definição acaba sendo contaminada pelas demarcações externas que imputam os sentidos da sua inexistência. Ao tentar traduzir o que é Reginaldo, conduz-se a via do que ele não é.

Manoel: Reginaldo é o nome desse córrego, o nome é Reginaldo. Ele nasce lá no Antares, lá no Salvador Lyra, nasce esse córrego chamado Reginaldo. Porque Reginaldo não tem um bairro Reginaldo. Você não tem uma carta com Reginaldo, você não tem um... nada com Reginaldo. Reginaldo é o Riacho. É Poço, Farol, Jacintinho, Feitosa, Pitanguinha, e começa entendeu? É 'Moendas' ... Por aqui a gente vai passar, pegar 'Moendas', que é outra comunidade. Mas não tem um recibo de luxo com o nome Reginaldo. Não tem uma carta do correio com o nome Reginaldo. Não tem, entendeu? (Trecho de conversa realizada em 11 de abril de 2019, no Vale do Reginaldo.).

Desse desmonte, revelam-se numerosos contornos que o Reginaldo assume, é como se a mesma massa homogênea e indivisível veiculada pela mídia no seu caderno das notícias mais violentas, pudesse se fazer invisível agora ao ser fragmentada e incorporada como partes de distintos bairros, esvaindo o território ao acoplá-lo em diferentes nomenclaturas formais. Neste percurso confunde-se Reginaldo não apenas ao regulamentado, mas também às expressões

das diferentes comunidades encontradas no curso do riacho que têm seu desenho circunscrito pelo próprio estreitar da vegetação. É possível que unidades distintas façam fronteiras com o mesmo bairro, pois seu reconhecimento não se vincula necessariamente a essas demarcações. Isso demonstra mais uma vez como as comunidades de grota contém aspectos particulares refletidos em suas territorialidades.

Ao longo do estudo, as relações com o entorno também aparentam criar vínculos, caracterizados pelas mediações e seus modos de vida. As comunidades Reginaldo, dentre as tantas que habitam o longo Vale, se avizinham de cinco bairros com forte característica de centralidade na cidade, sendo eles Feitosa, Jacintinho, Farol, Poço e Centro. Ao analisar particularidades de cada trecho, há rasuras que derivam destes entornos nas próprias identificações locais. É comum, inclusive, que os bairros do entorno também surjam para denominar as diversas áreas do Reginaldo. Esse transbordo coloca a prática do território diretamente relacionada com os mecanismos formais do urbano.

Neste ponto, há uma outra camuflagem do Reginaldo que aflora materializada no ato de transitar. Não diz respeito a uma coincidência de apenas estar localizado entre os bairros, mas expressa uma

peculiaridade que só se faz possível compreender em via, com a experimentação, e que decorre da própria configuração que se faz do construído a várias mãos. Como já mencionado, diferente das comunidades de favela que se assentam nos altos dos morros, as grotas conformam-se com a referência do curso do rio. Em alguns casos, como no Reginaldo, isso permite que o seu fundo sirva como um atalho ao se atravessar pontos considerados distantes na malha urbana. Dessa maneira, o percurso que se forma na cavidade dilui a temporalidade do percorrer. Apenas com o caminhar, possibilita-se o acesso a importantes centralidades, e assim, a morfologia geográfica vira uma grande aliada inclusive se se considera as dificuldades frente ao desfrute de outros meios de transporte.

Valéria: Mas eu sempre gostei da moradia daqui. Aqui é bom porque é perto de tudo, é perto do mercado, da feira, do centro, a minha felicidade é essa. Porque quem mora longe depende muito de transporte e não é toda hora que a gente tem um real, dois real pra andar de transporte. Quando a gente não quer ir pro mercado, a gente vai pro mercadinho aqui, vai pro centro, tudo é perto. (Trecho de conversa realizada no Vale do Reginaldo em 17 de agosto de 2018).

A partir da dimensão cotidiana concebida nos depoimentos individuais aqui apresentados, se inicia uma conjectura do Reginaldo

que se compõe na sobreposição de territorialidades e perspectivas distintas. Dessa forma, as falas apontam percepções que se inserem em uma malha de relações conexa aos espaços.

Kátia: Boa noite Karol, vou te falar mais ou menos como seria para chegar aqui em casa, e assim.... se tem nome de beco, viela, essas coisas assim, assim, o que eu tenho uma noção mais.... Que eu sei... Eu, meu pai e minha mãe, é que a principal é a rua Diégues Jr. né? Quando você entra aqui, é, tanto no começo aqui, que tem o Maria Carrascosa, que é o colégio. Depois que você passa ali tem o mercadinho, aí já é a rua Diégues Jr. que é como se fosse.... é a principal do Reginaldo. Mais em frente tem os Correios, que é um ponto de referência, tem a **ponte** de ferro, né? **Tem a ponte de ferro** aqui de frente pra o mercadinho, tem **a outra ponte de ferro**, e mais na frente tem **a ponte de cimento**, que se diz **a primeira ponte**, que é onde eu moro, basicamente assim né? Aí você seguindo em frente seguindo pelo lado direito, você vai pegar em frente vai chegar no abatedouro, né? Na avícola. Você entra na rua, nos fundos do PETI, do antigo PETI Reginaldo é onde eu moro. É só entrar numa ruazinha, você já vê minha casa logo de esquina, basicamente é isso. Que onde eu moro aqui é conjunto Fraternidade, né? Aí se torna um conjunto aqui, mas seguindo pela principal tem a rua Diégues Jr. E assim.... onde eu morava, né? Que eu acho que eu lhe mostrei, que tem a minha outra casa, tem pra subir na ladeira do Seminário. Que a ladeira do Seminário, quando você sobe a ladeira, no finalzinho... quando você chega lá em cima, você vai dar de frente pro seminário, vai dar de frente pro seminário, e tem o colégio Marista. Daqui de baixo dá pra gente ver o colégio Marista, e lá de cima dá pra gente

vê tudo que é do Reginaldo entendeu? Aí pra ir pra outros lugares aqui do Reginaldo, tem uma ladeirinha aqui que sai pra ir pro Jacintinho, a gente chama aqui de Coréia, mas eu não sei se o nome é Coréia mesmo, né? E tem outra mais na frente, **lá pra quarta ponte** tem como ir pra rodoviária, eu já não sei o nome entendeu? (Trecho de conversa realizada via *Whatsapp* em 19 de outubro de 2020. *Grifo meu*).

Já que becos e vielas não possuem nomes, encontra-se outras maneiras de indicar suas localizações, perpassando pontos de referência dentro e fora da grotá. As pontes são responsáveis por expressar as mediações do lugar, utilizadas como uma forma de entendimento comum, acrescidas de outras camadas de informação que advém dos seus entornos. Cada referência se vincula intimamente à experiência de quem percorre o caminho como uma linha de sucessão construída por quem o utiliza, de forma que o traçado não é delimitado pelas ruelas, mas formado por referências próprias do lugar. Por essa malha não ser construída com rigidez, as referências partem da própria percepção que se dá no movimento corriqueiro, na presença dos prédios onde se instalam instituições, comércios e serviços, emprestando seus nomes ou mesmos suas características, a essa forma de identificação.

O Vale que não possui CEP, habilita as orientações por seus espaços através de nomenclaturas que na maior parte das vezes dialogam com suas formas de acesso ao resto da cidade. Na orientação de Kátia até a sua casa, os Correios e antigo PETI (Programa de Erradicação do Trabalho Infantil), presentes no início da área, são postos sob o mesmo estatuto dos tantos serviços e comércios que se avolumam no lugar como a avícola, por exemplo. Não sei quantas avícolas existem no Reginaldo, mas o conjunto: Correios – ponte de ferro – mercadinho – ponte de ferro – ponte de cimento – direita (margeando o riacho) – Avícola – “nos fundos do PETI, do antigo PETI Reginaldo é onde eu moro”, impossibilita tratar-se de uma avícola qualquer.

Ao olhar desatento de quem desconhece o lugar, muitos desses sinais podem passar despercebidos. No extenso e misturado conjunto de pequenos comércios e serviços, alguns se utilizam de placas ou pinturas feitas à mão, outros já são mais modestos e geralmente têm sua identificação atrelada ao suporte da própria rede de relacionamentos que se conforma no lugar, e que, portanto, são apenas acessados por quem é dali. Ainda assim, a referenciação é construída a

partir da própria circulação, da experiência vivida diariamente com a utilização desses comércios.

Para além de fornecer pistas das redes e fronteiras que se formam, afetando os modos de se locomover pelo espaço, a maneira como Kátia descreve o caminho até a sua casa, explorando códigos, subverte a compreensão da paisagem orientada por mecanismos formais, de um território cifrado. Observa-se indícios de táticas, projetadas no espaço para torná-lo “mapeado”, capazes de perfurar a cacofonia que o urbanismo estabelece para este local.

A partir de sua fala, pude me deparar com outras especificidades que até então desconhecia. Ao falar do conjunto Fraternidade e pontuar a ladeira do Seminário, Kátia promove quase que uma localização coordenada do espaço. Ao invés de números, enquadra sua casa em referências visuais internas e externas. Nada é regulado, não há nenhum documento que reconheça o conjunto Fraternidade, entretanto a denominação ancora-se nas referências espaciais, vistas paisagísticas que borram a nomenclatura, a história e a memória. “Que a ladeira do Seminário, quando você sobe a ladeira, no finalzinho... quando você chega lá em cima, você vai dar de frente pro seminário, vai dar de frente pro seminário, e tem o colégio Marista.

Daqui de baixo dá pra gente ver o colégio Marista, e lá de cima dá pra gente vê tudo que é do Reginaldo entendeu?”.

Aproximam-se expressões da vivência diária nesses espaços das relações com outros lugares da cidade, reconhecendo sua capacidade de acolher ambos os códigos. O gesto ganha potência e estratifica as condições de existência impostas, demonstra operações do lidar com concessões e organizações plurais.

Dentre elas, oculta pelas diversas fronteiras visuais que conformam o interior do vale, evidencia-se a centralidade popular conformada por pequenos, mas inúmeros comércios vicinais, encadeados nos diversos níveis de pobreza, como padarias, igrejas, borracharias, vendinhas, bares e lanchonetes, entre uma infinidade de outras ofertas que compõem a dinâmica local, e que não é revelada aos que não participam dela. Ainda que essa invisibilidade para a cidade formal seja mantida, o território serve de grande articulação econômica entre os habitantes do lugar e arredores.

Esse comércio não se finda nos estabelecimentos construídos em seu interior, mas cada ponto parece ser estratégico para determinada atividade, havendo o aproveitamento de cada espaço disponível. Como exemplo, os pontos de moto táxi que se instalam nas

pontes sem necessitar de qualquer construção, quando muito, têm sua territorialidade estabelecida pela presença de uma coberta, uma placa ou apenas pelas próprias motos. Esse fato faz com que as pontes ganhem mais uma sobreposição, servindo como zona de dispersão para a malha da cidade.

Não são somente os pontos de moto táxi que conformam zonas espaciais no Reginaldo. Há também uma forte demarcação que se faz nas margens do canal que se destina majoritariamente a cocheiras para a criação de animais. Essa dinâmica é relativamente recente, pois antigamente em seus locais haviam moradias que foram retiradas durante a relocação, realizada pelos órgãos públicos, para alguns conjuntos habitacionais.⁴² Os espaços que se tornaram vagos, rapidamente receberam a finalidade de abrigo animal. Isso parece ganhar estímulo em uma intensa multiplicação que diz respeito à própria reprodução biológica dos bichos. Muitos deles são encontrados

⁴² Pelo que foi conversado em campo, alguns desses moradores passaram a ocupar os conjuntos localizados no início do Reginaldo - Conjunto Habitacional José Batista

circulando livremente pelo local e eventualmente cruzam entre si no que seria o espaço público.

Ana Karolina Carneiro: Ô Seu Manoel, lá pra dentro também tem criação de muito animal ou é mais aqui na frente?

Manoel: Não entendi.

Ana Karolina Carneiro: Lá pra dentro também tem muita criação de animal?

Manoel: Ah fia, daqui até o final.

Ana Karolina Carneiro: E é?

Manoel: Até o final, até a Moenda, né? Você vai encontrar barraco. Onde tiver um terreno vazio, tem um barraco. Um terreno vazio, tem um barraco ou de porco ou de cavalo, ou de porco ou de cavalo. Não é aqui, é até o final você vai encontrar.

Ana Karolina Carneiro: Galinha não tem não?

Manoel: A comunidade é mista. Cavalo, porco e gente. (risos).

Kátia: Aqui é viú, daqui a pouco o pessoal tá passeando aqui com porco.

Ana Karolina Carneiro: (risos)

Kátia: É sério!

Manoel: É a comunidade mista. (risos).

(Trecho de conversa realizada no Vale do Reginaldo em 11 de abril de 2019).

de Almeida e Conjunto habitacional Geraldo Melo. Entretanto, a realocação também incluiu conjuntos mais distantes, em outras áreas da cidade.



*Figura 20:
Fotomontagem
cocheiras nas margens
do canal Reginaldo,
área da primeira
ponte. Produzido pela
autora, 2019.*

A comunidade mista já não mantém os ares de sítio, sua ruralidade é contaminada pelo urbano e atravessada pela condição de pobreza, em uma configuração espacial particular das grotas que, de certa maneira, cria diferentes ambiências desse diálogo com o entorno.

Por outro lado, a questão da ruralidade abrange outros aspectos. Não é apenas o Vale que não é visto de fora devido à sua geografia. De dentro, em trechos determinados, esquecemos completamente o resto da cidade. E o Vale vira um local interiorano, com seus bichos e plantas. Além de aglomerar uma grande quantidade de edificações, o lugar aflora o sensório por dispor de uma densidade de movimentos, atores e sons que se cruzam continuamente. Sua materialidade se expressa por ecos dessas tantas conformações que se amalgamam, se desmancham e entram em conflito, de certa forma, realizando a operação de invisibilidade ao inverso: agora é a cidade do alto que some.

Entre tais ecos, as pontes surgem neste trabalho como uma passagem possível para o explorar do Reginaldo dentre os tantos aspectos que poderiam me conduzir na experiência do lugar. Servindo como um fio condutor criado a partir das narrativas que vivenciam cotidianamente seus espaços, ao mesmo tempo que aproximam, por

vezes parecem gerar desvios. Isso se deve ao fato de se encontrarem ancoradas na associação permitida pela experiência, funcionando por vezes através de seu aspecto intangível e abstrato.



*Figura 21:
Fotomontagem pontes
no Reginaldo.
Produzido pela autora,
2021.*

Ao acessar o Vale do Reginaldo buscando aspectos cotidianos que muitas vezes aparentam ser ordinários, os limiars do território se expuseram como uma possibilidade para a emergência de um entendimento por um caminho irregular, elevando à superfície compreensões que se preservavam ocultas ou inibidas. Se fez como uma construção possível do que emergiu em resposta ao contato com o lugar, dos desdobramentos que se apresentaram pelos canais perceptivos e comunicativos, dos desvios que conduziram a diferentes encontros com o que pode ser compreendido Reginaldo. E, portanto, pode-se dizer que os limiars se fazem presentes também na construção deste capítulo, visando incorporar diferentes processos de subjetivação, narrativas e conceitos que surgem no percurso do trabalho. Em seu interior, a noção de limiar conduz ao cotidiano por compreender a individualidade, as passagens, o corriqueiro, o encontro e o desvio que, no contato com o campo, se apresentaram de maneira pujante.

A área da primeira ponte, corresponde ao início do Vale do Reginaldo, nas adjacências com bairro do Poço. Ela é talvez a área de maior borra entre parâmetros atribuídos ao formal e informal, a começar por sua entrada principal, pela rua Dr. Diégues Jr., que além de garantir uma passagem acessível, inclusive a veículos de grande porte, se faz perpendicular a uma das principais ruas da cidade, que levam ao bairro do Centro. A filmagem a seguir, permite entender melhor como se caracteriza este entorno.⁴³

<https://www.youtube.com/watch?v=xjvkFA2IJFk>



Figura 23: Registro da primeira ponte, Vale do Reginaldo - Maceió -AL. Produzido pela autora, 2019.

⁴³ A filmagem foi realizada no dia 20 de julho de 2021, ao passar pela rua Comendador Calaça, rua paralela à rua Dr. Diégues Jr.

Apesar disso, ao acessar Reginaldo, a paisagem do entorno é subitamente rasurada. De rua pavimentada, viaduto, equipamentos de pontos de ônibus, calçadas, logradouros e toda edificação provida de numeração, surgem características de conformidades mais carentes. A demarcação em paralelepípedo da rua Dr. Diéguas Jr. logo se transforma em terra batida, e a paisagem dá lugar à destoante presença de edificações mais modestas, amontoados de lixo, trânsito de animais e a presença de barracos feitos de tábuas e restos de materiais.



Figura 24: O busto de Diegues Júnior sinaliza o início da rua que leva o seu nome. À esquerda, vê-se a mesma rua pouco antes da primeira ponte, já no Vale do Reginaldo. Produzido pela autora, 2018.

Em meio a estas diferenças, a área da primeira ponte preserva certa associação com o entorno. A partir de depoimentos dos moradores e da análise produzida no mapa abaixo, percebe-se que ela

não apenas é circunscrita por ele, mas busca unir-se às suas demarcações quando possível, ou mesmo se associar a alguns aspectos que pertencem à sua lógica.



Figura 25: Cartografia da área referente a primeira ponte, Vale do Reginaldo - Maceió/AL. Produzido pela autora, 2020.

No mapa, percebe-se que esta região possui quatro ligações distintas com o entorno, que são adequadas de diferentes formas, mas que conservam a paisagem do Reginaldo camuflada. Esses acessos, são determinados tanto pelas edificações presentes nesse limiar, quanto pela possibilidade que a geografia permite. E parecem evidenciar a distribuição de quatro conjuntos, identificados como: Conjunto residencial Melo Costa, Conjunto residencial Fraternidade, Conjunto Habitacional José Batista de Almeida e Conjunto habitacional Geraldo Melo.

De acordo com o depoimento de Rogério, de 48 anos⁴⁴, o Conjunto Fraternidade, que recebe seu nome pela proximidade que tem com o Seminário Arquidiocesano de Maceió, foi edificado a partir de um incentivo do governo, mas contou com a colaboração de parte da população local para a construção de suas moradias. “Tinha os pedreiros profissionais, porém as famílias beneficiadas indicavam na família quem era pedreiro, quem era carpinteiro, quem era servente, quem tivesse uma afinidade, ou uma certa aptidão mandava esses parentes para ajudar na execução da obra”⁴⁵. A influência do Seminário vai além e contamina também uma das saídas que liga o Vale do Reginaldo com o bairro do Farol, conhecida como ladeira do Seminário, pela escadaria expor de imediato a visada da construção.

A evidência do conjunto Fraternidade deu margem para indagações sobre outros agrupamentos que se fazem presentes na região da primeira ponte. Então ao questionar Rogério sobre a presença de outras demarcações conformadas por essa mesma lógica, ele me

descreveu mais três conjuntos com tipologias distintas entre si. “O conjunto Melo Costa, onde Melo refere-se ao político Francisco Melo e o líder comunitário Cícero Costa, conhecido também como Cícero Meméia, muito respeitado na época.”⁴⁶, diferente do primeiro, teve um projeto prévio, evidente no traçado demarcado por ruas paralelas com partes calçadas em paralelepípedo, e pela presença de construções mais abastadas do que as que se pôde observar nos entremeios do Reginaldo. Ainda assim, o conjunto é formado por casas e encontra-se totalmente inserido na dinâmica do território.

Além de Rogério, durante a pesquisa, Manoel também serviu como fonte para trazer os conjuntos à luz do trabalho. Segundo ele, o conjunto Melo Costa, onde reside, e os conjuntos habitacionais Geraldo Melo e José Batista de Almeida foram construídos com a função de realocar os moradores do Vale do Reginaldo que sofreram com a cheia das águas⁴⁷:

⁴⁴ Transcrição do áudio de Rogério, via *whatsapp* em 20 de outubro de 2020.

⁴⁵ Transcrição do áudio de Rogério, via *whatsapp* em 20 de outubro de 2020.

⁴⁶ Transcrição do áudio de Rogério, via *whatsapp* em 20 de outubro de 2020.

⁴⁷ Apesar de não saber de qual cheia Manoel se refere, segundo o estudo de Holz (2010, p.121), a profundidade da mancha de alagamento na área já chegou a atingir 1 metro de profundidade dentro das residências, duas vezes nos últimos 10 anos. Além de 0,10 metros de profundidade dentro das residências atingidas, aproximadamente 5 vezes nos últimos 15 anos.

Manoel: Esse pessoal que mora aqui (conjunto Melo Costa), é igual o pessoal que mora...parecido com o pessoal que mora... ói, desse conjunto (Geraldo Melo) e daquele conjunto (José Bastista de Almeida). Saiu daqui de dentro do Reginaldo. Como perderam tudo como eu perdi, mas não tiveram sorte de ganhar uma casa, tá entendendo? Daí fizeram o Conjunto Melo Costa, Conjunto Melo Costa.

Kátia: Que é aqui atrás, né?

Manoel: É esse aqui, tudo é o Melo Costa.

Kátia: Ah, entrando nessa rua...

Manoel: É, toda calçada.... É toda essas rua aqui, todas elas são calçada.

Kátia: Aí a prefeitura calçou justamente por causa disso das cheias?

Manoel: É, ali é.... Aqui só é calçada só a principal. Do posto pra cá. Nem aquela descida pra chegar por trás do mercadinho é calçada, nem a rua que sobe, né? É calçada. Nenhuma é calçada, só essa principal e aqui, Melo Costa. (Trecho de conversa realizada no Vale do Reginaldo em 11 de abril de 2019).

Apesar de aparentemente terem sido realizados para a mesma função, eles divergem no tempo e no modelo que foram construídos. O conjunto Geraldo Melo tem a tipologia de blocos de apartamentos, e por se encontrar em uma das cabeças do vale, é visível por quem trafega fora dele. Funciona como um limiar, uma acomodação visual do que se faz aceito pela formalidade, ao passo que dissimula

⁴⁸ Não foi possível confirmar durante as incursões se o nome coincide com seu registro oficial.

parcialmente a vista do interior do lugar. Seu nome foi batizado pela própria população, por sua proximidade com a ladeira Geraldo Melo responsável por ligar os bairros do Poço e Farol.⁴⁸



Figura 26: Imagem produzida pelo google Street View e adaptada pela autora, 2020.

Seguindo o mesmo modelo, o conjunto José Batista de Almeida que leva o nome do pai do político Cícero Almeida, encontra-se no outro paralelo do Reginaldo. Com alguns dos seus blocos de

apartamento tendo ligação direta com outra ladeira da cidade, a conhecida rua Coronel Paranhos que conecta os bairros do Poço e Jacintinho.

Apesar desses lugares serem considerados já pertencentes ao Vale do Reginaldo, participando da sua dinâmica, para que fossem regulamentados, ambos receberam indexação do bairro do Poço. No anexo 1, é possível observar uma planta do conjunto, de posse de Marcos Antônio, morador e integrante da associação comunitária local, que está nomeada como Projeto Integrado Vale do Reginaldo. Neste caso, as habitações paradoxalmente dissociam as fronteiras entre o território e seu entorno, ao passo que concomitantemente as fortalecem pela condição de dissimular o interior do Vale, apartando sua visualização na paisagem.

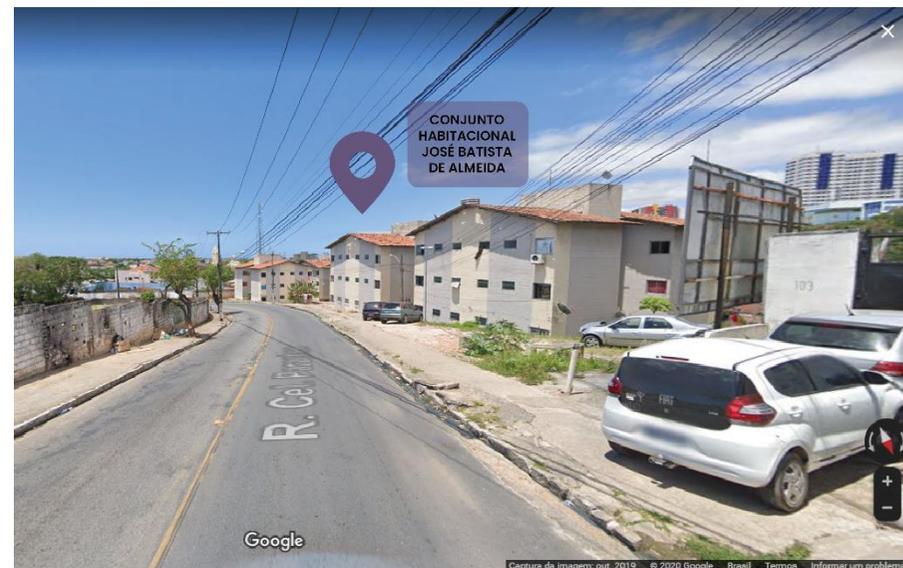


Figura 27: Imagem produzida pelo google Street View, adaptada pela autora, 2020.

Há, entretanto, outras características que distorcem o que seriam tais zonas liminares e que levam ao desembocar de ligações, que pelo seu aspecto improvisado se apresentam de uma forma mais camuflada em seu interior. Uma delas é a relação com o antigo cine Plaza, localizado no bairro do Poço, que foi “inaugurado na década de 1950 com capacidade para 700 pessoas.” (CHAGAS, 2013, p. 1736), e que hoje está em ruínas. A comunidade do Reginaldo que se localiza em seus fundos, abriu uma passagem pela qual é possível adentrá-lo. Para além de preservar uma sacada com vista para a rua e para a cúpula

da igreja do Bonfim, de uma forma sutil, pode-se perceber que em meio aos destroços do que um dia foi um importante cinema da cidade, se acomodaram outras funções. Essas funções são tão mínimas que é possível passarem despercebidas, ou mesmo de serem desconsideradas

por sua trivialidade. Encostados em uma de suas paredes, alguns eletrodomésticos velhos e o que parece ser um aviso pintado à mão “Não precisa se preocupar aqui estará sempre limpo” e ao lado, um outro, “Todo esse material vai pro ferro velho”.



*Figura 28:
Fotomontagem antiga
Cine Plaza, ruínas em
seu interior e vista
para a cúpula.
Produzido pela autora,
2019.*

Talvez sejam essas sutilezas, até então traduzidas pelas distintas acomodações de como se conformam as fontes de renda no espaço, que traduzam os grandes limiares produzidos pela desigualdade social. Ora fazendo-se com o mínimo material, ora replicando o que seriam os comércios formalizados, aparentemente, isso obriga essas pessoas a buscarem se aproximar de uma dinâmica que além de implantada fora de seus lugares, também lhes é alheia.

O áudio a seguir, foi gravado enquanto eu caminhava pela área da primeira ponte. Agora no interior do Vale, os sons de animais começam a aparecer. O cacarejar da galinha e o latido dos cachorros se mesclam aos motores dos veículos que transitam pela sua via principal. Conjunto aos ruídos do meu próprio corpo, que no passo a passo toca o solo de terra batida, algumas vozes e mesmo músicas, vem e vão. Não mais nas margens do que seria o Vale, mas agora, passando literalmente por cima da primeira ponte, algumas de suas efervescências continuam a possuir como característica, a busca pela renda.

<https://www.youtube.com/watch?v=Apw9BUr>

BcGg

No percurso é possível encontrar alguns bares que se destacam no ambiente através de suas sonoridades. Músicas, conversas e risos são facilmente identificados ao se passar por estes estabelecimentos. Entretanto, há muitos outros, com diferentes conformações, que não são revelados pela escuta. Com estruturas e materiais diversos, por vezes são menores e dispostos no meio da rua, como a vendinha de salgado; são fachadas adaptadas, como visto na venda de açaí; ou mesmo instaladas em barracos, como em comércios de frutas e verduras.

O depoimento do vendedor de frutas e verduras expressa uma outra relação com a cidade. Ele comentou que para abastecer a banca, compra do mercado da produção, no bairro da Levada ou da feira do bairro Tabuleiro, e expressou a dificuldade, cada vez maior, em manter-se diante do aumento de preços que os alimentos vêm sofrendo.

Vendedor de frutas e verduras: Eu que vivo o dia a dia dentro do estabelecimento... Como eu já disse, sou nascido e criado aqui, e nascido e criado trabalhando com isso. Comecei a trabalhar com 9 anos de idade. Com 9 anos de idade, eu dava conta de uma família com 6 a 8 pessoas, né? E tem um rapaz, que hoje ele mora na Jatiúca, é caminhoneiro, que me deu à luz de eu trabalhar com isso. Me ensinou, e eu agradeço a ele. Mas nem tanto hoje a gente pode dar continuação. Porque primeiro tinha condições da gente trabalhar, comprar

para revender. E hoje você vê, hoje tudo está caro. Você vai em um supermercado, um quilo de açúcar que tava um real e oitenta, tá quatro reais! Né? Um quilo de [não identificado], 7 reais. Um quilo de galinha, que era mais barata, hoje tá por treze reais. É a mesma coisa, eu digo, eu não posso aumentar as minhas mercadorias porque eu compro de um preço, e não posso repassar para outros porque eu levo nome xingado, e outros nomes que eu não posso dizer o que levo, né? Mas o nosso dia a dia é luta. É luta como eu digo sempre, é luta! Agora, hoje mesmo, tô esperando um rapaz aí pra eu pegar um empréstimo, pra ficar pagando, pra poder comprar mercadoria, né? [...] Ainda vivo de comprar fiado. Chegou ontem, essas bananas aí, outras que têm ali. Duas mil bananas pra pagar com oito dias. (Trecho de conversa realizada no Vale do Reginaldo em 20 de julho de 2021).



Figura 29: Fotomontagem vendinha de frutas. Produzido pela autora, 2021.

3.2. EM TORNO DA SEGUNDA PONTE: A COREIA, DIÁLOGO E DISPUTA.

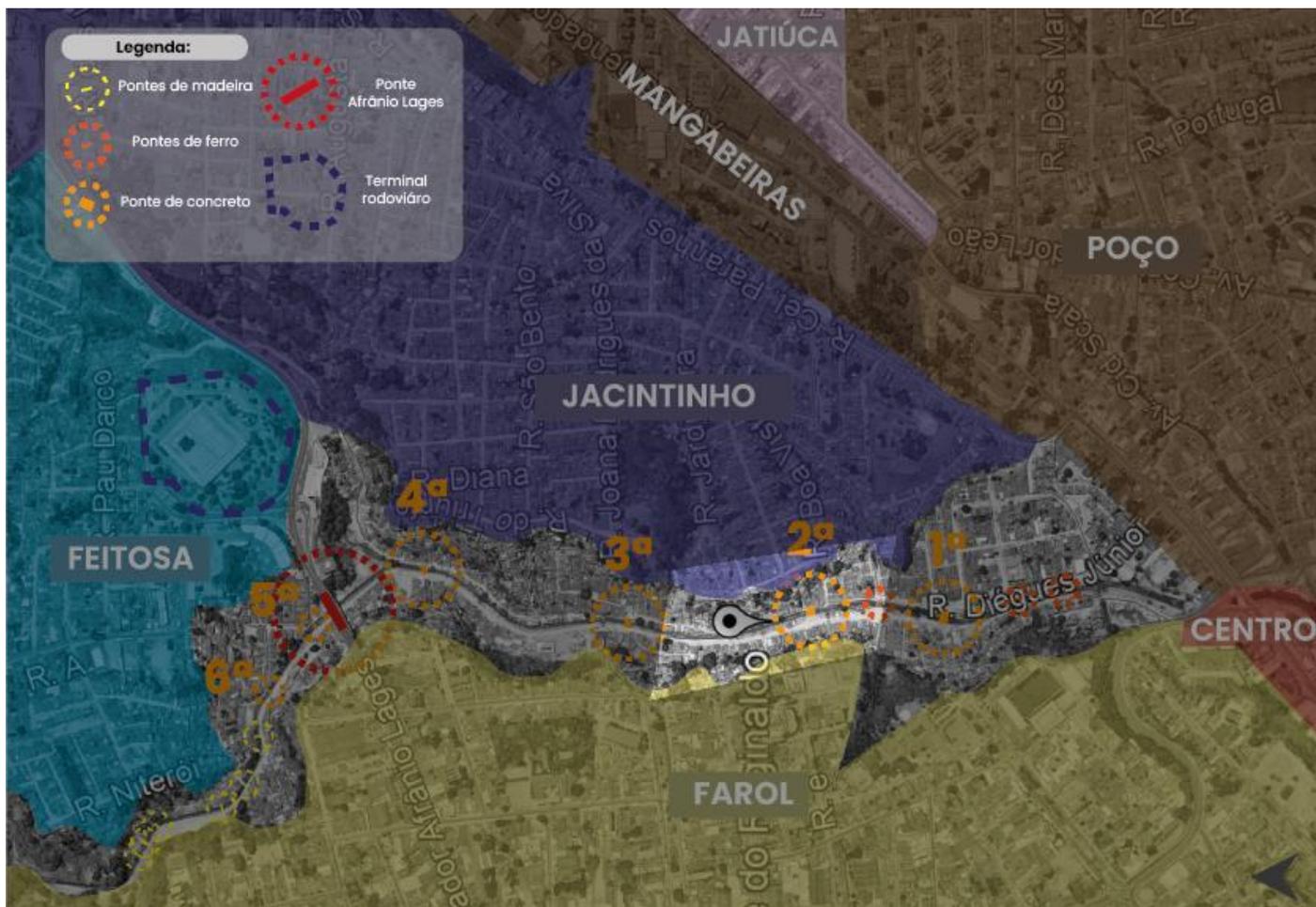


Figura 30: Mapa do trecho em análise, com foco na área segunda ponte. Produzido pela autora, 2021.



Figura 31: Registro da segunda ponte, Vale do Reginaldo - Maceió/AL. Produzido pela autora, 2020.

A área da segunda ponte carrega de maneira incógnita o limiar entre duas comunidades pobres e seus entraves. No encontro com a Coreia, no alto do tabuleiro que se refere ao bairro do Jacintinho, a ponte que acaba por estar nas entrelinhas da dinâmica entre esses diferentes territórios, por vezes parecendo se ausentar da questão, mantém sua referência ancorada nesta demarcação e em seus símbolos de diálogo e disputa.

*Figura 32: Registro do Reginaldo
abaixo do tabuleiro, e da Coreia acima.
Produzido pela autora, 2018.*



Do alto, essas comunidades provocam a constante impressão de reflexo, encontrando harmonia ainda que esteja partida pela mata ou por qualquer posição de confronto. Essa similaridade, que não é possível de ser observada na margem oposta, no Farol, aproxima a área do bairro do Jacintinho pela condição de pobreza existente nos dois territórios. Continuidade que também está presente nos acessos, como por exemplo a pista em paralelepípedo que conecta o Reginaldo à Coreia. Para além de qualquer conflito de interesses, esta presença demonstra a possibilidade de um vínculo.

Diferente da área da primeira ponte, não há tantas evidências da urbanização em sua paisagem, de forma que a interferência da cidade aparenta ter ficado para trás. Entretanto, ao me defrontar com esse caminho enquanto circulava por dentro do Vale, tive uma sensação de estranhamento. É mínimo, mas a rua larga, provida de meio fio, contém um aspecto do projetado. Essa expressão de infraestrutura em meio a uma área que tem sua paisagem montada por bricolagem, destoa e torna a evidenciar a mistura perante a esse “outro mundo”.



Figura 33: Registro da ladeira da Coreia, Vale do Reginaldo - Maceió/AL. Produzido pela autora, 2019.



Figura 34: Registro da ladeira da Coreia, Vale do Reginaldo - Maceió/AL. Produzido pela autora, 2019.

Pode-se dizer que além da ponte, outra grande referência da área é esta via de acesso que interliga os territórios irmãos, conhecida como ladeira da Coreia, fazendo referência à comunidade. Uma ladeira

sinuosa, que impossibilita que se tenha uma visada direta sobre ambos os territórios. Aqui, mais do que a ponte, a ladeira é quem faz o papel de liminaridade, apesar de ter como função a passagem, serve de palco para relações de disputa entre facções e também configura como um meio de controle.

Ao comparar as bordas dos tabuleiros que circundam a localidade, nota-se como essas relações entre o dentro e fora se fazem de maneiras distintas. Ao que se percebe, o ordenamento das ruas no bairro do Farol determina que seus desfechos sejam livres no encontro com o Vale, o que permite uma experiência de mirante nesses pontos. Já no bairro do Jacintinho, mais especificamente na Coreia, por quase toda a borda encontram-se edificações, uma expressão recorrente da pressão imobiliária que insiste em utilizar todos os espaços disponíveis passíveis de lucro para construir. Há sempre um que bloqueia visualmente o que se segue. A paisagem, no entanto, é possível de ser contemplada dos terraços das casas e, vice-versa, dos edifícios, o que, promove uma continuidade de visada e permuta, embora apenas visual.



Figura 35: Registro da vista para o Reginaldo do terraço da residência de João no Jacintinho – Maceió/AL. Produzido pela autora, 2018.

Por ser construída entre grotas e platôs, a cidade se move por uma lógica geográfica na qual essas descidas abruptas são propiciadoras de jogos visuais. Dessa forma, da região alta, é possível que qualquer ponto se transforme em um mirante. As paisagens que se apresentam, mostram cenas urbanas, podendo algumas vistas preservarem o frescor da mata, outras evidenciarem o solo argiloso de

cor avermelhada, ou mesmo essa visão de ocupações aglomeradas que se torna uma grande expressão de apropriação popular do solo. Permitem composições de pequenas amostras da cidade que se acomodam no horizonte, espaços antes distantes e partidos, que são passíveis de uma fusão nestas perspectivas.



Legenda:

-  Ruas que dão seguimento as saídas do Reginaldo
-  Caminhos que conectam o Reginaldo com seu entorno
-  Ponto de referência/visada paisagística do entorno próximo as saídas do Reginaldo
-  Ponte de ferro
-  Ponte de concreto
-  Trecho do Reginaldo que margeia o Jacintinho
-  Trecho do Reginaldo que margeia o Farol

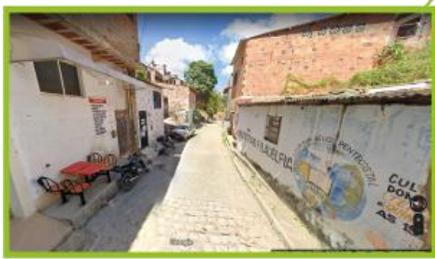
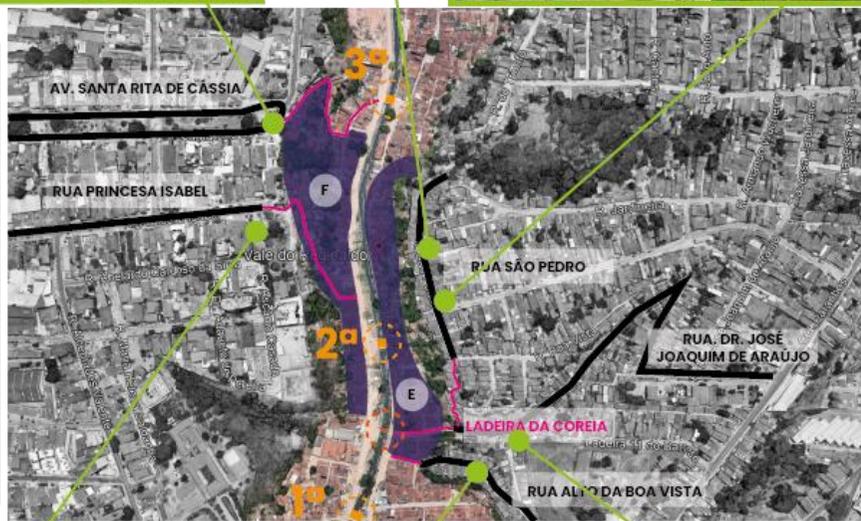


Figura 36: Cartografia da área referente a segunda ponte, Vale do Reginaldo - Maceió/AL. Produzido pela autora, 2020.

Analisando a cartografia da área da segunda ponte, percebe-se que apesar de uma comunidade se encontrar ao fundo e outra no alto do tabuleiro, ou seja, a do Reginaldo e da Coreia, esse fato possibilita que - ao invés de grandes edificações que demarcam os acessos ao vale, como no caso da primeira ponte - agora a principal referência entremeia-se nos pontos de comércio e serviço viciniais, em um funcionamento similar entre ambos.

Isto não significa que estes fluxos sejam completamente livres, há vigilância de quem vem e de quem vai, o que interessa aos dois lados. Esse controle, entretanto, não é invasivo, não impede a passagem passiva dos moradores, mas representa o controle devido a existência de um específico comércio local, ainda que ilícito: o tráfico de drogas. Isso é sutilmente percebido ao se observar o seguinte trecho do diário campo elaborado a partir do primeiro acesso ao Reginaldo, onde conheci dona Maria, residente da área da segunda ponte:

“A primeira pessoa que conheci ao chegar no Reginaldo, foi dona Maria. Maria começa a representar o local por seu nome, carregado da austeridade e da generalização da mulher da comunidade pobre, ainda que sem pré-determinar coisa alguma. Dona Maria poderia ser qualquer uma, poderia ser todas, mas neste caso em específico, representa a história e os diálogos de uma senhora sorridente e acolhedora. Aos 65 anos de idade, dentre os quais, os últimos 25 no Reginaldo. Vinda de Passo de Camaragibe, cidade que se localiza no interior do Estado, chegou a Maceió para trabalhar como cozinheira em um boteco no Beco do Urubu, bairro do Jaraguá. O estabelecimento pertencia ao marido de sua cunhada, um português, que a acolheu na casa, que ficava nos fundos do boteco. Quando tiveram que fechar as portas, Maria passou a trabalhar em um bar, em frente ao cemitério Nossa Senhora Mãe do Povo. Mas com o tempo, não tinha mais trabalho e não pôde continuar no bairro. Se mudou para o Jacintinho, mas ficou pouco tempo, segundo ela, tudo na cidade era caro. No Vale do Reginaldo não, ela podia pagar. Então, ao casar, foi com seu marido morar em uma casa de taipa que compraram na comunidade. Hoje a casinha está de tijolo. Na época ela se incomodava com o tráfico de drogas, conta que era muito menino na porta e em todo canto, fumando e “fazendo as coisas erradas”. Mas que depois se acostumou, todo mundo a tratava bem e o que seria o sentido de pertencimento se não este? Temia por seu marido, porque quando bebia, gostava muito de falar e reclamar, mas era esse gostar que ela trazia consigo, que tomou a consideração de todo mundo, e isto fazia com que possíveis brigas fossem evitadas sem maiores problemas. A conversa aconteceu na sala de sua casa, onde o oratório repleto de pequenas imagens chamava atenção. Nas fotografias presentes em seus álbuns, este sempre esteve ali, tomando volume com o passar dos

anos. Assim, abre espaço do religioso para o holístico e para o ornamento, se dividindo entre brinquedos, vasos e santos.” (Diário de campo, 28 de julho de 2018).

Além de dona Maria, outras duas pessoas falaram sobre a relação de tensão que existe entre a Coreia e o Reginaldo. Uma delas foi o homem que me transportou na garupa de sua moto na minha primeira entrada no Vale. Ele, que era um antigo morador do Reginaldo e atual morador da Coreia, subiu pela ladeira que interliga essas duas regiões para me mostrar a vista da sacada de sua casa. Mas, o Reginaldo segue a ecoar pela cidade, e já na praia, em um outro dia, foi o vendedor de coco quem comentou sobre essa relação. Por sua mãe já ter morado no Vale, ele chegou a conviver no local por alguns anos. Contento por encontrar um pouco do Reginaldo, ainda que agora mais distante de suas demarcações físicas, nossa conversa foi sendo conduzida até ele, quando o questionei sobre as pontes:

Ana Karolina Carneiro: Me explica o que é esse negócio de primeira ponte, segunda ponte, terceira ponte, quarta ponte...

Vendedor de coco: É porque são quatro pontes, né? Aí isso daí, a gente se identifica assim o local que a gente mora pelas pontes, né isso? Porque se eu moro lá perto da primeira ponte, tem gente que mora lá já na segunda ponte, tem gente que mora já perto na terceira, aí é isso!

Ana Karolina Carneiro: - Entendi. E quem tá na segunda vai pra terceira ou é meio, cada um no seu canto?

Vendedor de coco: Não, quem tá na segunda vai pra terceira, anda pra qualquer lugar, quem não é envolvido com nada. Mas com esse negócio de facção, assim, já não pode né, ir né.

Ana Karolina Carneiro: Entendi. Tem rixa, assim, de primeira ponte, segunda ponte?

Vendedor de coco: Tem.

Ana Karolina Carneiro: Tem? E ainda tem a Coreia ali em cima, né?

Vendedor de coco: É.

Ana Karolina Carneiro: Aí tu acha que tem mais rixa entre as pontes ou entre a Coreia?

Vendedor de coco: Entre a Coreia, eu acho.

(Trecho de conversa realizada na praia da Ponta Verde em 14 de julho de 2021).

Nessa área, prenhe de ligações com o alto, não foi possível identificar nenhum conjunto residencial. No entanto, isso não significa afirmar que inexistem, mas que eles apenas não surgiram nos depoimentos. Além da segunda ponte ser percebida como esta zona limiar mais latente por conta das comunidades Reginaldo e Coreia, talvez a principal expressão que fica ao olhar entre a primeira e a segunda ponte, seja o súbito estreitar do fundo da grota, fazendo com que as edificações sejam construídas de maneira mais alongada do que necessariamente em um só ponto. Talvez por este motivo, os sons

captados enquanto eu caminhava na área da segunda ponte, aparentem estar mais condensados no ambiente.

Durante o transitar foi possível continuar a ouvir os animais que se espalham pelo local. Além disso, o sopro do vento e algumas pessoas que conversam em frente a suas casas, ou mesmo se cumprimentam enquanto caminham na rua, tomam a cena. Na segunda ponte, também se percebe a presença de alguns ritmos musicais, mas, agora quase como um plano de fundo, como que se estivessem distantes.

<https://www.youtube.com/watch?v=X-K0qzZUEes>

3.3. A TERCEIRA PONTE: RUÍNA, MEMÓRIA E REUSO

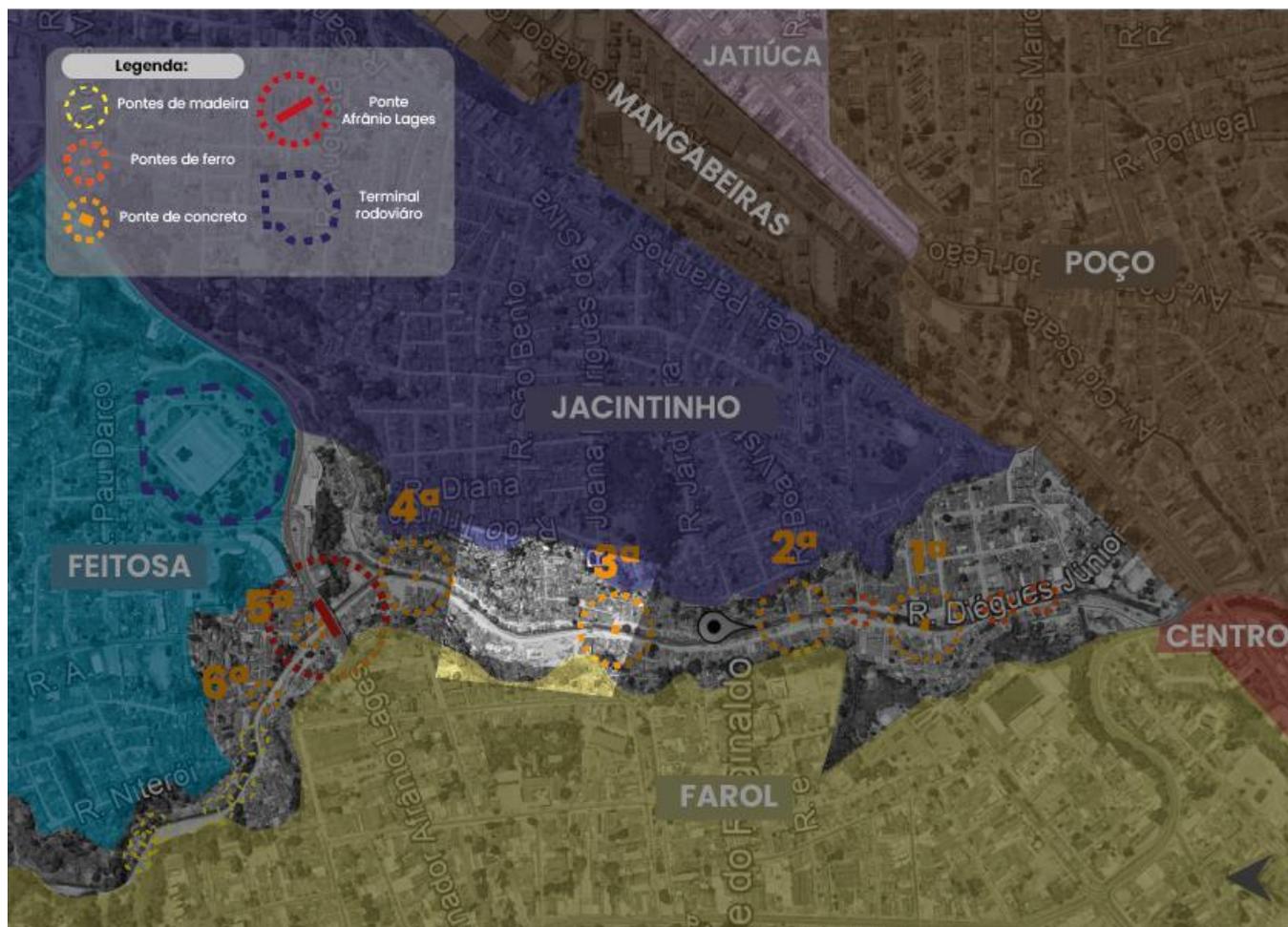


Figura 37: Mapa do trecho em análise, com foco na área terceira ponte. Produzido pela autora, 2021.



Figura 38: Imagem produzida pelo Google Street View na terceira ponte, 2020.

O que pode ser considerado ruína dentro de um espaço que tem suas construções definidas pela experimentação e adaptação com as sobras? Em um lugar onde se aproveita o disponível e o não disponível para suprir determinadas necessidades? E, e que, por inteiro, ele mesmo, é figurado como degradado? Na versatilidade que a falta exige, as transformações no território são expostas e sujeitam o corpo pobre à constância da imprevisibilidade do cotidiano, perante um futuro que se encurta ao andar quase lado a lado com o presente. Unir, colar, pregar, destruir para remontar, refazer, resinificar, ocupar, existir! Deixar de existir, se transformar, existir de novo. Noutro, noutra coisa. Estar.

A grande diferença entre o abrigar da bricolagem e o habitar da arquitetura é temporal, pois abrigar diz respeito ao que é temporário e provisório, e habitar, ao contrário, ao que é durável e permanente. É como a diferença entre o estar e o ser. O abrigo é temporário mesmo se ele durar para sempre e a habitação é durável mesmo se ela desabar amanhã. Mas o abrigo, mesmo não sendo concebido como tal, possui o potencial de vir a ser uma habitação, em cada abrigo há um devir-habitação imanente. A grande distinção entre a maneira de tratar o espaço dos construtores das favelas e dos arquitetos é quanto à temporalidade, pois entre o abrigar

⁴⁹ Segundo Cavalcanti et al (2015, p.15), o Plano Diretor de Maceió (2005), determina a implantação de uma linha de Veículo Leve sobre Trilho (VLT) e outra

e o habitar existe um processo espaço-temporal completamente diferente. Como se os arquitetos especializassem o tempo e os construtores das favelas temporalizassem o espaço. (JACQUES, 2001, s/p.).

Por se tratar de um local considerado irregular quando referido pelas diretrizes dominantes, as residências que se instalam no Vale ao mesmo tempo que representam o abrigo para os moradores, estão sob uma certa iminência à remoção. Apesar de ser uma apropriação que atravessou o século, no caso do Vale do Reginaldo, são muitos os interesses que disputam a área localizada de maneira central na cidade. Como exemplo, se tem o projeto da prefeitura de cortar o local por uma grande via de circulação, como mais uma opção de conexão da parte alta e baixa da cidade⁴⁹, ou mesmo eventuais remoções de residências que direcionariam os moradores das mesmas a conjuntos habitacionais diversos.

A partir das relocações e demolições, outras edificações passam a surgir. Esta é uma dinâmica própria do lugar, além do processo de recorte e remanejamento contínuo de seus espaços edificados ou não. Na grande maioria das vezes, elas reproduzem formas já comuns no

de *Bus Rapid Transit* (BRT) junto aos leitos das vias sul-norte, seguindo o trajeto que definia o vale do riacho Reginaldo como leito para o transporte de massa.

seu interior, mas em outros casos, como o encontrado na área da terceira ponte, são obras públicas financiadas para proporcionar o básico necessário aos habitantes.



Figura 39: Imagem produzida pelo Google Street View na área da terceira ponte, Vale do Reginaldo – Maceió/AL. 2020.

Inseridas nessa dinâmica da bricolagem e do reuso, permanecem as misturas e fronteiras entre Reginaldo e a formalidade. Na área da terceira ponte, há uma particularidade que se evidencia no ritmo da conjuntura de quem transita o espaço. No contexto dos

acessos e dos conjuntos habitacionais, eles nem sempre se tornam o que foi projetado para serem. Por exemplo, a construção de uma creche pelo Programa Aceleração do Crescimento (PAC), nunca foi concluída, o que não impediu uma apropriação e reaproveitamento do que foi edificado, pela comunidade. Até mesmo o que seria ruína sofre ressignificação, e de algum modo tornam a servir o local, isso explicita uma das respostas que se fazem inseridas em sua lógica.

Ao passar a terceira ponte, os vazios que se proliferam da ruína colaboram para que o espaço salte aos olhos. Aos passageiros de primeira viagem, tais vazios causam uma enganosa sensação de desfecho, um parêntese que se forma a partir do ritmo dado por sucessivas construções na margem do canal. A depender da hora do dia, esses vazios camuflam sua vivacidade, exibindo uma dureza que corrói a matéria daquilo que estava destinada a ser, mas não foi. Como uma resistência no tempo, expressa uma plasticidade da falta de vida, do abandono. Paradoxalmente, a ruína ganha porosidade ao ser visitada no entardecer, quando passa a ser uma grande fomentadora de encontros. A estrutura ganha várias funções que passam pelo lazer, o comércio e o habitar. É capaz de transformar o solo batido em um campinho de futebol, com apenas duas traves e assim se tornar o único

equipamento de lazer identificado em todo o percurso estudado, que é frequentado pela comunidade como um todo. Ao lado dessas traves, um barzinho que também surge da adaptação à estrutura parece aquecer o momento de desfrute ao entretenimento, vigorando tal demarcação.



Figura 40: Campo de futebol e bar na área da terceira ponte, Vale do Reginaldo – Maceió/AL. Produzido pela autora, 2021.

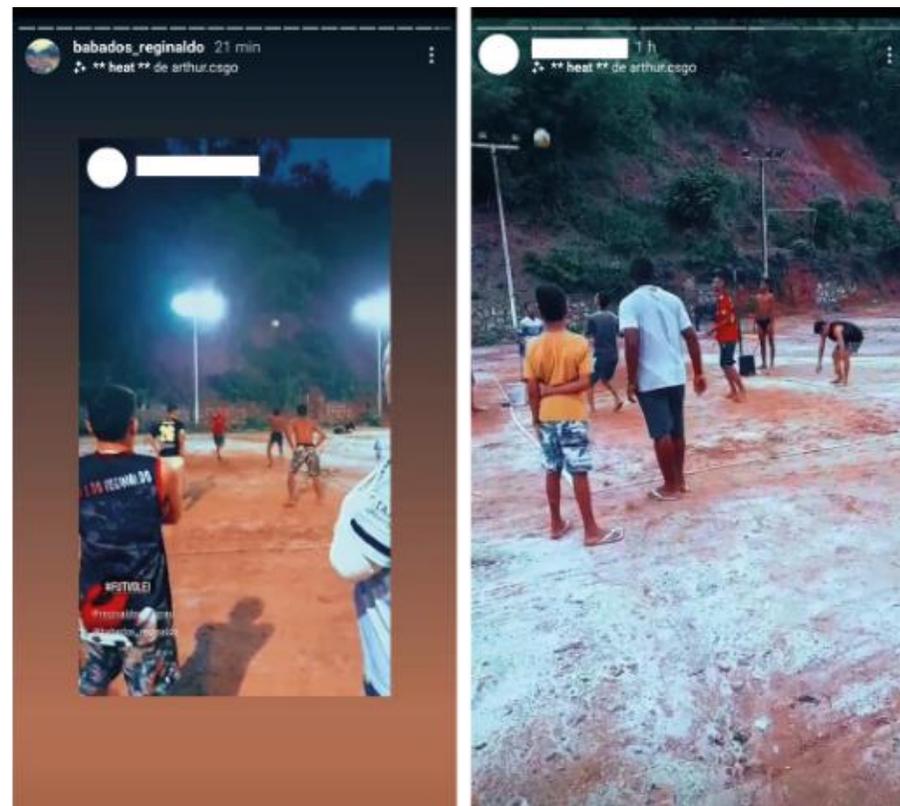


Figura 41: Prints de fotografias tiradas pelos moradores e compartilhadas no Instagram. Pessoas usando o campinho na terceira ponte. Fonte: Babados Reginaldo. Produzido pela autora, 2021.

Nesse contexto, quando o formal e o informal expõem suas narrativas, se evidenciam as diferentes percepções quanto ao fato:

Orçada em R\$ 130 milhões, as obras do Vale do Reginaldo estão abandonadas há um ano. As informações são da Gazeta de Alagoas desta terça-feira. Os primeiros prédios de apartamentos, diz o jornal, erguidos assim como outros equipamentos já sofrem com a ação do tempo e com o vandalismo. O local onde, de acordo com o projeto inicial, funcionará uma creche e um posto de saúde se transformou em estrebaria. Jumentos e burros de carroceiros da região se abrigam do sol e da chuva, além de forrar com fezes o piso ainda inacabado. Os animais só dividem o espaço com usuários de drogas e com a vadiagem dos meninos, que escolhem o lugar para “brincadeiras”. O Projeto Integrado de Reurbanização do Vale do Reginaldo prevê a construção de 1.512 apartamentos, áreas de lazer, além de uma creche-escola e de um posto de saúde, o que caberia ao governo do Estado. Em julho, o Ministério Público Federal abriu procedimento para investigar o andamento lento das obras. (Redação Repórter Nordeste, 2011).

Jeremias: Todos os projetos aqui dentro do Reginaldo só começam quando está iniciando a política, isso é uma coisa bem rara, né? Tô falando, não estou inventando, todo mundo aqui sabe disso. Toda vez que tá aproximando a política, então os candidatos, deve ser a política mermo, né? que começa a fazer alguma coisa, mas depois para e passa anos e anos. O que nós vemos aqui na creche, logo aqui no começo, perto dessa quarta ponte, tava uma coisa “mar” linda quando começou o projeto do Reginaldo, mas só foi... quando a política passou, acabou-se tudo. Aí o povo se revoltou, né?

Porque não tavam fazendo nada. Invadiram tudo, aí ficou... tá aí abandonado. (Trecho de conversa realizada no Vale do Reginaldo em 29 de novembro de 2019).



Figura 42: Apropriação para moradia, área da terceira ponte, Vale do Reginaldo – Maceió/AL. Produzido pela autora, 2021.



Figura 43: Apropriação para moradia, área da terceira ponte, Vale do Reginaldo – Maceió/AL. Produzido pela autora, 2021.

Sutilmente, as ruínas das obras do PAC extravasam outra variedade da pobreza na área, pois ao que parece sua apropriação serve de abrigo para pessoas em uma condição econômica ainda mais delicada. Os desdobramentos existentes na própria carência, se evidenciam no contraste entre si. Isso é visível tanto pelo volume de

casebres que servem de abrigo aos animais; quanto pela presença de casas mais abastadas, muradas que incluem pequenos jardins; entre outras morfologias que sofrem adaptações para integrar o uso de pequenos comércios. Apesar de aparentar fugir à cena, a terceira ponte encontra-se ancorada em cada percepção que vai se fazendo no território, pois sempre retornam a seu nome e territorialidade quando querem tratar da dinâmica, ambiência e localização do lugar. Após compreender seu uso, esse código passou a ser utilizado por mim de forma natural, inclusive para orientação e mapeamento dos acontecimentos encontrados em campo. Isso pode ser visto a seguir, em um trecho da conversa com Solange, de 59 anos que mora no Reginaldo a 15:

Ana Karolina Carneiro: E a senhora veio morar aqui por que?

Solange: Por conta de serviço pra ele [marido] né? Que ele era mais novo, mas aí ele ficou doente...

Ana Karolina Carneiro: Ah, então você veio pro Reginaldo porque ele trabalhava por aqui?

Solange: Não tinha serviço lá em Ipioca.

Ana Karolina Carneiro: Ah, entendi. Vocês moravam em Ipioca e ele trabalhava com o que lá?

Solange: Não, Ipioca não tinha serviço não.

Ana Karolina Carneiro: Não tinha nada pra fazer?

Solange: Revendia. Ai nós chegamo aqui, ele comprou um carrinho pra comprar material na rua, aí depois ele adoeceu.

Ana Karolina Carneiro: Mas quando ele veio pra cá, trabalhava com o que?

Aldo: Eu era motorista.

Solange: É, lá na Ipioca. Agora aqui revendia esse negócio, garrafa, latinha

Ana Karolina Carneiro: Ah, reciclagem.

Solange: Reciclagem.

Ana Karolina Carneiro: E o senhor catava aonde? Qual o nome do senhor?

Solange: Na rua... Aldo.

Aldo: Na rua por aí a fora, se não tivesse rua, eu não tinha dinheiro para forrar a barriga.

Ana Karolina Carneiro: E como era? Era tranquilo?

Aldo: Era sim, maravilhoso. Não ando hoje porque não posso mais, mas se eu pudesse bem que eu tava andando.

Solange: Tá doente...

Ana Karolina Carneiro: Aconteceu alguma coisa com o senhor?

Aldo: Não, não, não, não.

Solange: Não, porque ele tá doente.

Aldo: O que aconteceu agora foi só problema de doença, porque doença é assim, quando bate no cara já viu.

Marina Milito: Vocês vieram lá de Ipioca por causa do primo foi?

Solange: Não! Mó de serviço que lá não tinha.

Aldo: E é mais próximo pra resolver os problemas né?

Marina Milito: Aqui a localização é ótima.

Ana Karolina Carneiro: Mas aí quando vieram acharam uma casinha já?

Solange: Troquemo a de lá, nessa.

Ana Karolina Carneiro: Trocou foi? Então foi ótimo. E tá nela até hoje?

Solange: Tô, mas tenho vontade de ficar não, aqui mais não.

Ana Karolina Carneiro: E é? Por que?

Solange: Porque eu não tenho, quero ir pra longe. Tenho que morar mais distante.

Ana Karolina Carneiro: Gosta de uma vida mais tranquila?

Solange: É.

Ana Karolina Carneiro: A senhora gosta de plantar? Essas coisas?

Solange: Não, gosto só de revender. Aqui é tudo meu, vende-se...

Ana Karolina Carneiro: E a senhora costuma sair muito daqui pra vender ou revende aqui mesmo?

Solange: Eu saia muito, mas eu parei por causa dele né? Pelo meu marido, estar mais em casa, né?

Ana Karolina Carneiro: Só são os dois?

Solange: Não. Eu, meu filho, e agora meus dois sobrinhos, que tá mais eu aqui.

Marina Milito: E essa vendinha é sua?

Solange: É. Eu gosto de trabalhar.

Ana Karolina Carneiro: É tranquilo aqui?

Solange: É. Fazer que só a Inara, as vezes sim, as vezes não, né?

Ana Karolina Carneiro: Entendi, mas já conhece o pessoal tudo?

Solange: Eles na casa deles, e eu na minha. (risos)

Ana Karolina Carneiro: Não gosta muito de conviver não, né?

Solange: Não, gosto não. Tenho medo de fofocagem, de confusão nas portas, entendeu? Aí não gosto não.

Ana Karolina Carneiro: E aqui tem muito show, essas coisas?

Solange: Tem mais lá na frente... na primeira ponte, de vez em quando diz que tem. Mas também eu não vou não.

Ana Karolina Carneiro: Aqui é que área? É segunda ponte é?

Solange: Segunda é lá.

Ana Karolina Carneiro: E aqui é o que? Terceira?

Solange: Terceira, é.

(...)

Ana Karolina Carneiro: E o movimento daqui é bom? Da barraca?

Solange: Não, de primeiro era mais melhor que tinha essas casas daí né? [Se referindo as casas que existiam na margem do canal e foram removidas, agora sendo o espaço ocupado em maioria por cocheiras]. É que eu gosto mermo, num gosto de tá parada. Gosto de percurar alguma coisa assim pra fazer, né?

Ana Karolina Carneiro: Mas dá renda?

Solange: Pouquinho.

Ana Karolina Carneiro: Então vocês têm LOAS, alguma coisa pra complementar?

Solange: Isso, 35 anos que eu sou do LOAS. Eu já tenho artrose nos ossos, osteoporose...

Marina Milito: O que é que é LOAS?

Ana Karolina Carneiro: LOAS é um auxílio.

Solange: De doença... e ele também.

(...)

Ana Karolina Carneiro: Aí dá pra sustentar, né?

Solange: É, Dá. Remédio.

(Trecho de conversa realizada no Vale do Reginaldo em 17 de agosto de 2018).



Figura 44: Fotomontagem vendinha de Solange, na área da terceira ponte, Vale do Reginaldo – Maceió/AL. Produzido pela autora, 2018.

Novamente o Vale aparece como um refúgio aos que buscam renda vindos do interior do estado, ou mesmo de bairros mais distantes do centro, como o caso de Ipioca. A revenda que fez parte do sustento do casal, seja por via de produtos industrializados como no caso de dona Solange, ou mesmo de seus resíduos, como no de seu Aldo, incorpora a rede da economia popular que lateja nos veios do Vale. Ainda que comércios vicinais componham as dinâmicas de suas cavidades, estes também as extravasam para o explorar da própria cidade, mesmo que de maneira marginal, como já foi mencionado. Essa dinâmica esborra o que está estabelecido na malha urbana, contribuindo para seus espaços, ao passo que proporciona renda para as pessoas menos abastadas. Como se viu na citação anterior, ***“Se não tivesse rua, eu não tinha dinheiro para forrar a barriga”***.

Somados aos auxílios do governo, é o acesso diário desses indivíduos em busca de sustento a outras áreas da cidade que majoritariamente promovem um fluxo da economia dentro da grotta. O movimento rumo à cidade do alto, para o qual se recorre ao mecanismo do próprio corpo, é a principal ferramenta para direcionar uma pequena parcela de capital ao interior de seus territórios. A interlocução com a lógica da urbanização é contínua porque mesmo não sendo incluídos, são afetados por ela. Isso ocorre fora, mas também por toda as cavidades do vale. *“De primeiro [o movimento da vendinha] era mais melhor, que tinha essas casas daí né? [Do canal].”*⁵⁰ A fala de Solange demonstra como suas vendas se enfraqueceram com a remoção das casas que margeavam o lugar. A partir da desocupação das moradias para a relocação nos conjuntos habitacionais, houve, portanto, interferência na dinâmica da renda.

⁵⁰ Fala de Solange, moradora do Vale do Reginaldo, durante conversa em campo, em 17 de agosto de 2018.



Figura 45: Fotomontagem comércios e pessoas terceira ponte, Vale do Reginaldo, Maceió - AL. Produzido pela autora, 2021.

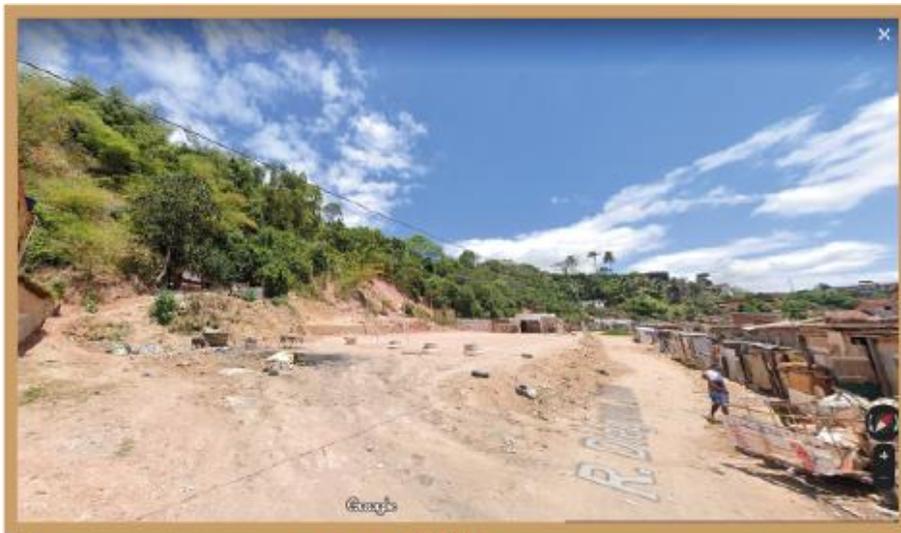
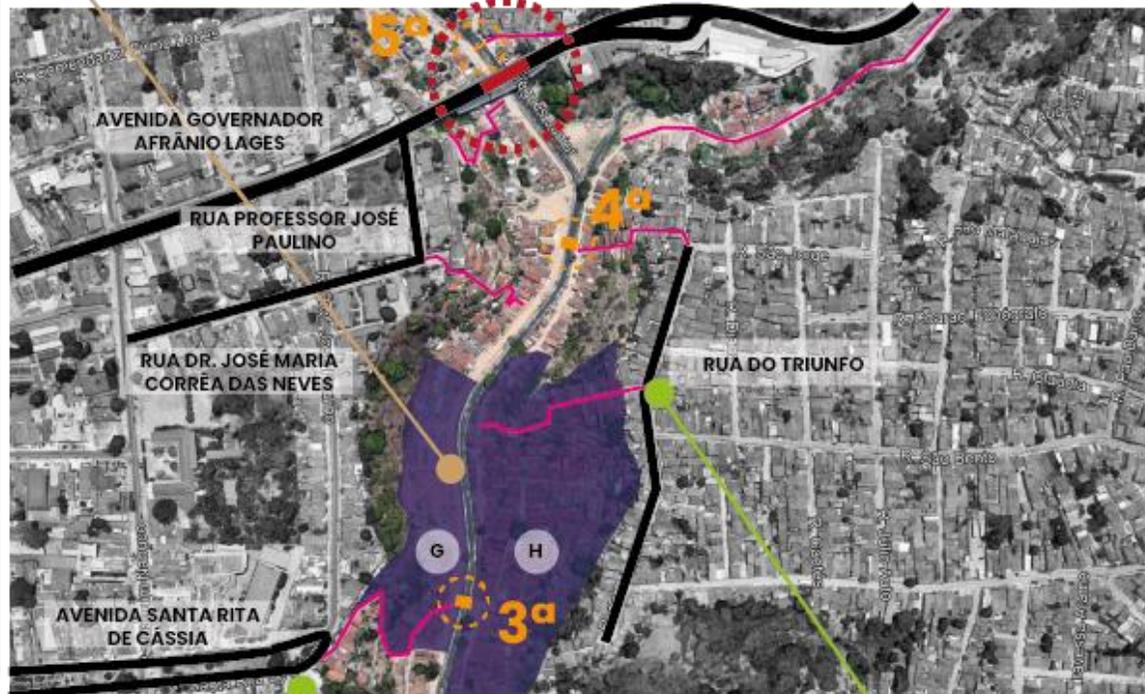


Figura 46: Cartografia da área referente a terceira ponte, Vale do Reginaldo - Maceió/AL. Produzido pela autora, 2020.

Legenda:

-  Ruas que dão seguimento as saídas do Reginaldo
-  Caminhos que conectam o Reginaldo com seu entorno
-  Ponto de referência/visada paisagística do entorno próximo as saídas do Reginaldo
-  Ruínas obra do PAC
-  Ponte de ferro
-  Ponte de concreto
-  Ponte Afrânio Lages
-  Trecho do Reginaldo que margeia o Jacintinho
-  Trecho do Reginaldo que margeia o Farol



Ao observar a cartografia da terceira ponte, nota-se que após um estreitamento do tabuleiro, ele novamente se alarga, principalmente nas margens com o Jacintinho, onde na subida encontram-se novamente pequenos comércios. Neste caso foram identificados um bar, uma mercearia e uma farmácia. Entretanto, diferente das demais localidades, a área não possui muita condição de acessibilidade aos entornos, nem mesmo grande visibilidade pela ausência de edifícios em suas bordas. Isso possibilita que essa localização seja mais reclusa, inclusive na circulação por seu fundo, que se restringe às pontes de concreto, não apresentando pontes de ferro. Essa característica promove um território ainda mais escuso, o que acoberta de certa forma, a possibilidade de ali ocorrerem outros tipos de violência.





Figura 47: Vista para a margem do Farol em frente ao campinho de futebol, na terceira ponte, Vale do Reginaldo, Maceió-AL. Produzido pela autora, 2021.



Figura 48: Vista para a margem do Jacintinho em frente ao campinho de futebol, na terceira ponte, Vale do Reginaldo, Maceió-AL. Produzido pela autora, 2021.

Ana Karolina Carneiro: E o que a senhora acha que mudou de quando você chegou aqui pra agora?

Edna: A mesma coisa de sempre.

Ana Karolina Carneiro: E é?

Edna: É, que eu sempre já tinha medo daqui, né?

Ana Karolina Carneiro: Já tinha medo?

Edna: É, tinha.

Ana Karolina Carneiro: E a senhora veio com medo mesmo?

Edna: Não, mas já quando cheguei aqui, que eu vi muitas coisas, né? Aí... tá do mermo jeito, né?

Ana Karolina Carneiro: Entendi, só quando a senhora já tinha se mudado né?

Marina Milito: Mas quando acontece assim, é mais o que? É mais briga assim.... interna né?

Edna: É, os homem entram direto aqui dentro.

Ana Karolina Carneiro: A polícia?

Edna: Sim...

Marina Milito: E faz mais medo dos homem ou dos bandido?

Edna: Olhe, eu já vi gente dizendo agora que tá com mais medo da poliça de que dos bandido, porque quando eles vem, eles entram até na casa de quem não merece, bota pra dentro, dale nas pessoas, é... de quem não merece. Eu já digo, meu filho, tá aí?! Meu sobrinho não apronte! Se der no meu filho, que ele faz marinha de tarde e estuda pela manhã. Se der no meu filho ou no meu sobrinho sem merecer, eu vou dá no canal 5, vou pro ministério... Aí diz, você faça isso, mas saia daqui eu vou fazer isso e vou ficar aqui. Que a poliça tem que olhar, procurar onde é que tá o errado, né chegando... e os bandido, os caras que tem aqui num bole com ninguém não, porque de primeiro não podia entrar um táxi, mas o chefão, num quer não, de jeito nenhum, que bula de jeito nenhum. N'estante tava ali um dos irmão, o que toma conta da boca, né? O dono

tava ali nesse instante, pode entrar, né pra “bolir” não com ninguém não. Agora tenha medo quando eles forem pra fora, da pista pra lá, pra roubar, pra fazer as coisas dele. Tenha medo pra lá. Um dia desses, tá com uns 3 meses pegaram a mulher que trabalhava aqui lá pra cima, e foi daqui de dentro, mas só que o marido da mulher tava olhando quem é, que o marido da mulher é na calma, é na dele. Calmo, não anda com bagunça nem nada, quer saber quem é, pra ir mandar resolver. A mulher trabalha né? Só que nesse dia o marido dela num foi, ela foi sozinha trabalhar, que ele tinha ido trabalhar também.

Ana Karolina Carneiro: Então ele bota ordem né?

Edna: Ele ia falar com os caras né? Falar com os cara. Não pode, né? Tem que olhar quem olha aqui dentro, pra fazer a bagunça né? Fora, que nem ele fez fora, né? Eu não ando com o celular na rua. Aqui dentro não vai tomar não, aqui não toma não. Se tomar, pode chegar até lá... eu vendo coisa lá dento, só não fui mais por causa [...], mas eu fui vender lá dento, no meio deles tudinho: perfume, DVD, esses negócios ... Só que eu não fui mais, mas eu ia mutcho. Eles num bole não, com ninguém não.

[...]

Edna: Um tempo desse, quando a gente chegou meu filho se tremia, batia a porta fechando, ficava delirando, se urinava, aí minha tia mandou a gente sair daqui, mas melhorou... depois piorou de novo, é só quando a gente vê matando um assim, dois tiros “ó mataram um fulano ali”. Ele ficava com medo, era. Ficava assustado.

Ana Karolina Carneiro: Então essa é a parte pior daqui?

Edna: É. Tem azota lá na frente que cê tá vendo, não faça pergunta não. Faça pergunta diferente, dizendo que é pro mó da gente vê essas casas, essas coxeias, se

essas coxeias a gente vai conseguir arrumar um canto pra botar, diga assim. Que elas são assim com eles. Tô só dando uma dica. Lá subindo pro Jacintinho, ali ninguém não passa não que os de cima não quer, ninguém daqui passa.

Ana Karolina Carneiro: Mas faz alguma coisa com a pessoa?

Edna: Eu não entendo disso não, e eu não quero nem entender.

Ana Karolina Carneiro: Mas a senhora já foi desavisada e tentou passar?

Edna: De primeira a gente passava, mas agora ninguém passa mais não.

Ana Karolina Carneiro: Por que?

Edna: Um táxi que vem levar a gente, a gente avisa.

Ana Karolina Carneiro: E por que que agora não passa mais?

Edna: Porque lá é uma boca e aqui é outra.

Ana Karolina Carneiro: Mas aconteceu a rixa faz pouco tempo foi? Que antes passava né?

Edna: É que uns querem tomar aqui de baixo e o daqui de baixo quer tomar [lá em cima], é...

Ana Karolina Carneiro: Então cada um no seu lugar?

Edna: É, cada um no seu lugar.

Ana Karolina Carneiro: Mas vem muita gente de lá pra cá? Pra fazer arruaça?

Edna: Vem não. Uma turma é pela noite, outra turma é pelo dia, né? Que o povo dizi né? Fica é, como é que chama? Quando larga um de manhã, pega outro. Sei lá o nomezinho que tem. Render, né? (risos) (Trecho de conversa realizada no Vale do Reginaldo em 17 de agosto de 2018).

<https://www.youtube.com/watch?v=aTxPXyuZDOE>

Enquanto caminhava na área da terceira ponte, um helicóptero sobrevoou o espaço em voo baixo. Nesse momento, foi possível captar não apenas o barulho alto que ele causava, mas também a seguinte frase do morador que me acompanhava: “tenha medo não viu Karol? Tenha medo não.” O medo, vem da intimidação que o seu som provoca ao se aproximar do corpo frágil, que caminha desarmado pela rua de terra batida. E de súbito, se vai, assim como a presença do helicóptero. Logo, surgem outros aspectos mais triviais, como o pelear de uma senhora tentando colocar seu marido bêbado para dentro de casa. E novamente as músicas, que ora são de boteco, ora de cunho religioso, e vão mostrando as várias ambiências que o lugar proporciona em seu caminhar. Nele, e dessa vez pelo ronco de alguns porcos, mais uma vez os animais não fogem a cena.

Ao analisar as áreas das primeiras três pontes, percebe-se que quanto mais se se encaminha ao fundo do vale, mais o território aparenta ganhar um rompimento com o entorno. O lugar passa assim a ser uma trincheira dentro do próprio Vale do Reginaldo, que muito dificilmente será acessado por razões corriqueiras. Há opiniões diversas dos moradores sobre isso, para alguns estes mecanismos é o que de alguma maneira gera uma rede de proteção, proporcionando que

as pessoas se conheçam umas às outras, ou que ao menos tenham referências de quem circula. Entretanto, esse “domínio” sobre o fluxo de entrada e saída que procede com mais força do próprio tráfico de drogas, tem cada vez mais produzido guetos entre as comunidades. Por este monitoramento ocorrer não apenas por conta da presença da polícia, mas principalmente para defender o território da ocupação de facções rivais, ele tem se tornado cada vez mais um fator inibidor entre populações vizinhas. Em paradoxo, parte da insegurança, mas também da segurança da comunidade advêm dessa relação. Apesar deste trabalho não se aprofundar sobre esse aspecto do lugar, ao que se pode perceber é como se situa como um significativo componente das operações que conformam suas lógicas. É importante ressaltar, que esse é um fator promotor de impasses entre as comunidades pobres, e conseqüentemente do uso de seus territórios.



*Figura 50:
Fotomontagem Ponte
Avenida Afrânio Lages
que passa suspensa ao
Vale do Reginaldo -
Maceió/AL. Produzido
pela autora, 2019.*

A quarta ponte assume uma dupla referência quando surge da mescla entre a ponte de concreto em seu fundo, com a ponte alta, denominada como Afrânio Lages, mas também conhecida como ponte Reginaldo ou ponte da rodoviária, em motivo do terminal que se encontra no entorno. Além disso, como pôde-se perceber ao longo do trabalho, por vezes ela é reconhecida como a área que abarca as últimas duas pontes de concreto, que para alguns surge como a quinta e sexta ponte. Essa relação profunda e difusa, é refletida em sua área que aparenta prover de maiores demarcações que as pontes anteriores. Ao mesmo tempo que conecta diferentes zonas do Reginaldo e possibilita circulação e uso de seus habitantes, ela provoca uma série de fronteiras invisíveis, dispersas no olhar apressado.

Ao analisar a cartografia da área, percebe-se que o dorso direito que margeia o Jacintinho é interrompido, e o Vale passa a beirar o bairro do Feitosa, proporcionando três conjunturas diferentes de borda. O trecho que se encontra abaixo do Feitosa, é percebido como um corpulento espaço contíguo, que se forma da contaminação entre o que é o Vale do Reginaldo, as margens do Feitosa, e os entremeios que surgem dessa zona de imprecisão. Essa característica do encontro também se configura entre a comunidade do Pau D'arco I que se

assenta em uma das saídas do Vale do Reginaldo, ao redor da rua de mesmo nome. Neste caso, nem a semelhança entre as edificações, nem mesmo sua localização geográfica de também pertencer às entranhas do vale são suficientes para que o pequeno território seja incorporado à comunidade. Com relação a esta, destaca-se que, quando identificadas pelos moradores, tanto o nome da comunidade que se forma após a quarta ponte, quanto a área do Pau D'arco I divergem da identificação presente no PLHIS (2010) (ver anexo 2). Como já mencionado neste trabalho, os moradores reconhecem a ocupação presente após a quarta ponte como ainda sendo Reginaldo. Já o que foi indicado em campo como sendo Pau D'arco I, consta no documento como a continuação da comunidade Reginaldo.



Figura 51: Cartografia da área referente a quarta ponte, Vale do Reginaldo - Maceió/AL. Produzido pela autora, 2020.

Nesse contexto limiar, apesar do *Google Street View* nomear de rua Dr. Diégues Jr. toda a sua continuação em direção aos fundos do Vale, segundo Jeremias⁵¹, morador do conjunto habitacional José Floriano da Silva, a partir da ponte Afrânio Lages essa nomeação é quebrada, e a via prossegue conhecida como rua da Favela. Essa nomenclatura, interpela inclusive suas referências territoriais, onde este trecho deixa de pertencer à região da quarta ponte, sem deixar de ser Reginaldo, mas continua a incorporá-la em referências espaciais, onde comumente se escuta “pra lá da quarta ponte”, quinta e sexta ponte, ou como visto em alguns casos, Dantas e vila Arapiraca.

O áudio a seguir foi gravado enquanto me encontrava nas adjacências da rodoviária, ainda na malha urbana, me direcionando a acessar o Reginaldo pela escadaria que tem início em uma das cabeceiras da ponte Afrânio Lages, e que, ao chegar no fundo, desemboca no que foi reconhecido como sendo a quinta ponte. Assim como as entradas para o Vale do Reginaldo são múltiplas, a natureza das pontes também o são. A todo momento as temporalidades

conversam com a materialidade do lugar, que, não necessariamente aparecem isoladas, mas, quando convém, se unem para alcançar explicações ainda mais profundas sobre tais demarcações. Dessa forma, as evidências desse permear, entre as dimensões físicas e temporais, foram trazidas pelas sonoridades.

<https://www.youtube.com/watch?v=Ad86rkumhHg>

Enquanto buscava este acesso, passo por uma via de intenso movimento de veículos, onde são estes os sons dominantes. Neste momento, também aparece em cena o diálogo com um morador que me acompanhava e carregava o peso de uma sacola sobre os ombros. Ao perguntar se ele queria ajuda, ele me fala que “*o caba do interior é como um burro. Caba do interior é como burro, tem força viu Karol?*”. Isso permite aberturas a outros contraentes encontrados também no fundo do Vale para onde nos dirigíamos. O corpo que carrega, não apenas vive em meio a uma série de animais, como por vezes se associa a eles. Além disso, este corpo em ato laborioso geralmente está associado ao rural, que logo em seguida fica ainda mais latente quando

⁵¹ Informações retiradas do áudio de Jeremias, morador do Vale do Reginaldo, via *whatsapp* em 17 de novembro de 2020.

ele expressa a sua origem interiorana, espelhando assim, duas faces de uma mesma moeda, a vinda para a capital em prol de tentar uma vida melhor, e o estar em um ambiente que mesmo urbano, carrega fortes características do rural.

Após cruzar a via, na descida em direção ao fundo do vale, os sons demonstram a transição para uma paisagem mais calma. Essa demarcação é feita pelo canto dos pássaros e pela ausência de vozes explícitas, devido a uma menor quantidade de pessoas que circulam por ali durante o dia. Por se tratar de uma região com maior diferença de nível entre os fundos e o tabuleiro, com exceção da pista que atravessa a comunidade Pau D'arco I, os acessos são formados unicamente por escadarias, elementos importantes nas ocupações em terrenos de topografia acentuada. Logo em seguida, enquanto descia a escadaria e atravessava a quinta ponte, percebo o chamar do ambulante que passa vendendo macaxeira. Aqui há um reconhecimento da voz que permeia os demais espaços da cidade em busca de contrair renda. Apesar de sutil, ela aparece como uma tática e uma demarcação do corpo pobre, que tanto permeia o Reginaldo quanto as demais áreas da cidade. E em pouco tempo, se perde entre os diálogos e ritmos musicais

que surgem enquanto, novamente, as paisagens são tingidas pelas incertezas das suas supostas barreiras.

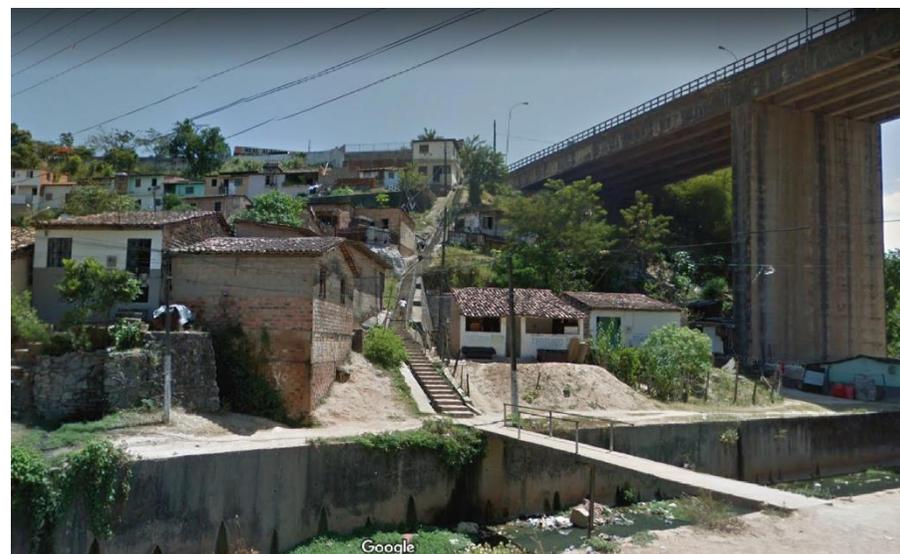


Figura 52: Escadaria na área da quarta ponte, com prolongamento no que seria a quinta ponte. Em seu topo encontra-se a borracharia em frente ao posto Leste Oeste. Imagem produzida pelo Google Street View 2020.

Jeremias: Tem ladeira que você cansa muito, né? Que é mais longa, que nem essa mesma aqui. Pra chegar aqui, subindo aqui é Jacintinho, quase duzentos.... Tem mais de duzentos degraus. É, mais de duzentos degraus ela tem. Tem aquela ali, da cabeça da ponte também pra chegar em cima da borracharia, no posto Leste Oeste que é outra longa também. (Trecho de conversa realizada no Vale do Reginaldo em 29 de novembro de 2019).



Figura 53: Borracharia próxima ao posto Leste Oeste, encontrada no topo da escadaria, área da quarta ponte. Imagem produzida pelo Google Street View 2020.

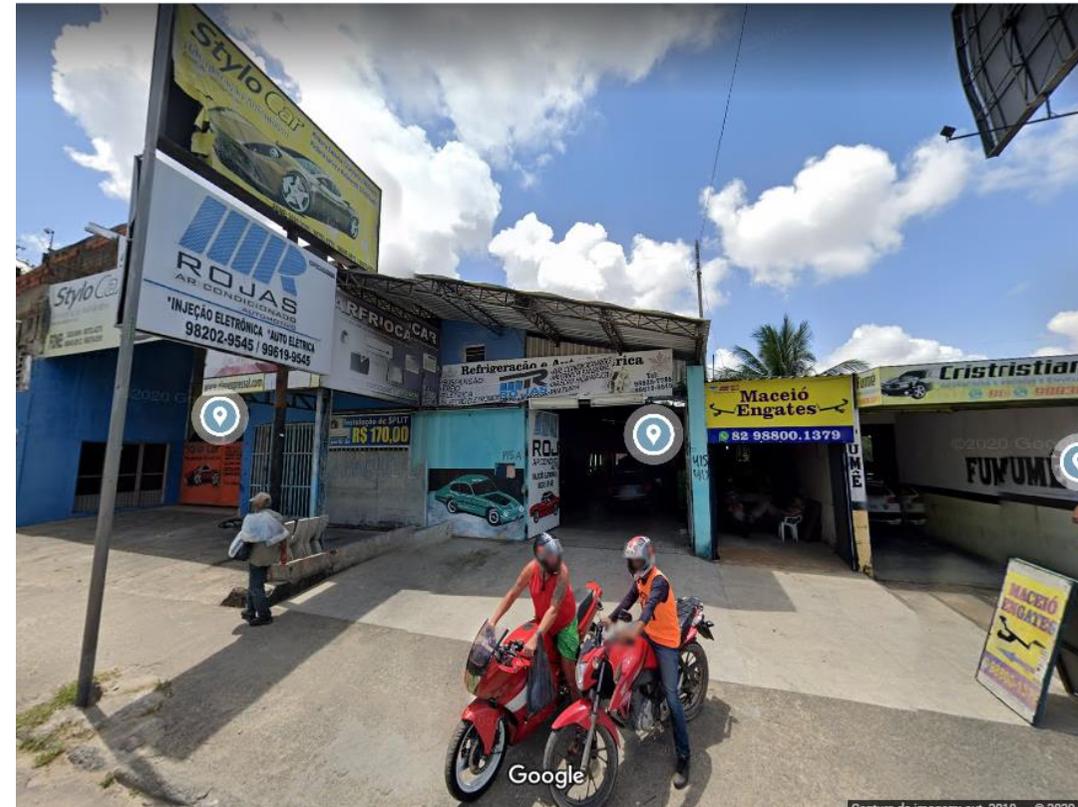


Figura 54: Pontos de serviços automotivos encontrados na outra extremidade da ponte avenida Afrânio Lages. Imagem produzida pelo Google Street View 2020.

Nessas bordas localizadas nos extremos da ponte Afrânio Lages, que é também uma avenida de grande movimento, se acumulam pontos de serviço automotivo que expressam, no mesmo tipo de oferta, as lógicas do formal e do informal. Enquanto que em um dos lados, observa-se a continuidade estabelecida pelos logradouros, mais abastados na estética da construção e no uso de fachadas mais elaboradas providas de marca e cartazes com promoções; o outro se utiliza da própria calçada e levanta uma tacanha estrutura. Esta reproduz o modelo encontrado dentro do Vale do Reginaldo, tendo como única identificação, por exemplo, no caso de uma borracharia, alguns pneus na porta e o nome escrito com tinta na parede. Apesar de parecerem distantes um do outro, se posicionando paralelos face à ponte, eles se enredam.



Figura 55: Registro de uma moradia, que funcionava também como comércio vicinal. Vale do Reginaldo, área do Dantas. Vale do Reginaldo - Maceió/AL. Produzido pela autora, 2019.



Figura 56: Registro de uma vendinha localizada na área "pra lá da quarta ponte". Vale do Reginaldo - Maceió/AL. Produzido pela autora, 2019.



Figura 57: Registro do ponto de venda e consertos de fogões na área da sexta ponte, Vale do Reginaldo. Produzido pela autora, 2020.

O que se percebe é que há uma associação entre a oferta de comércio e serviços, potente em toda a dimensão do território, e suas localizações. Suas derivações alcançam inclusive formatos desprovidos de qualquer estrutura ou acesso por veículo, como por exemplo, o destinado a conserto e revenda de fogões. Nesse caso, eles se assentam à sombra das árvores.

Assim como em todas as áreas anteriormente apresentadas, as que giram em torno da quarta ponte são ricas de comércio, possuindo bares, conveniências, depósitos de bebida, revendedoras de peças íntimas, de cosméticos, criatório de animais etc. Entretanto o que se observa é que essa ponte traz de maneira mais evidente outros ordenamentos dessas provisões de fontes de renda, em derivações que os tornam ainda mais complexos.

A construção de cocheiras, estábulos e pocilgas que vinham acompanhando as margens do canal, perdem força e ganham nova espacialização, passando a se aglomerar em um grande perímetro logo abaixo da avenida Afrânio Lages. Apesar de haver alguma separação entre esses abrigos e as áreas de moradias e serviços, muitos dos

animais encontram-se soltos e realizam a travessia da ponte sem empecilho algum.



Figura 58: Registro do local que se destina a pocilgas, cocheiras e estâbulos na área da quarta ponte. Vale do Reginaldo - Maceió/AL. Produzido pela autora, 2019.

Ana Karolina Carneiro: E o que a senhora acha desses animais aqui?

Edna: Horrível os animais! Correndo por aí pra bater no povo, bate no pé, bate na mão, ômi é muitas coisas! De noite... agora não tem não, daqui pra mais tarde vê tudo solto aí correndo sem poder passar, aquela coisa... O cavalo, os dois cavalos tá entendendo? Aquela coisa feia! E os meninos passando, ar mulé passando e vendo, né? Isso aí é horrível né?

Ana Karolina Carneiro: Ah entendi, eles se relacionando né?

Edna: É!

Ana Karolina Carneiro: E faz barulho né?

Edna: Faz! Tem vez que, menino que as vezes fica achando graça. Acho ruim por causa dar meninas, que fica vendo, que né pra vê esse negócio. Meu filho mermo, quando vem ele ri que só, dô nele, boto ele pra dentro. Mas ele já é grandezinho, ele já tem 16 ano, mas eu não gosto não que fique olhando. (risos). Mas só que não é certo ficar solto no meio da rua, o povo não pode passar, cavalo brabo..., mas ninguém pode falar nada, né? (Trecho de conversa realizada no Vale do Reginaldo em 17 de agosto de 2018).

Atualmente, além desta área localizada abaixo da ponte Afrânio Lages, a prefeitura determinou uma outra zona na última área livre do Reginaldo. A finalidade é de deixar livre o caminho do que seria a via projetada que conectar o bairro do Poço até a rodoviária, já em processo construção. Segundo os moradores do Vale, principalmente os carroceiros não ficaram contentes com a ideia de retirar as cocheiras que vinham margeando o canal do riacho desde a primeira ponte. Isso acarretou em maiores distâncias entre esses moradores e seus cavalos. Como é possível

perceber no depoimento a seguir, de um carroceiro que mora na terceira ponte, o local junta muita lama e acaba deixando os animais suscetíveis a roubos. Ainda assim, uma grande parte cedeu e passou a deixar seus animais por lá.

José carroceiro: Apois o projeto daqui é esse, pelejaram para tirar as colcheias tudinho daqui, foram por todo canto aqui saíram tirando as colcheias. Vai, vai fazer a pista, não sei o que. Qual foi a pista que construíram? Tá aí a pista ó, a pista aí ó! Agora botou os carroceiros lá pra dentro, uma lama terrível. Que aquela água que tem lá corre todinha por aquele negócio e sai, fica lamacento. O bicho, vai estar dormindo na lama é? Fica pior do que ali. Aquelas colcheias ficam tudo cheio de lama, é ou, não é? Tô mentindo?

Ana Karolina Carneiro: Lá ficou ruim?

José carroceiro: Ficou ruim demais ômi, só tem lama! Quando chove lá fica pior do que isso aí, ó. Aqui pelo menos choveu, ainda enxuga. E lá tudo debaixo daquele pé de árvore que ninguém pode cortar?

Ana Karolina Carneiro: O senhor preferiu não ir, né?

José carroceiro: Não, não vou não. Pra lá eu não vou não. Eu boto meu animal em outro canto qualquer aí. Chego num canto, amarro meu bicho, agora pra eu botar lá? Não vou não. Pra lá, não.

Ana Karolina Carneiro: Mas como é? Lá tem uma dinâmica? Alguém...?

José carroceiro: Não, tem, tem lugar pra botar! Agora é a lama que é demais. Aí acaba com o casco do... O cara sair daqui lá pro canal de pé e voltar? O menino aqui, pega a carroça dele aqui e deixa lá a carroça com animal com tudo, lá dentro. Depois chega lá, o pessoal rouba o cadeado, leva o que o cara tem, e aí?

Ana Karolina Carneiro: Como é?

José carroceiro: O pessoal chega lá, rouba a pessoa, rouba a pessoa ainda.

Ana Karolina Carneiro: Lá dentro?

José carroceiro: Quebra o cadeado e ainda leva os arreios da pessoa, pense num negócio.

Ana Karolina Carneiro: Mas ali não é Reginaldo ainda não?

José carroceiro: É Reginaldo minha filha, agora entenda! É outro pessoal, a maioria do pessoal que é desse jeito.

Ana Karolina Carneiro: Entendi.

José carroceiro: Leva o que é da pessoa e tira. Eu num... Aqui é melhor pra mim. Meu negócio tá ali ó. Se não der, eu boto em outro canto, agora...

Ana Karolina Carneiro: Porque aqui você tá em casa, né?

José carroceiro: Aqui eu tô em casa. Saio cinco horas, cheguei ali botei tudo pra minha besta pra comer e disse calma aí, não vou agora não. Se aparecer serviço bem, se não aparecer é comer e vadiar. (Trecho de conversa realizada no Vale do Reginaldo em 20 de julho de 2021).



*Figura 59:
Fotomontagem
carroceiro. Produzida
pela autora, 2021.*



Figura 60: Área determinada pela prefeitura para estâbulos e colcheias no fundo do Reginaldo, Maceió - AL. Produzido pela autora, 2021.



Figura 61:Área determinada pela prefeitura para estâbulos e colcheias no fundo do Reginaldo, Maceió - AL. Produzido pela autora, 2021.



Figura 62:Área determinada pela prefeitura para estâbulos e colcheias no fundo do Reginaldo, Maceió - AL. Produzido pela autora, 2021.



Figura 63: Final do Reginaldo, Vale do Reginaldo, Maceió - AL. Produzido pela autora, 2021.

Esta configuração espacial caracteriza a dinâmica da área. Durante as várias idas a campo, identificou-se uma intensificação no número e variedade de animais que circulavam livremente. A liberdade é tanta que eventualmente entram em estabelecimentos e residências, incomodando os seus habitantes.

Ana Karolina Carneiro: O que o senhor acha que seria a característica mais forte de comércio aqui dentro?

Jeremias: Ói, de comércio assim, o mais forte que eu acho do Reginaldo é uma padaria.

Ana Karolina Carneiro: A padaria?

Jeremias: Sim.

Ana Karolina Carneiro: E é? Tem muita padaria aqui?

Jeremias: Tem quatro padarias aqui, quatro.

Ana Karolina Carneiro: Só nessa região ou até o começo?

Jeremias: Na primeira ponte tem uma. Na segunda ponte tem duas, ô! Na terceira, tem duas. E na quarta tem essa daqui.

Ana Karolina Carneiro: O senhor acha que é o que dá mais lucro, né?

Jeremias: É o que dá mais lucro. É o pão, né? O pão não pode sair da mesa.

Ana Karolina Carneiro: Verdade, mas o que o senhor acha que tem em maior quantidade, mesmo que não dando tanto lucro?

Jeremias: Porcos.

Ana Karolina Carneiro: Porcos? E pra onde vão esses porcos, assim....?

Jeremias: Rapaz esses porcos, ói, você vem de baixo, da entrada do Reginaldo até no final, um lugar

chamado Dantas, é muito porcos, e vivem assim no meio da rua.

Ana Karolina Carneiro: Ahhh, não tinha visto esse. (risos)

Jeremias: Tá aí uma porca, aparece bem uns dez, tá vendo?

Ana Karolina Carneiro: Mas ele.... Mas vende aqui dentro mesmo?

Jeremias: Vende aqui dentro mesmo, mata pra comunidade... eles mata assim, em festa né? Final de semana, eles mata dois, três porcos a comunidade mesmo quem compra. É assim.

Ana Karolina Carneiro: E pra fora? Vende também?

Jeremias: Eles vendem, o pessoal vende. O povo vem buscar de carro.... ó pra isso! Vem tudo a ninhada, sete porcos tá vendo?

Ana Karolina Carneiro: Meu Deus! E é assim né? Porque se reproduz muito, então é bom.

Jeremias: E devido aquela pocilga que tem muito né? ali tem muito.... Tem muito porco ali. Porca parida, porca em via de parir. E vive assim.

Ana Karolina Carneiro: E o que é que o senhor acha desses animais todos?

Jeremias: Olhe esses animais bagunça muito.

Ana Karolina Carneiro: Bagunça?

Jeremias: É muita reclamação da comunidade, que esbagaça as casas, as portas, eles quebram tudo. De noite, eles andam de noite, né?

Ana Karolina Carneiro: E é? Eles quebram?

Jeremias: É, eles andam de noite, e de noite quebra tudo. Muita coisa, eles bagunçam muito.

Ana Karolina Carneiro: Entendi.

Jeremias: Vive solto, né? É muitos que tem. (Trecho de conversa realizada no Vale do Reginaldo em 29 de novembro de 2019).

Ana Karolina Carneiro: E qual a diferença... Eita! Os porquinhos entraram tudo na casa da moça! (risos). E qual a diferença (risos)....

Jeremias: Pra você ver! (risos)

Ana Karolina Carneiro: Entrou o grande e entrou o resto tudinho. (risos)

Jeremias: É bagunça mesmo! (risos).

(Trecho de conversa realizada no Vale do Reginaldo em 29 de novembro de 2019).



Figura 64: Registro de porcos dormindo na entrada do mercadinho. Área da quarta ponte. Vale do Reginaldo - Maceió/AL. Produzido pela autora, 2019.

Essas dinâmicas, entre outras coisas, proporcionam que se ative de maneira mais ávida os sentidos perceptivos humanos. Se desde seu

início, Reginaldo apresenta certa agitação no modo como se compõem seus espaços, aparentemente, quanto mais a seu fundo, essa lógica desfia-se em variações ainda maiores, o que provoca impacto não apenas no âmbito visual, mas tátil, sonoro e olfativo. A zona estabelecida para a criação de animais concentra uma grande quantidade de lixo, fezes e tripas encontradas pelo chão, que exalam um forte odor. Em seu fulcro, o cheiro é inebriante, os animais têm como finalidade a sobrevivência do dono, seja pelo comércio (muitos são criados para revenda em maior valor), seja pelo consumo próprio (fornecendo alimentação), ou mesmo no caso de animais de tração que auxiliam em serviços, acessando outras partes da cidade e expandindo o funcionamento interno; também são responsáveis por materializar doenças e contribuir com a insalubridade local.

Jeremias: Todo dia você acorda com um fedor desse. É de mijo de cavalo, é de mijo de porco, é de cocô é tanta da coisa. Isso fede! E adoce as pessoas.

Ana Karolina Carneiro: Entendi.

Jeremias: Aonde nós vimos que a polít....quem tem né? Vamos botar até a política, porque só quem pode passar aqui é os políticos mesmo. Se promettesse e fizesse, era outra coisa.... Isso aí, isso adoce a gente, esse fedor. Isso quando é quatro horas da tarde, com a quentura que vai passando o dia, quando é quatro horas da tarde, o vento aí começa já...

Ana Karolina Carneiro: A mandar pra ...?

Jeremias: É.

Ana Karolina Carneiro: Aí fica....

Jeremias: É, dói a cabeça. Dói a cabeça com o cheiro, óia, eu tampo meu nariz.... É muita coisa.

(Trecho de conversa realizada no Vale do Reginaldo em 29 de novembro de 2019).



Figura 65: Registro do local que se destina a pocilgas, cocheiras e estábulos na área da quarta ponte. Vale do Reginaldo - Maceió/AL. Produzido pela autora, 2019.

Esta proliferação desencadeada em uma pluralidade de formas, vincula-se intimamente com a carência local, que carrega esse emaranhado na essência de sua existência. A “rua da favela”, que se inicia no local, esboça partes de uma pobreza ainda mais profunda

percebida inclusive nas tipologias das casas, que são mais simples, muitas vezes um barraco, erguido a partir dos restos de materiais. Quando dispõem de uma área mais ampla, estas áreas encarnam um aspecto de sítio, uma ambiência que é dissimulada de maneiras diversas no Vale.



Figura 66: Registro de moradia na área após a quarta ponte. Vale do Reginaldo - Maceió/AL. Produzido pela autora, 2019.

Apesar de muitos moradores se incomodarem com a forte presença de animais que compartilham os espaços dentro do Reginaldo, para uma considerável parcela, eles são a fonte de sustento possível. Pela proximidade do local com outras áreas da cidade, mas também pela possibilidade da criação dos bichos, como pode-se perceber entre as falas de moradores, o território também se torna um aliado na sobrevivência.

Ana Karolina Carneiro: E assim, o Reginaldo pra você?

Sérgio Carroceiro: **É tudo, pai e mãe, e as mãos! Os pés e as mãos. O Reginaldo é o pai, a mãe e as mãos! Se não fosse o Reginaldo a gente não viveria não.**

Ana Karolina Carneiro: Por quê?

Sérgio Carroceiro: Porque aqui a gente tem tudo. É perto de tudo. Se não fosse isso aqui... muita gente não gosta, fala mal, maltrata, mas aqui é rico. (Trecho de conversa realizada no Vale do Reginaldo em 20 de julho de 2021, *grifo meu*).

Jeremias: Aqui você vai criar uma galinha. É como fosse o interior que nem você falou, nós falamos logo no começo. É, você aqui vai criar uma galinha, vai criar um porco, vai criar um jumento, um burro, olhe tem logo três jumento ali ó. Vai criar um cachorro tudo solto, né? Porcos. Cabrito, aqui numa época tinha um bocado de cabrito, cavalo, muita coisa aqui. Então tem muitos que usa isso aqui pra o sobreviver deles, num tem do que trabalhar. Aí vai, uma jumenta vai e dá cria, um potrinho, já vende. Outro uma porca, que nem você viu aqui, passou um rebanho de sete, ninhada né? E

outra vai passando ali, naquela pocilga ali tem porca ali que tem doze, dez, quinze porcos, tudo. Que nem uma teve mesmo a semana passada. Uma pariu com dezenove porcos. Então isso é o rendimento pra sociedade, pros moradores que lutam pelo seu pão aqui dentro, porque não tem emprego. Então, o que veio na minha mente foi isso, tem muitos que querem que o Reginaldo seja transformado em pista, passar uma pista de um lado e outra de outro, mas tem outros que não tem interesse. (Trecho de conversa realizada no Vale do Reginaldo em 29 de novembro de 2019).

3.4.1. A PONTE E "O VALE DA SOMBRA DA MORTE".

A Laudômia dos não nascidos não transmite, como a dos mortos, qualquer segurança aos habitantes da Laudômia viva, só apreensão. Nos pensamentos dos visitantes, acabam por se abrir dois caminhos e não se sabe qual reserva maior angústia: ou se pensa que o número de nascituros supera grandemente o de todos os vivos e de todos os mortos, e, nesse caso, em cada poro de pedra acumulam-se multidões invisíveis, amontoadas nas encostas do funil como nas arquibancadas de um estádio, e, uma vez que a cada geração a descendência de Laudômia se multiplica, em cada funil se abrem centenas de funis, cada qual com milhões de pessoas que devem nascer e esticam os pescoços e abrem a boca para não sufocar; ou então se pensa que Laudômia também se desaparecerá, não se sabe quando, e todos os seus habitantes desaparecerão com ela, isto é, as gerações se sucederão até uma certa cifra e desta não passarão, e por isso a Laudômia dos mortos e as dos não nascidos são como as duas ampolas de uma ampulheta que não se vira, cada passagem entre o nascimento e a morte é um grão de areia que atravessa o estreitamento, e nascerá um último habitante de Laudômia, um último grão a cair que, no momento, está aguardando no alto da pilha (CALVINO, 1990, p.129).

Além da quarta ponte referenciar limiões que misturam a habitação e espaços de provisão de renda conformando as suas formas de sobrevivência na cidade, esta também inclui derivações da violência, tornando-se um instrumento inclusive para desistir da luta. São inúmeros os casos de suicídio nesta ponte. A escassez que acomete

o corpo, se enreda novamente à grande ponte Afrânio Lages. Mas dessa vez a estrutura que possibilita cotidianamente a passagem e a vivência na cidade, também habilita a passagem para fora da vida. A ponte Afrânio Lages é um marco geográfico do suicídio em Maceió. A frequência com que esses eventos ocorrem, levam a encarnar na memória do Vale mais uma camada do sofrimento que acomete os pobres: um escape para uns que não querem dar continuidade a vida que levam, mas também uma aproximação com a morte dos outros, com corpos comuns desabando sobre suas casas.

Jeremias: Aqui nessa ponte mesmo, nós vemos os desastres que sempre tem.

Ana Karolina Carneiro: Os desastres?

Jeremias: Os desastres, o povo não caem de cima pra morrer nessa ponte aí?

Ana Karolina Carneiro: Muito suicídio, né?

Jeremias: É, é! Fica ali, na beira daquela, daquela varanda. Eles ficam ali em pé, daqui a pouco vem, "bruuuum!" Desce pra baixo.

Ana Karolina Carneiro: E é tão constante assim?

Jeremias: É constante. Semana passada mesmo, parece que tá com oito dias hoje, que desceu um.

Ana Karolina Carneiro: E foi?

Jeremias: Foi. Mais ou menos uns oitenta, pra noventa, acho que já mais! Já passou de cem pessoas que morreu nessa ponte.

Ana Karolina Carneiro: E foi?

Jeremias: Já.

Ana Karolina Carneiro: E geralmente cai em cima das casas?

Jeremias: Cai em cima das casas, cai no chão... Só um... um... a única que caiu daquelas pilastras alta ali... que ali já caiu muita gente, ali até mulher grávida já caiu ali.

Ana Karolina Carneiro: Sem querer?

Jeremias: Hã?

Ana Karolina Carneiro: Sem querer ou pulando?

Jeremias: Não, pulam mesmo. Desenganado da vida, né? Desenganado da vida, sem um poder espiritual, né? Aí, chega ali, cai. Pronto, já cai ali mesmo. Uma irmã que mora ali, ela caiu, se jogou-se, ela tava depressiva. Ela caiu em dois mil e.... e.... parece que foi em dois mil e Catorze, ou foi em dois mil e treze. Que ela caiu, mas graças a Deus que ela não morreu.

Ana Karolina Carneiro: E foi?! (Surpresa)

Jeremias: morreu não, quebrou...

Ana Karolina Carneiro: Uma queda dessa?! (Surpresa)

Jeremias: Foi. Ela quebrou as pernas, quebrou o braço, né? Mas passou por um processo muito grande, foi pra cadeira de rodas, mas ela mudou e hoje ela tá na igreja, é....

Ana Karolina Carneiro: E é? Ela não tem nem os braços, nem as pernas?

Jeremias: Ela tem as pernas, né? Ela quebrou, mas Deus fez um milagre na vida dela.

Ana Karolina Carneiro: E o senhor que está mais próximo assim, da igreja, o senhor vê muita gente assim, com depressão, sofrendo?

Jeremias: Aqui tem muita gente sofrendo... Que precisa. Muita gente.

Ana Karolina Carneiro: Geralmente esse sofrimento tá associado ao que?

Jeremias: Com doença, é.... também materialmente, né? Alimento. Que nós temos aí a igreja que ajuda também, né? Os irmãos, ajuda os irmãos. Ajuda com uma cesta básica, com remédio, é isto.

(Trecho de conversa realizada no Vale do Reginaldo em 29 de novembro de 2019).



Figura 67: Registro da Afrânio Lages a partir do Vale do Reginaldo - Maceió/AL. Produzido pela autora, 2019.

Jeremias: E quando foi, eu cheguei aqui em 91, passei de 91 até 97. Eu só passei seis ano na instituição, aqui dentro, Reginaldo, na própria vida, né? Aí quando foi em 97, aí a história mudou, eu passei pelo vale da sombra da morte, né? Ai...

Ana Karolina Carneiro: O que é? Como é passar pelo vale da sombra da morte?

Jeremias: O vale da sombra da morte é você a ponto de sair dessa vida para outra.

Ana Karolina Carneiro: Quase morre.

Jeremias: Parte sem Deus, sem paz e sem....

Ana Karolina Carneiro: É o famoso quase morre.

Jeremias: Isso, é quase morre. É o vale, você passou já, passou no estreito. Né? Passou no estreito. Eu passei aqui dentro, eu pedi pra morrer. Pra tirar minha própria vida.

(Trecho de conversa realizada no Vale do Reginaldo em 29 de novembro de 2019, *grifo meu*).

Ao contar parte da sua história e relembrar os momentos que passou quando fazia parte do tráfico de drogas, Jeremias traz o sentido bíblico do vale da sombra da morte, um vale estreito que figura uma circunstância perigosa, sombria e ameaçadora. Nesse, a violência se estabelece não exatamente no acesso ao ilegal, mas deriva pelas formas de sofrimento que também assolam o lugar. Ao também ter passado pela angústia de desejar a própria morte, Jeremias reafirma como o sobreviver busca a vida, em paralelo à linha tênue da morte.



Figura 68: Homem tenta pular da Ponte do Reginaldo mesmo com grades de proteção, Fonte: Jornal Extra de Alagoas, 2020.

Atualmente, a ponte foi toda cercada para impedir o ato. Ainda assim, uma reportagem do jornal Extra demonstra como esta medida não foi suficiente para inibir as tentativas de suicídio. De acordo com o jornal, as grades foram instaladas em 2020 após o “Ministério Público Estadual (MP-AL) instaurar um procedimento administrativo para acompanhar as medidas a serem adotadas pelo Município a fim

de evitar novos suicídios na Ponte sobre o Vale do Reginaldo.”⁵² Mas recorrentemente as pessoas tornam ao lugar e tentam vencer as barreiras postas.

Em conversa com moradores que vivem logo abaixo da Afrânio Lages, fica ainda mais evidente o modo como essa dinâmica atua sobre a vida dos que, são obrigados a conviver com a violência direta que a ponte carrega.

Ana Karolina Carneiro: Vocês sempre moraram no Reginaldo?

Cláudia: Sempre, a gente tem 29 anos aqui.

Ana Karolina Carneiro: 29 anos? E antes morava no interior?

Cláudia: Não, foi do Jacintinho. Tudo Alagoas mesmo.

Ana Karolina Carneiro: Ah! Morava aqui em cima e depois desceu, né?

Cláudia: É.

Ana Karolina Carneiro: E desceu porque, assim?

Cláudia: Porque a gente vivia de aluguel, né? Aí tinha que pagar o aluguel. Aí a gente conseguiu um local. Aí pra gente se livrar do aluguel estamos aqui.

Ana Karolina Carneiro: Foi melhor, né?

Cláudia: Melhor. É, as condições não é boa não, porque... Que nem o povo fala, eu agradeço a Deus porque é debaixo da ponte mas é meu, não tô mais no aluguel, né? Aí debaixo da ponte é muito risco. Pra

começar, acima da minha casa tem muitos paus, que corre perigo, né? Que nem todo dia quando eu oro eu digo “jesus segura esses paus”.

(...)

Luiz carroceiro: Olha, vem aqui do lado por favor. A gente veve aqui debaixo desses paus aí ó.

Ana Karolina Carneiro: Ah, entendi!

Luiz carroceiro: Isso aí é o maior perigo, né? A gente veve aqui porque infelizmente é o jeito, porque quando essa ponte... quando chove ele fica cheia d’água, aí cai tudo aqui, tudo aqui em cima da casa da gente. A gente fica de noite aqui sempre sem poder dormir, tá entendendo? Por isso que eu tava falando, né? Ela mesmo, ela tem problema de saúde.

Ana Karolina Carneiro: Urum.

(...)

Luiz carroceiro: Ela toma remédio controlado. E só quem... é eu aqui sozinho aqui pra tudo pra dentro de casa, com aquela carrocinha ali ó. Só não saí porque tinha umas coisinhas pra resolver, mas a partir de amanhã já vou pra rua batalhar. E pra melhor dizer a você, né? Eu sei que isso aí não tem nada a ver, mas tamo muito aperreado aqui, sabe? Porque inclusive essa semana aconteceu um fato aí com um filho da gente, que tá no presídio. (...) e Deus sabe, sabe? Precisando aí das coisas, e não tem nada, tá entendendo? Foi sexta feira que aconteceu esse, essa prisão dele. Tá lá no presídio, a gente nem sabe ainda o que é que vai acontecer. Era até pra ela tá aposentada, porque ela toma remédio controlado, um tanto de remédio ela, um pra pressão e

⁵²MP acompanha medidas para evitar suicídios na Ponte do Reginaldo. Disponível em:

http://www.tribunauniao.com.br/noticias/56044/mp_acompanha_medidas_para_evitar_suicidios_na_ponte_do_reginaldo. Acessado em: 18 de novembro de 2020.

um outro pra ansiedade, né? Eu digo a ela, você tá bom de agir, né? Porque o problema dela é muito sério.

(...)

Ana Karolina Carneiro: Cai gente aqui? Eles botaram umas grades num foi? Para o pessoal não pular.

Luiz carroceiro: Mas foi o mesmo que nada essa grade aí porque veja, eles cortam. Mesmo com grade, tão pulando sabe?

Ana Karolina Carneiro: Eita...

Luiz carroceiro: Tão pulando.

Cláudia: Mas deu uma grande melhora.

Ana Karolina Carneiro: Deu né? Melhorou, né?

Cláudia: Porque era direto, era direto, né? 14 anos de pânico. Porque caia na minha porta.

Ana Karolina Carneiro: Nossa...

Cláudia: Aconteceu dele [marido] tá ali, quando ele dá meia volta a pessoa cair. Então foi o sistema nervoso, juntando tudo..., mas depois que botaram a tela deu uma grande aliviada. Mas assim mesmo a gente ainda presençaia trepado, aquelas coisas todas.

Ana Karolina Carneiro: E a sensação de ver uma pessoa morta, assim?

Cláudia: Horrível minha filha! É horrível! Horrível. Se pular um...

Luiz carroceiro: Chega abala tudo aqui quando o cara... a pessoa, chega abala tudo.

Cláudia: Olhe, quando caia no chão um... ele graças a Deus, ele é meu por... graças a Deus, eu me seguro nele. Mas quando caia, era o povo no chão. Era gente em cima pra acudir quem tava no chão e a minha casa cheia pra me acodir.

Ana Karolina Carneiro: Eu não consigo nem i-ma-ginar, assim, pra eu dizer que eu consigo, porque...

Luiz carroceiro: A queda é muito feia, chega abala tudo, chega estremece o chão aqui quando uma pessoa tenta pular daí. A gente fica aqui porque é o

jeito, né? Não tem pra onde ir... (Trecho de conversa realizada no Vale do Reginaldo em 20 de julho de 2021, *grifo meu*).



Figura 69: Fotomontagem Abaixo da ponte Afrânio Lages. Produzido pela autora, 2021.

A falta de ter para onde ir, a possibilidade de morar, a alternativa da renda e do divertimento, a dor da fome, do mal cheiro e da violência. A convivência com a diversidade de vidas, como por exemplo a de animais, mas também com a diversidade de mortes, como por meio do suicídio. O dia a dia que costura o que até então seria considerado o dentro e o fora. Paisagens que ecoam os ares de sítio, mas constantemente relembram que não o são de fato, e que pertencem ao urbano que continua a negar seus corpos. O lugar, o riacho, as pontes de concreto, mas também as que se fazem nos limiares, temporalidades que se conformam entre a cidade dos fundos, do alto e de baixo. Todas demarcações de um mesmo Reginaldo que pulsa de maneira efervescente sua multiplicidade, implicações, tensões, relações que se referem ao que ele é capaz de ser a partir do corpo que o enreda, que o preenche e se confunde com seu território.

A experimentação em campo mostrou um Vale do Reginaldo que, em nenhum momento, fecha-se por completo. Em meio a compreensões que fogem de definições rígidas, permitindo ser diversa a um só tempo, surgem pistas da multiplicidade da pobreza urbana e sua porosidade com outras partes da cidade. Por isso, ao invés de tentar apelar para o que seria uma síntese do Vale, prefiro suas arestas que o

tornam ressoante e aberto. Inserida nessas vocações, Jeremias, um gentil morador que muito compartilhou comigo e chegou a me perguntar o que eu poderia aprender com um semianalfabeto como ele, traz de forma inteligente e sagaz sua visão sobre o Reginaldo.

Jeremias: Olhe, o Vale do Reginaldo, o significado pra mim do Vale, é um projeto. É um projeto. Como assim? Porque tem muita família aqui dentro, muita família que vive arrumando latinha, trabalha com porcos, tem porcigua, outros trabalha com animais, cavalo, carroça de burro, então aqui é um projeto...é... pra quem mora aqui dentro é negócio sério, né? Outros tem venda, que nem eu mesmo. Também tenho uma vendinha ali também, que vende algumas coisas [...] se lá fora valoriza-se... porque aqui dentro Karol, aqui Reginaldo é um comércio, aqui é um comércio. Inclusive você vê, né? Que muita gente sai, como muita gente saiu e teve acesso a indenização das casas, foram pra outro lugar, não se deram, não se habilitaram com o lugar onde eles estavam morando e voltaram pro mesmo lugar. Porque o lugar... se fosse um lugar que não prestasse, eles morriam lá e não olhava pra trás, né?

Ana Karolina Carneiro: E como assim um comércio, quando o senhor fala comércio?

Jeremias: O comércio que eu falo é porque tem renda, entendeu? Você cria um bichinho aí vende, não é um comércio? Você bota... olhe, tem uma padaria, é um comércio, entendeu? Tem uma venda, é um comércio. Tem assim uma borracharia, aqui dentro tem borracharia, como tem aqui uma borracharia, tem uma bomboneli que vende.... Né? Então significa um comércio. Aqui uma mulher vende roupa, tá

entendendo? Outra aqui vende perfume, e assim....eu digo assim, que se transforma num comércio. (Trecho de conversa realizada no Vale do Reginaldo em 29 de novembro de 2019).

A fala de Jeremias traz a forte característica que o lugar tem de comércio popular, como meio de acesso a fontes de rendas alternativas, que por vezes representam o mínimo para a sobrevivência. Junto à acessibilidade que o território confere rumo às centralidades da cidade, longe de ser apenas um habitar, o Vale do Reginaldo configura uma grande ferramenta de resistência e enfrentamento das fronteiras na cidade que o cerceia, mas da qual está indissociavelmente ligado. Sua lógica se estrutura além de regulamentos e de códigos, e espontaneamente surge uma trama entre o corpo humano, os animais que se disseminam por toda extensão, e o labor. Essa potência que surge das cavidades não se desembaraça das fronteiras do *status quo*, de modo que o sofrimento, a dor, a doença e a violência não se extinguem da condição imposta.

Isso faz com que a moradia e o trabalho coexistam de maneira íntima. O corpo do indivíduo que habita o Vale é o corpo do próprio labor, ao se utilizar das sobras da dinâmica do lugar, da rua, do entorno,

para poder sobreviver cotidianamente. Essa sobrevivência se embaraça no que a informalidade possibilita, e neste contexto, convive-se com potencialidades, mas também com problemas. Quem, ou o que é o Reginaldo? Dentre tantas demarcações que assume ser, seus sentidos e significados se encontram dissimulados na formalidade ainda que sua profundidade não se encontre rígida em seu fundo, mas extravasando-se ao mover-se por toda a cidade.

Muito mais do que definir novas diferenças, através da escuta ativa que teve início durante a experiência com a noite, as referências do lugar passaram a criar associações durante o deambular corriqueiro em outras partes da cidade. Foram principalmente as sonoridades, ouvidas no fundo do Vale do Reginaldo, que fizeram uma ponte entre o lugar e o seu exterior, por vezes remontando-o.

3.5. A NOITE COMO PONTE.



*Figura 70:
Fotomontagem noite
no Reginaldo.
Produzido pela autora,
2021.*

Houve uma experiência noturna no Vale, que teve início na área da primeira ponte e se prolongou até a casa de Kátia, onde passei a noite. A experiência apenas se concluiu pela manhã, onde novamente retornei aos espaços comuns do Reginaldo, em um deambular mais livre que se estendeu até a área da segunda ponte. Para este acesso propus um adentrar menos formal, dispensando entrevistas e optando por vivenciar as percepções que afloraram do ambiente, realizando seus registros por meio de gravações.

O diário de campo a seguir é o relato dessa visita, realizada em 22 e 23 de agosto de 2019, quando o convívio com o Vale já estava frequente, e ocorreu graças à gentileza de Kátia, que permitiu a pernoite em sua casa.

À noite, principalmente no que se refere a estes territórios, assusta. Sendo assim, de imediato manifesta-se como algo não propício para ser realizado para alguém “estrangeiro” ao lugar. Entretanto, ao mesmo tempo, surgiu como uma possibilidade para estar em meio ao local de outra maneira.

DIÁRIO DE CAMPO:

PERNOITE NO REGINALDO, 22 E 23 DE AGOSTO DE 2019.

"EM MEIO AO EMARANHADO DOS RUIDOS QUE AVIZINHAVAM SUA CASA, KÁTIA ARRUMOU A CAMA DO SEU PAI, PARA QUE EU PUDESSE DORMIR. ESTAMOS NO INTERIOR DE UMA DAS INÚMERAS MORADIAS QUE COMPÕEM O VALE DO REGINALDO. FUI MUITO BEM ACOMODADA, MAS NÃO PUDE DEIXAR DE ESTRANHAR QUE A CAMA FICAVA NO PRIMEIRO CÔMODO DA CASA, BEM DE FRENTE PARA A PORTA DE ENTRADA. JÁ TINHA VISTO ESTA DISPOSIÇÃO EM OUTRAS MORADIAS DA FAVELA, MAS SABENDO QUE ERA EU QUEM PASSARIA A NOITE ALI, A SENSÇÃO FOI DIFERENTE. AO DEITAR, JÁ TARDE DA NOITE, HAVIAM OS SONS QUE ATRAVESSAVAM NO AMBIENTE, DESDE O DIÁLOGO DE KÁTIA COM O TIO EM OUTRO CÔMODO, ATÉ CONVERSAS QUE ACONTECIAM NAS CASAS AO REDOR. O BECO INTEIRO SE FAZIA PRESENTE DE FORMA CLARA PELO QUVIR, ME CAUSANDO A SENSÇÃO DE ESTARMOS TODOS COMPARTILHANDO UM POUCO DA NOSSA INTIMIDADE, O QUE ME FEZ DEMORAR MAIS A DORMIR.

DESPERTEI ASSUSTADA COM O ESTRONDOSO CACAREJAR DAS GALINHAS, MAS AO CONSULTAR A HORA VI QUE AINDA SE APROXIMAVA DE UMA DA MANHÀ. ISSO ME

INTRIGOU, O CACAREJO CONTINUAVA E PASSOU A SE MISTURAR A MIADOS EM UM FUNDO SILENCIOSO, TENSO E AMONTADO. ERA QUASE IMPOSSÍVEL QUE NINGUÉM TIVESSE ACORDADO, PELA PROXIMIDADE E ALTURA DOS SONS, MESMO ASSIM O SILÊNCIO DAS PESSOAS ABAFAVA AQUELE LUGAR, ME CAUSANDO CERTO INCÔMODO.

ENQUANTO TENTAVA DORMIR, OUVI UM CAMINHAR QUE ARRASTAVA O FINAL DA SANDÁLIA SEM PRESSA NO SOLO. AOS POUCOS ELE SE APROXIMAVA CADA VEZ MAIS, ATÉ QUE O PERCEBI PASSANDO POR CIMA DA MINHA CABEÇA. TUDO AQUILO ENVOLVIA MINHA PERCEÇÃO DE UMA MANEIRA EXTREMAMENTE INVASIVA, ERA ESQUISITO, PARECIA QUE NÃO HAVIA OBSTÁCULO FÍSICO NENHUM QUE ME SEPARASSE DO EXTERNO. ELE SIMPLEMENTE DESAPARECEU.

LOGO OUVI DOIS TIROS VINDOS DO FINAL DO BECO, NO MEU LADO ESQUERDO. MEUS OLHOS SE ARREGALARAM NO ESCURO! MEU CORPO, JÁ TENSO, OUVIU MAIS UM TIRO E MEU CORAÇÃO DISPAROU! SENTI MEDO, EU ESTAVA DENTRO DE UMA CASA, COM GRADE E CADEADO, MAS TUDO ERA PRÓXIMO DEMAIS. FOI DIFÍCIL VOLTAR A DORMIR, O

SONO QUE NOS REMETE AO DESCANSO E PROTEÇÃO, PARECIA FALÁCIA NAQUELE MOMENTO. QUANDO FINALMENTE ADORMECI, ACORDEI AO OUVIR O RONCO DE UMA MOTO, E COMECEI A TENTAR MAPEAR SEU TRAJETO NO ESPAÇO. NESTE MOMENTO FUI INTERROMPIDA PELO BARULHO DE UMA TROCA DE TIROS! ESTAVA MAIS LONGE, O QUE NÃO IMPEDIU QUE EU ME ASSUSTASSE.

ENTRE COCHILOS E SONS, AS HORAS SE PASSARAM VAGAROSAMENTE E O DIA AMANHECEU. O MESMO TERRITÓRIO PARECIA OUTRO, E EU TINHA CAPTADO PEQUENOS SULCOS DE SUA TRANSIÇÃO. ENTRE RELINCHOS, RUIDO DE TALHERES BATENDO EM PRATOS, PASSADAS EM RITMOS DISTINTOS E O REFLEXO DA LUZ DO SOL NAS FOLHAGENS DAS ÁRVORES; O CHEIRO SE AGREGOU AO AMBIENTE E TROUXE A SENSÇÃO DE FAMILIARIDADE. ME PERGUNTEI NAQUELE MOMENTO, SE A PALAVRA SEGURANÇA TERIA SOFRIDO UMA RESSIGNIFICAÇÃO."

tech

parecer
perntas

houver

itatura se aproxima...
te os sons, essa...





Figura 71: Registro do reflexo do sol nas folhagens, na manhã de 23 de agosto de 2019. Produzido pela autora, 2019.

Apesar da familiaridade com o local devido a visitas anteriores, desta vez, a experiência foi bruscamente diferente. A permanência do meu corpo durante cerca de 8 horas, imóvel e invisível, me fez conectar essencialmente através da audição. Por estar dentro de uma residência,

não era possível que eu alcançasse o entorno de outro modo senão pelos sons, que evidenciaram a fluidez do território.

A noite revelou um outro potencial de experiências, como se o lugar se vestisse às avessas. Dando espaço às sombras e a todo um

outro repertório sonoro, ele se transfigurou. Presenciar os fatos que se seguiram ao crepúsculo possibilitou o desenrolar de novos diálogos, revelando as pistas que me fizeram redescobrir o lugar inclusive espacialmente. Deduzi que o beco da casa de Kátia, dava para uma subida e era utilizada para fuga e abatimento de corpos. De repente, seu uso como varal de estender roupas, que antes sintetizava um barramento espacial, mesclava-se a uma localização potencialmente vocacionada à violência e à fuga para fora do Vale.

A cena me remeteu a uma conversa feita muito antes da experiência, com Solange, moradora de outra localidade do Reginaldo - já na área da terceira ponte. O assunto surge naturalmente quando comenta sobre como concluiu os estudos. A observação passaria até mesmo despercebida, mas retornando a sua fala, nota-se que ela já evidenciava a ladeira do Seminário como sendo perigosa:

Solange: Eu, minha vizinha e um monte daqui, fez 3 anos que a gente terminou o estudo. Terminei o estudo, 3 anos. Oxe, 6 horas eu já tava pronta. Já tava o café dele [filho] botado na mesa, toda vez ele ia comigo e ia um bocadinho de gente.

Marina Milito: Fez aqui no Marista, foi o EJA?

Solange: Não, foi na Ponta da Terra, no Teixeira.

Marina Milito: E aí tu ia como? Ia de bicicleta era?

Solange: Não, a gente ia de pé

Filho de Solange: Andando.

Solange: Seis hora, seis e quinze, a gente saía e quando era quinze pras vinte a gente já tava lá.

Marina Milito: É EJA não é?

Solange: É, que quando chegou logo pra aqui ... aí o nono ano eu terminei aí com o Carascosa [Colégio localizado na entrada do Reginaldo], aí depois a gente passou e foi pro Campo Teixeira. Eu, minhas vizinhas daqui e eu, gostei muito.

(...)

Ana Karolina Carneiro: Ah, que ótimo. E era sempre de noite?

Solange: De noite.

Marina Milito: O Marista tem também.

Solange: Tem, mas é por causa da ladeira.

Marina Milito: Mas eu não sei se o governo é que pagava, ou o marista que paga?

Solange: De dia é pago...

Marina Milito: É de dia é pago, mas de noite eles tem o EJA também que é de graça. Eu não sei quem é que financiava, sabe? Se eles mesmos que davam, se era o governo...

Solange: E não sabe se ainda tem... **Aí é muito perigoso subir ali.**

(Trecho de conversa realizada no Vale do Reginaldo em 17 de agosto de 2018, *grifo meu*).

Agora, fazia sentido que mesmo diante de um incômodo barulho durante a madrugada, os moradores não emitissem nenhum som, buscando se subtraírem da cena.

Por ser vergonhoso ou mesmo trivial a quem vivencia situações às quais muitas vezes não se aprova ou se aceita viver, alguns fatos hesitam em vir à tona em rápidos contatos. E poucas coisas são mais

fortes que as próprias vivências. Assim, para além das informações e contatos promovidos pela aplicação de enquetes ou questionários, fez-se notória a necessidade nos aproximar da vivência cotidiana das pessoas e da lógica de quem pretendemos melhor compreender. Foi apenas depois da estadia noturna que uma parte da conversa com Solange passou a ter sentido.

A noite não serviu como uma oposição ao dia, mas, como um campo de experimentação do desvio, favorecendo outros encontros com Reginaldo. Sem reduzi-lo às pré-disposições existentes no imaginário coletivo. Entende-se que ao dispor perceber o local a partir do que é incomum aos métodos de pesquisa convencionais, na escuridão da noite, a percepção pôde evidenciar mecanismos mais sutis para uma aproximação mais intensa com uma realidade que, pela sua espessura, sempre nos escapa.

Desse modo, apesar das pontes recorrerem à fisicalidade e da noite recorrer à temporalidade, optou-se por utilizá-las de maneira complementar, como fragmentos que operam em diferentes dimensões do Vale, e em conjunto, proporcionam uma ampla compreensão do que consiste em ser seu território. Ao sobrepor estas diferentes concepções escapando ao que seria lógico recorrer, surge um entendimento por

borras, em noções que não se limitam, nem mesmo se concluem, mas que além de surgirem como uma colocação do próprio lugar, acabam por apresentá-lo em um sentido mais esgarçado e potente. Tanto as ligações de concreto que se encontram no curso do riacho Reginaldo, quanto a noite, tornaram-se pontes para o desenvolvimento da pesquisa.

Como material produzido logo após a imersão, foi elaborado um curta-metragem por nome de “O caviar e a ova”, que também funciona como uma construção da concepção sobre o lugar”. Ainda que traga um olhar contaminado pelos limites e enfoques que a mim se fizeram presentes, acredito que ele proporcione desdobramentos diversos desse experimentar a quem se propõe a assistir, que possa inclusive abrir à distintas interpretações e sensações.

<https://drive.google.com/drive/folders/1FjWL1-HrWvHWXedKor-oLvfdam4K5Ea4?usp=sharing>

Com exceção dos tiros, que foram reproduzidos por não terem sido gravados no momento, e das cenas de crédito que joga com a trilha sonora “É o Moio” cantada por Rael, todo o áudio é original cena, e demonstra como a noite, muito mais do que o dia, traz no som, distintos

movimentos do lugar. Uma vivacidade que não passa despercebida, ainda que no escuro.

Além de proporcionar acessar o que se fazia em distâncias aparentemente maiores, como por exemplo o do barulho das motos ou mesmo dos tiros, o som também levou a uma escala menor, do gesto que circulava ao meu redor, como o arrastar das sandálias. Neste alcance me incluiu na cena e apontou para as características da forte presença dos animais. Comum ao que se pode observar durante o dia, sua presença continuou a ser efervescente.

Na busca por encontrar Reginaldo, agora no pós crepúsculo, me deparei com múltiplas demarcações que se relacionam à outra face do tempo e a outras percepções. Sob a ação da noite, o espaço se mistura, se desmancha, entra em conflito e produz suas próprias lógicas para continuar ou não concedendo a condição de existência humana, em meio a negação que circunda o Vale por todos os seus lados.

Considero que foi a partir da experiência com a noite que a pesquisa passou assumir indagações de caráter metodológico. Para além de ajudar a identificar o lugar espacialmente, os sons se mostraram operativos, permitindo transpor obstáculos físicos e levando o corpo a uma interação que aflora os sentidos da subjetividade.

As sonoridades representam marcos da dinâmica social do território, evidenciam transições do cotidiano na maneira como essa manifestação é incorporada na paisagem urbana e se tornam territorialidades do lugar. As diferentes camadas não se empilham em níveis diversos, mas se mesclam. Ainda que de maneira efêmera, os gestos percebidos pelas sonoridades demonstram nuances da complexidade do território.

Por isso, dentre os sentidos que permeiam o estudo, no imergir da experiência em campo, os sons foram lentamente se sobressaindo e trazendo a atenção do trabalho para eles.



**4. TEMPORALIDADES
DO SOBRE-EXISTIR:
APROFUNDANDO A QUESTÃO
DOS SONS E DOS ENFRENTAMENTOS URBANOS.**

Por algumas atividades dentro do Vale ocorrerem nas sombras ou no excesso das aparências, o uso da percepção serviu como principal prática metodológica para evidenciar suas operações internas. Este imergir por suas liminaridades, paradoxalmente possibilitou o reconhecimento de táticas e instrumentos também fora do Vale do Reginaldo, em espaços distintos da cidade. Notou-se como não apenas vida e trabalho se cruzam numa relação uníssona, mas que a busca por permear e compreender um pouco mais sobre as lógicas desse centro-periferia, desencadeia-se em práticas, caminhos, mediações e ligações do território de pobreza que esbarram na malha urbana da cidade.

Por se tratar de um lugar que opera a partir do escasso, do pouco e mesmo das sobras, percebe-se que os gestos de quem habita a grota são imbricados em sua própria materialidade, em uma estreita relação com a condição de sobre-existir demarcada pelas diretrizes dos mecanismos formais.

A sobrevivência, que não necessariamente implica na posse do que se considera básico ao ser humano, como alimentação, saúde, privacidade, segurança, ou mesmo o usufruto de uma infraestrutura básica, estabelece que suas vivências sejam assimétricas a este mínimo que se exige da vida cidadã. No entanto, como também pôde-se

perceber na experiência com o Reginaldo, a assimetria não significa uma completa oposição, nem mesmo a passividade frente as condições impostas, mas a manifestação de maneira de ser astuta e flexível, buscando brechas e produzindo alternativas frente a rigidez das amarras da malha social e econômica vigente.

Como reconhece Certeau (2014, p.96-97), "as estratégias apontam para a resistência que o estabelecimento de um lugar oferece ao gasto do tempo; as táticas apontam para uma hábil utilização do tempo, das ocasiões que apresenta e também dos jogos que introduz nas fundações do poder." Assim, apesar da tática acontecer por via da indisciplina, indo de encontro à hegemonia de partes minoritárias da cidade – já que os pobres preponderam em número - ela não se ausenta de uma lógica. Na realidade, está implicada no próprio ato do viver de forma subalterna, quando pessoas e circunstâncias se articulam cotidianamente.

A partir do contato íntimo com o Vale do Reginaldo, foi possível perceber que no cotidiano determinadas características ecoam para fora de suas demarcações físicas, conduzindo a derivações de territorialidades da pobreza para além do seu contexto espacial. Tais demarcações começaram a ganhar evidência durante uma viagem de

ônibus, em um trajeto feito constantemente do bairro da Ponta Verde, área considerada como “nobre” em Maceió, até o Tabuleiro do Martins, no outro extremo da cidade.

No ônibus, enquanto aproveitava a viagem para ler, as vozes de comerciantes e pedintes apontaram mais uma vez para a questão do som. Agora fora das delimitações da grotá, ele surge como um artifício eficiente para sobrevivência e reconhecimento na cidade. Sem precisar se aproximar ou ser visto, através dele, se alcança o outro sem qualquer necessidade de consentimento.

Dessa forma, diariamente, ambulantes e pedintes perfuram fronteiras e ganham a atenção de possíveis compradores e doadores, atestando a potência deste artifício sonoro frente aos abafamentos que a cidade promove. Em busca da renda, disputam o espaço e lidam taticamente, desde a maneira de ofertar suas mercadorias e serviços, até a forma de provocar o encontro com aqueles que os negam.

- Boa tarde gente! - gritou uma mulher que acabara de subir no ônibus.
- BOA TARDE! - respondeu todo o ônibus com sonoridade. Seu discurso prosseguiu com - Eu pago aluguel...
- E como se não houvesse mudança no tom, continuou...
- Estou vendendo estas pipocas por apenas um real. Quem puder **ajudar**, gente, eu vou agradecer. Quer não

puder, eu vou agradecer do mesmo jeito. (Diário de campo, *grifo meu*, 2019).



Figura 72: Mensagem em porta do ônibus, Maceió-AL. Produzido pela autora, 2019.

Os sons cotidianos são penetrados por uma espontaneidade carregada de signos, fragmentos e restos que levam a evidenciar estruturas invisibilizadas. De dentro do ônibus, o apelo da mulher vendendo seus produtos não era de uma passageira ou de uma simples

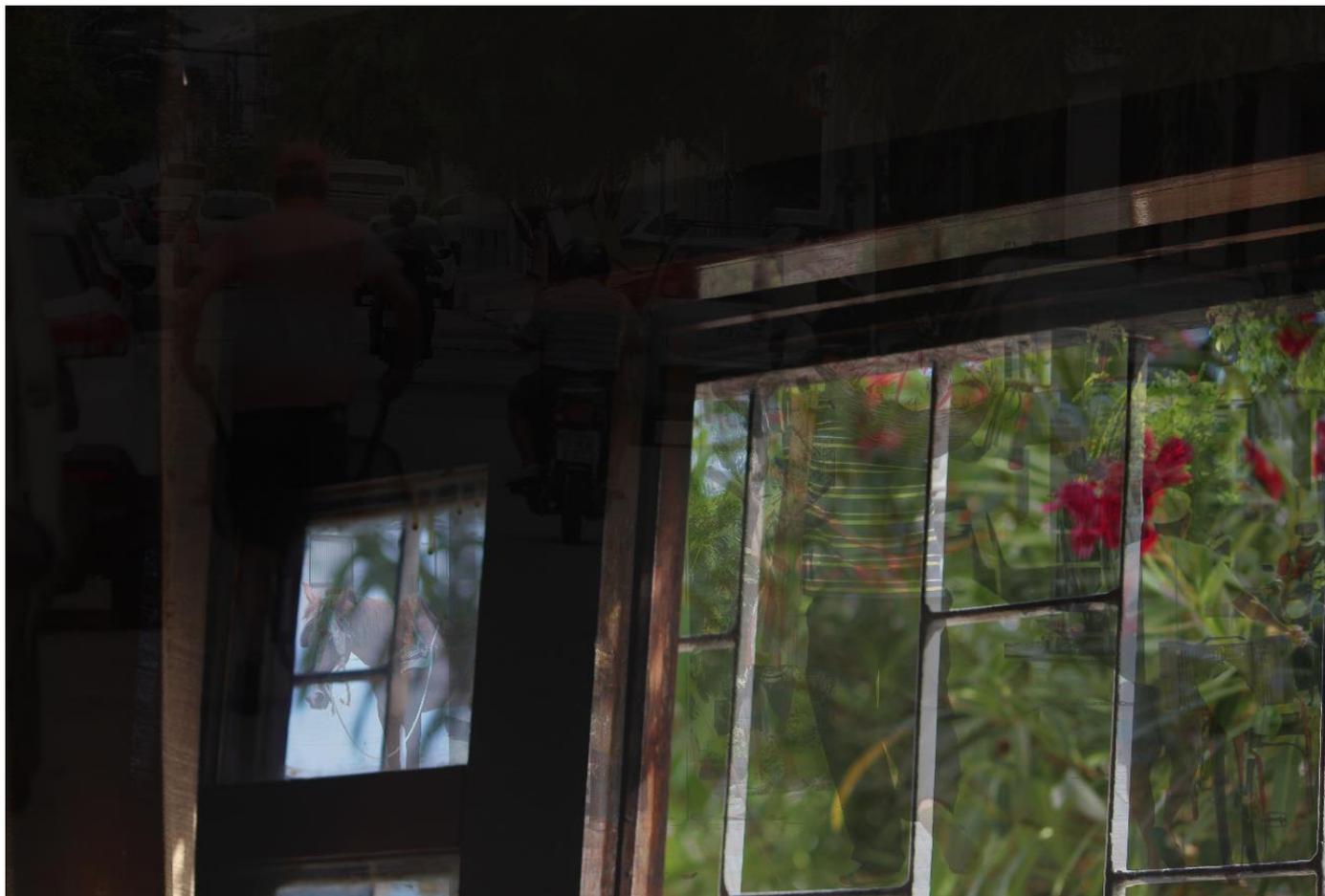
comerciante. Sua voz corria no ritmo da necessidade, do desemprego e dos poucos recursos disponíveis. O apelo da mulher era por ajuda, ou seja, pelo direito de sobreviver. Um grito ecoando no silêncio, aprisionado no invisível que confunde a estrutura do lucro com a violência à vida, com a incerteza de ser mais uma hoje e talvez, menos uma amanhã.

A apropriação do solo urbano e o mercado formal delimitam as exíguas condições para que esta penetração, paradoxalmente demandada e aguardada, ocorra. Já que a força que imputa os pobres urbanos às grotas, também pressiona seus serviços como base para o funcionamento das demais partes da cidade em troca de sua sobrevivência. Isso faz com que quando não estão nas comunidades onde vivem, esses indivíduos estão espalhados na cidade dita formal, lutando muitas vezes, até mesmo entre si.

Apesar disso, mesmo quando transitam por locais comuns, suas operações permanecem camufladas na paisagem. Ainda assim, os mais pobres buscam constantemente borrar as fronteiras que são estabelecidas, ao se colocarem no cotidiano em busca de sustento. O ato que lida com a imprevisibilidade do urbano, se utiliza da própria

temporalidade para criar suas demarcações, ao agirem nos territórios através da voz e do movimento que, em grande parte das vezes, cabe apenas ao próprio corpo.

4.1. CAMUFLAGENS E PERTURBAÇÕES: OS SONS COMO APARATO DO ESCASSO.



<https://www.youtube.com/watch?v=I8mhqB Bw0Fo>

Figura 73: Fotomontagem janela de casa. Produzido pela autora, 2021.

Agora dentro de casa, os sons superaram as demarcações internas do ambiente privado e marcaram a paisagem. Sem chegarem a ser vistos, ambulantes e carroceiros invadiram o quarto e ecoaram por toda a rua em intensidades distintas. De longe, eles avisam de mercadorias que muitas vezes sequer condizem com o vocábulo emitido, mas através dele, ganham personificação e possibilita a aproximação. Ao acessar o link anterior, que é um compilado de áudios capturados da janela em diferentes dias e momentos, é possível notar que a voz do vendedor de macaxeira provocou o interesse de quem o escutava, e em resposta, um outro grito surge demonstrando o desejo e possibilitando o encontro: “*Ei! Vai querer!*”.

Para quem busca ouvir a cidade, esses sons servem como um indicativo para a localização de uma parte da pobreza mais miserável. Por nem sempre o comércio popular ser considerado informal ou mesmo os ambulantes se encontrarem em trânsito, são justamente esses sons que anunciam a passagem da informalidade que opera a partir do mínimo. A estes ambulantes, que não se fixam em determinado local e nem mesmo possuem registro, é dado o nome de ambulante formiguinha.

Severino: Esse é o famoso vendedor formiguinha, assim que o pessoal chama. É formiguinha porque é o seguinte, a gente somos cadastrados e trabalha no local, e os formiguinhas, eles trabalham andando. [...] Eles andam para cima e pra baixo, pra cima e para baixo, então, esses é o formiguinha que o pessoal chama. (Trecho de conversa realizada com vendedor de acarajé na praia da Ponta Verde, em 14 de julho de 2021).

A condição imposta de não-lugar, que se faz por não fincar raízes em um ponto legal, regular e formal, induz os habitantes do Vale e tantos outros advindos das inúmeras áreas de pobreza da cidade, a circularem por entre os percursos urbanos das suas áreas “oficiais”. Nestas circunstâncias, as sonoridades cumprem um papel importante como mecanismo para a contração de renda. Em locais de alta aglomeração, o eco de suas vozes alcança possíveis clientes e compradores, antes mesmo da visualização dos mesmos e de seus produtos.

Em busca da renda, os formiguinhas disputam o espaço e lidam taticamente desde a maneira de ofertar suas mercadorias e serviços, até a de provocar encontros. Não há fachadas extensas, nem rostos a mirar, se trata de sons entoados a partir da fisicalidade dos corpos. Sons, que tensionam e que por vezes, praticamente engolem esses trabalhadores informais na sua própria disputa pela oferta. Através do corpo

carregam, empurram, conduzem e dão voz para contaminar este habitar e provocar o encontro com o outro. De modos diversos, a informalidade constrói soluções com o que se encontra disponível e transforma o espaço público em um possível mercado.

O reconhecimento das expressões utilizadas pelos ambulantes permeia a memória urbana e escapa a rigidez como comumente a cidade é contada. Na sombra do inconsciente, suas temporalidades abarcam não apenas o instante momentâneo, mas divagam pela memória de um urbano arraigado de referências passadas, que não se limitam ao lugar onde foram captadas.

Dessa maneira, os sons entoados por esse comércio popular não são apenas percebidos, mas também reconhecidos dentro da dinâmica atual da cidade. Em meio a construções que distanciam cada vez mais o espaço público coletivo do privado, como os edifícios, o corpo pobre encontra nos sons uma ferramenta potente de articulação com a cidade, exatamente por eles estarem fincados no imaginário urbano.

Deste modo, a acessibilidade sonora põe em causa as perspectivas e os limites do privado e do público, desdobrando o acesso directo, físico e corporal num acesso indirecto e feito à distância. Estamos, portanto,

obrigados a reconhecer, não apenas a extrema porosidade de que o público e o privado se revestem quando vistos à luz das paisagens sonoras, mas também, correlativamente, o facto de que as relações sociais e os diferentes modos de perceber o mundo podem ser partilhados por indivíduos e grupos sociais fisicamente distantes. (FORTUNA, 1998, p. 31).

Pelos sons possibilitarem a contaminação do espaço, através da voz o corpo do ambulante dispersa o fora e o dentro, o público e o privado. Este mecanismo sonoro joga com a falta de não poder fincar estruturas em um ponto físico, e esmaece quase que gentilmente as fronteiras postas. São estas frestas que o popular abre nos mecanismos de repressão da ordem prática, e que são acolhidos talvez pela evocação de memórias de tempos onde as relações se faziam também duras, mas perpassadas por fronteiras talvez menos fixas. Não só de tempos, mas de espaços também. O mundo rural, o mundo da pequena cidade, tão comum ainda no estado de Alagoas, onde os ambulantes “formiguinhas” são personagens também sempre presentes.

O refinamento da dominação que dita as formas de se urbanizar, também afeta a paisagem sonora, de modo que estas não se isentam de uma possível banalização. Cada vez mais sonoridades permeiam o ambiente urbano, como as produzidas por aparatos

tecnológicos e meios de transporte que tendem a dominar a cena. Assim, de certa maneira, a continuidade das operações que o corpo pobre utiliza para encontrar com a cidade e sobreviver em meio as fronteiras físicas e simbólicas que ela impõe, representa uma resistência à dominação e tecnificação dos espaços urbanos.

Após perceber os sons do comércio, serviços e modos de sobrevivência populares que conformam o cotidiano no meu próprio lugar na cidade, passei a registrá-los em uma experimentação que durou dezessete dias seguidos. Mesmo considerando a possibilidade de que alguns desses sons escapassem, esse registro buscou outros indicativos sobre suas razões de ser. Isso se mostrou o suficiente para evidenciar como estas ligeiras e frágeis operações, que em um primeiro momento são desprovidas de lógica, na verdade possuem uma organização que permeia o território em sua temporalidade.

O diagrama expôs que comumente essas ofertas são acessadas em horários próximos, indicando uma disposição demarcada ao longo do dia. E com exceção do carroceiro, função na qual várias pessoas atuam ofertando esse serviço, todas as outras ocupações são exercidas

individualmente. Assim, ainda que essas atividades se deem no trânsito de passagens efêmeras, elas utilizam o próprio tempo como um marcador, se fazendo acessíveis e por vezes aguardadas em determinados momentos do dia.

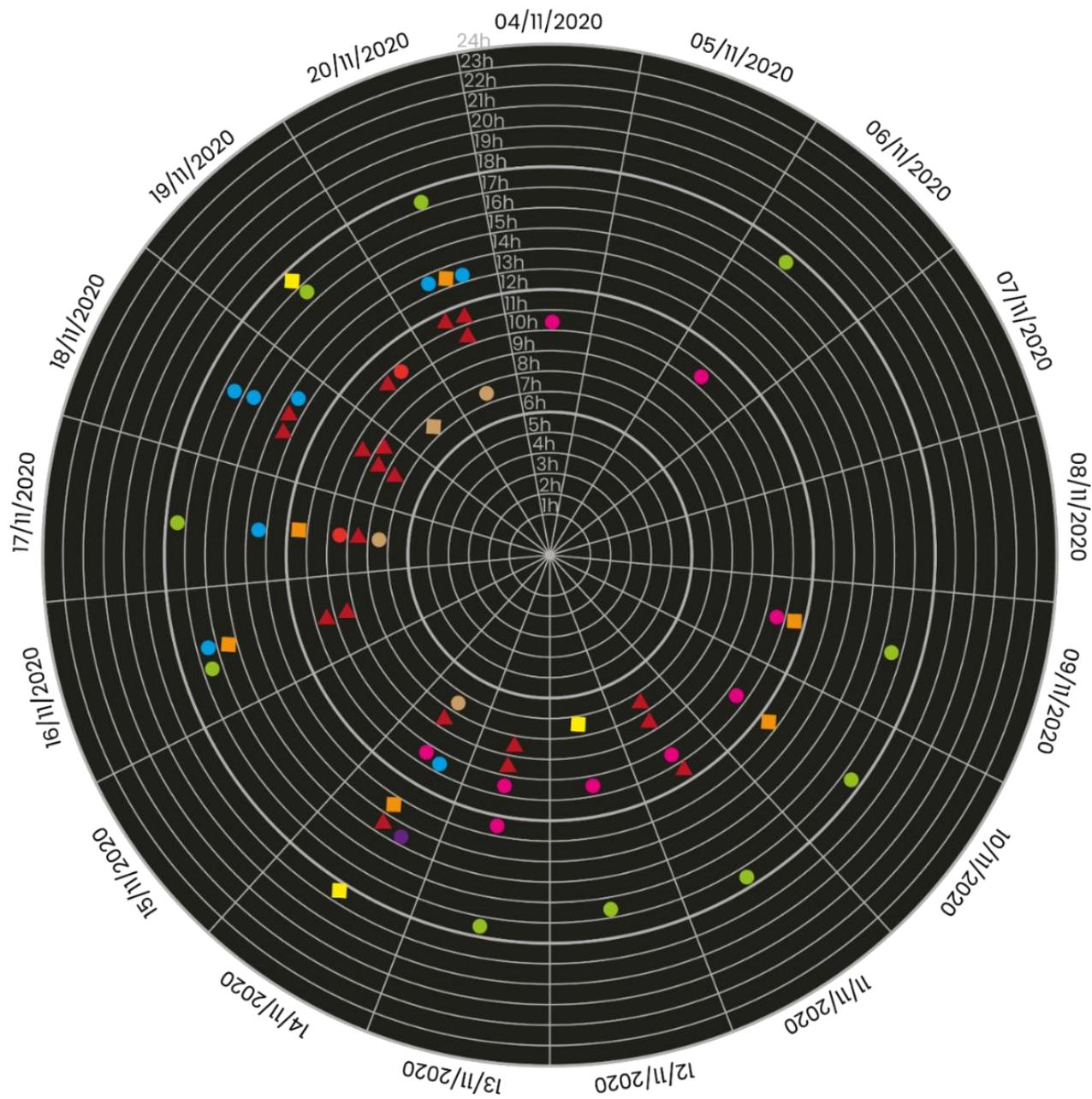


Figura 74: Diagrama com os registros da data e hora em que as sonoridades de ambulantes e carroceiros foram percebidas dentro da minha casa, no bairro da Ponta Verde, Maceió – AL. Produzido pela autora, 2020.

Apesar de residir na mesma moradia por pelo menos doze anos e frequentá-la durante toda a minha vida, antes esses sons apenas me chamavam atenção de forma dispersa. De modo que não notava qualquer organização ou mesmo conexão entre os momentos que eles apareciam, o que provavelmente se deve ao fato de passar bastante tempo fora de casa. Por isso, atribuo o resultado dessa experimentação sonora, tanto a condição da pandemia, por sermos obrigados a permanecer em casa, quanto à escuta ativa e as conexões que foram surgindo após a experiência com o Vale e com o ônibus.

As ofertas identificadas não se aproximam do moderno e industrial, não se fazem com eletrônicos e bugigangas *made in china* ou mesmo CDs e DVDs piratas, mas parecem pertencer ao ritmo do rural e do artesanal. Além de uma grande maioria contrair renda através da venda de alimentos, geralmente doces caseiros ou os que servem de consumo básico no cotidiano, como vendedores de: café, macaxeira, bolo, picolé, garrafinha, quebra-queixo e cuscuz. Surgiram também aqueles que praticam serviços, como os carroceiros, e os que adquirem renda a partir de outros meios, como o catador.

Como aponta o diagrama, de início a minha percepção sobre essas atividades era restrita. Foi apenas durante o processo, no exercício

diário da escuta ativa, que sonoridades mais sutis passaram a ser percebidas. Atualmente, mesmo nos momentos em que eu não estou inclinada à pesquisa, tornou-se impossível ignorar esses sons, que se fazem presentes de maneira enfática no cotidiano. Por isso, no decorrer do tempo, outras conjunturas foram notadas. Alguns desses sons sumiram e outros surgiram, como exemplo, o do amolador e do vendedor de feijão verde, presentes no registro sonoro.

Outro fato marcante, foi que em um determinado momento, o vendedor de macaxeira que se utilizava de carrinho de mão parou de passar. E em seguida, um outro vendedor de macaxeira surgiu na mesma faixa de horário que o anterior. Um detalhe, é que este empurrava uma estrutura maior feita de madeira e provida de coberta, demonstrando uma melhor condição que o primeiro. Por um tempo, cheguei a pensar que isto se devia à alguma disputa territorial, mas não pude confirmar tal impressão, já que, após um longo período de tempo o primeiro ambulante retornou. Hoje, os dois passam em horários próximos, por vezes alternando a ordem.

Curiosamente, ao menos outra pessoa também notou tal dinâmica. enquanto a macaxeira passava bem em frente à minha casa,

uma moça gritou interrompendo o canto: “*amanhã eu vou comprar viu? Que bom que você está de volta, tá tudo bem?*”. No que ele suscitadamente respondeu: “*joia*”. Como quem sabia que a conversa não iria se desenrolar, a moça apenas completou “*amanhã eu venho*”. E o ambulante seguiu...

Essas pequenas impressões, quase que insignificantes, foram abrindo passagens para outras formas de aproximação. O corpo pobre intrincado no labor, também é múltiplo, e se utiliza de objetos, instrumentos e meios de transporte distintos, que não apenas indicam sobre sua hierarquia, como também sobre os gestos que estão imbricados nesse processo. Seja no cantar dos alimentos que estão à venda, no uso de dispositivos sonoros, como apitos ou sinos; ou mesmo, como no caso dos carroceiros, no barulho do trotar do cavalo que puxa a carroça pelo asfalto, refletir sobre os sons impulsionou a atenção para as ações físicas que o corpo exerce, levando a buscá-las visualmente na paisagem. Pois, apesar da voz ser um instrumento potente e fundamental neste acessar, o engajamento é articulado com todo o corpo que se dispõe ao labor, ao ato e à passagem.

4.2. MECÂNICA DOS CORPOS: CONTÍNUO MOVIMENTO.

Para além do processo de andar, carregar, agitar, assoprar e gritar, uma grande parte da mercadoria ofertada está relacionada ao saber-fazer manual que ruma os ares do interior. Esse processo artesanal, quase sempre supera o próprio produto ou serviço, e também é percebido nos objetos que são carregados, nos instrumentos e meios de transportes utilizados e no próprio gesto. Uma articulação que sempre permeia o corpo, e que, portanto, se dá em um ritmo pessoal.

Píúúúú! O amolador leva seu instrumento, uma aparente gambiarra, atravessada ao seu corpo por uma alça. Utiliza uma das mãos para acomodá-la junto de si, e a outra para levar o apito até a boca, avisando que está de passagem, *píúúúú!* Quando tem seu serviço solicitado, leva o esmeril ao chão e agacha. Equilibra o seu corpo com as pontas dos dedos dos pés e com uma das mãos gira a alavanca, de modo que, o objeto segurado pela outra mão seja amolado na parte de ferro. Esse atrito chega a provocar algumas fagulhas, até que por fim, seu serviço está feito na própria calçada. Neste instante, ele se recompõe e retorna à posição itinerante.

Diálogo



Figura 75: Registro do amolador. Produzido pela autora, 2021.

ÔÔÔôô! O vendedor de bolo caminha segurando com as duas mãos um grande cesto de palha que acomoda nas costas. Nele, leva seus quitutes envolvidos por um volumoso tecido e simultaneamente, carrega pendurado em um dos braços um suporte de madeira que irá se transformar nos pés para sua vitrine de bolos. A estrutura retrátil parece incluí-lo. Ao ser chamado por algum interessado, seu corpo para, abaixa o ombro, retira o suporte com uma das mãos, e com habilidade usa seu pé para armar a base no chão. Depois traz o cesto por uma das laterais da cabeça e o acomoda na estrutura que agora torna a ser um expositor. Por fim, desamarra as pontas do tecido com a ponta dos dedos, e apresenta seus produtos. *ÔÔÔôô!* Sua voz ecoa contendo um profundo sentimento e ampla potência, de modo que, por vezes, mesmo quando não passa na rua em questão é possível escutá-lo em quarteirões vizinhos.



Figura 76: Registro vendedor de bolo. Produzido pela autora, 2020.

XÊÊRAa! O vendedor de macaxeira leva sua mercadoria em um carrinho de mão, o que torna seu trabalho um pouco mais eficiente do que aqueles que não possuem qualquer instrumento de transporte. Para se deslocar, suspende os cotovelos e empurra o carrinho com as duas mãos, equilibrando a roda no chão. A carga é colocada na parte da frente, logo acima da roda, de modo que o peso se concentra no eixo. No registro também se percebe a presença de outros objetos, como a de

uma balança, essencial para pesar a macaxeira que é vendida por quilo, e uma garrafa de água de uso pessoal. Além disso, algumas sacolas plásticas aparecem amarradas na parte inferior do carrinho, estas são utilizadas para colocar a mercadoria quando ela é vendida. *XÊÊRAa!* Ao cantar a macaxeira, ela quase que se reduz a sua sílaba tônica, que é responsável por ditar o ritmo e chamar a atenção enquanto caminha, caminha, caminha...

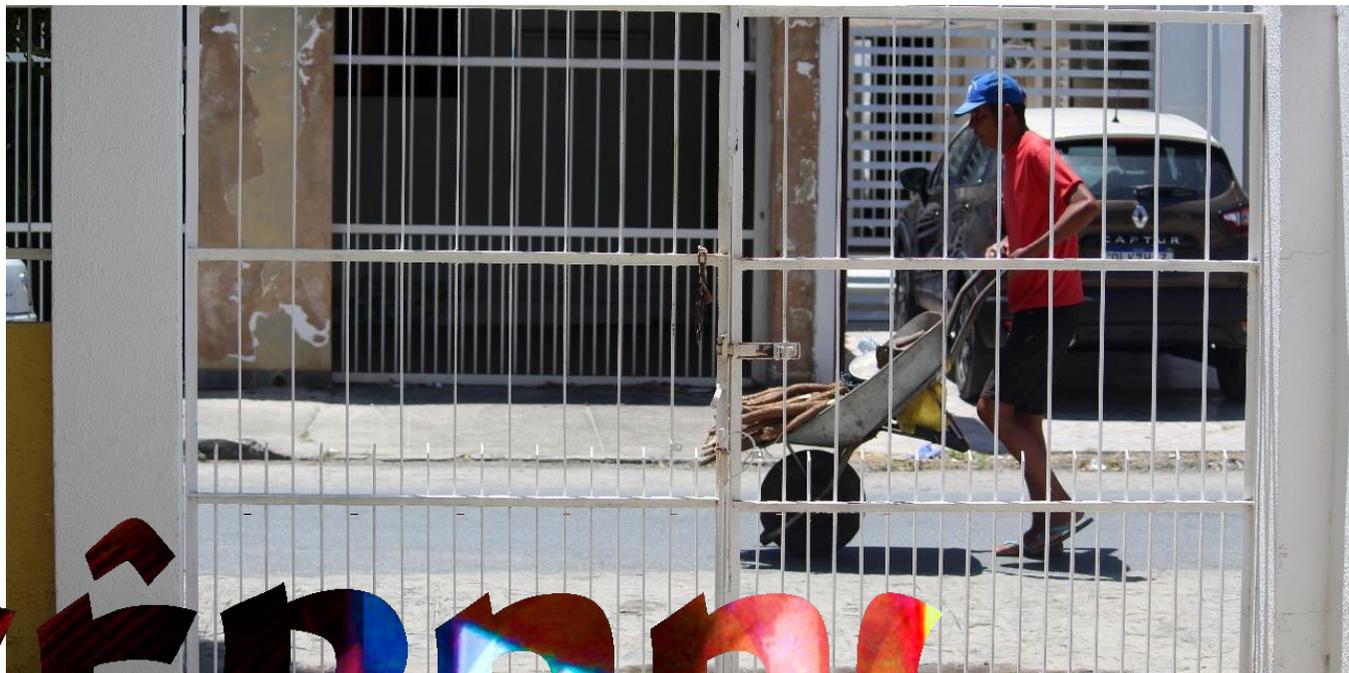


Figura 77: Vendedor de macaxeira com carrinho de mão. Produzido pela autora, 2020.

XÊÊRAA!

Olha o quebra-queixoooo! Quebra-queixo! O vendedor de quebra-queixo explicita sua venda no som que grita ao passar pela rua, mas diferente dos demais, também oferta um outro produto, que só é possível de perceber visualmente. Ele também vende algodão doce que, pelo seu colorido, chama atenção aos olhares de quem passa. Esse ambulante é equipado com uma bicicleta, que torna ainda mais ágil sua mobilidade e até mesmo serve de suporte para levar maiores cargas. Assim, mesmo quando não está pedalando, mas conduzindo-a a pé como foi flagrado, ele consegue transportar uma maior quantidade de coisas. Neste caso, seus braços ficam tensionados para conduzir o guidão e apoiar a bicicleta na lateral do seu corpo.

Para se locomover, o ambulante distribui seus objetos por toda a bicicleta. No suporte frontal acomoda a bandeja do doce quebra-

queixo e no passageiro leva um caixote de feira, onde além de acomodar seus objetos, prende uma barra de ferro comprida que permite deixar o algodão doce suspenso. Além disso, alguns dos furos do caixote são usados para amarrar um cabo onde é pendurada sua garrafa, o que complementa a estrutura em gambiarra.

Olha o quebra-queixoooo! Quebra-queixo! Além de verbalizar com precisão qual produto está à venda, ele também pede para ser visto. Uma tática comum no mercado ambulante, inclusive nos que operam em outros locais da cidade, como no centro ou na praia. De maneira sutil o verbo indica o que deve ser feito e chama atenção em locais de alta aglomeração.



Figura 78: Vendedor de quebra-queixo e algodão doce. Produzido pela autora, 2020.

As imagens registradas na rua, remeteram a gestos mais distantes como os encontrados na praia e no Vale. Entretanto, essas impressões não ficaram apenas no âmbito da similaridade. Despropositadamente, foi possível encontrar com o mesmo vendedor de quebra-queixo caminhando por essa outra paisagem. Todos caminhos possíveis para a sua venda.



Figura 79: Vendedor de quebra-queixo e algodão doce na praia da Jatiúca. Produzido pela autora, 2021.

Poc, poc, poc! Plim, plim, Brumm! pocotó pocotó! O carroceiro é o único que não busca chamar atenção através dos sons. Mas, ainda que desprovidos de intenção, ao transitarem pela rua geram ordenações sonoras singulares que ecoam a mistura do trotar do cavalo, do barulho das correntes e do corpo do carroceiro contra a própria estrutura de madeira que se estremece com o balançar. Desse modo, podem ser identificados a certa distância.

Os carroceiros vivem em intimidade com o próprio bicho. Além de lavá-los, alimentá-los e guiá-los, quem abastece a carroça é o carroceiro, que dispõe do corpo para levantar e arremessar a carga repetidamente. Por isso não é apenas o animal que exerce a função de carrego, o trabalho também solicita esforço humano de forma intensa.



Figura 80: Registro de alguns carroceiros no bairro da Ponta Verde – Maceió/AL. Produzido pela autora, 2020.

**POC, POC, POCI PLIM,
PLIM, BRUMM! POCOTÓ
POCOTÓ!**

Há uma grande quantidade de carroceiros que percorre a rua, o que indica essa prática como uma alternativa comum ao sustento dos menos favorecidos. Além disso, quando comparadas as formas de contrair renda que surgiram com a experimentação sonora, eles são os que mais diretamente reverberam o Reginaldo.

De volta ao Vale, Jeremias revela como o animal de tração é comumente utilizado para prestar diferentes serviços. Dentre eles, os carroceiros atuam carregando mudança, mas também livram dos entulhos, tralhas e rejeitos, as calçadas da cidade. De certa maneira, é esta necessidade e o atendimento a baixo custo, que contribui para a manutenção dessa oferta de serviço. Por vezes, o próprio vale e o seu riacho tornam-se um local para o descarte desse material transportado. Sua fácil localização torna a prática vantajosa para alguns carroceiros.

Jeremias: E aqueles burrinhos ali? Ah, vive solto ali também.

Ana Karolina Carneiro: É o que?

Jeremias: Vive solto, vive solto por todo canto.

Ana Karolina Carneiro: Mas aqui tem, por exemplo, o porco é pra matar e vender.

Jeremias: E vender, é.

Ana Karolina Carneiro: O burrinho é pra que?

Jeremias: O burrinho é pra botar na carroça e ganhar os pães pro lado de cá. Eles botam numa carroça e vão, fazer uma muda, né? Ó! Saindo agora.

Ana Karolina Carneiro: Ah!

Jeremias: Aí liga pra ele, “vamo pegar um sofá”

Ana Karolina Carneiro: Ah! Mudança!

Jeremias: Um fogão, uma geladeira, tá entendendo?

Ana Karolina Carneiro: Aram. Inclusive, ali na frente tem um bocado de carroça de burro.

Jeremias: Eles botam na carroça e vão trabalhar, é... o pessoal liga pra tirar uma metralha, aquele povo da Ponta Verde, né?

Ana Karolina Carneiro: Sim. É, inclusive eu tirei foto agorinha de um que tava em frente à minha casa.

Jeremias: Pronto.

Ana Karolina Carneiro: Exatamente isso.

Jeremias: Pronto, pronto, pronto... aí eles ligam pra ele e eles vão direto e vão ganhar o dinheirinho deles. Ó, ali... Aquele saiu de manhã, vem chegando agora. (Trecho de conversa realizada no Vale do Reginaldo em 29 de novembro de 2019).



Figura 81: Registro de carroceiro no Vale do Reginaldo – Maceió/AL. Produzido pela autora, 2019.

Ainda no Reginaldo, Sérgio que hoje tem 60 anos e é carroceiro desde sua adolescência, fala de algumas dificuldades enfrentadas no acessar das ruas, por exemplo, quando sua carroça passa a ocupar o mesmo espaço que os automóveis. Há inclusive articulações entre os próprios carroceiros, realizadas para garantir um certo controle dos territórios em que se pratica o serviço.

Sérgio carroceiro: Rapaz, é bom e não é, porque tem gente que é contra, né? A gente leva tanto nome de

“filha da puta”, “corno”, “viado”, é muito ruim. É muito humilhado, é muito humilhado.

(...)

Ana Karolina Carneiro: E o senhor trabalha só pela parte baixa da cidade, ou pela parte alta também?

Sérgio carroceiro: Não, parte alta não, parte baixa. Parte alta tem outro pessoal lá.

Ana Karolina Carneiro: Tem outro é?

Sérgio carroceiro: Tem outro pessoal lá, é.

Ana Karolina Carneiro: E vem de onde?

Sérgio carroceiro: Vem do Benedito, do Clima Bom, por ali tem. É... Eustáquio Gomes tem.

Ana Karolina Carneiro: Aí, já toma conta?

Sérgio carroceiro: Não pode ir pro ponto dos outros não. Aqui com os carroceiros, é quem nem ponto de droga. Você não pode botar nos dos outros, nem os outros no ponto da gente. Se botar, aí apanha. É a mesma coisa, só que carroceiro é honesto, né? E os de droga não existe, mas é a mesma coisa.

Ana Karolina Carneiro: Entendi.

Sérgio carroceiro: No outro ponto, o cara faz reunião lá e bota pra entrar, pra descer. Pode não. A gente usa. Por exemplo, os caras do Vergel, sabe o Vergel da...? Sabe o Vergel da Lagoa? Os caras andam com a gente, aí é um ponto só. Aquele é um ponto só.

Ana Karolina Carneiro: Ponta Verde, Pajuçara, Ponta da Terra...

Sérgio carroceiro: Jatiúca, Jaraguá... até ali a gente vamos.

Ana Karolina Carneiro: Aí é o carroceiro de onde?

Sérgio carroceiro: Daqui, de...

Ana Karolina Carneiro: Do Reginaldo?

Sérgio carroceiro: Daqui do Reginaldo e Vergel. Do Vergel da Lagoa.

Ana Karolina Carneiro: E da beira da lagoa?

Sérgio carroceiro: - É. Da beira da lagoa, é.

Ana Karolina Carneiro: Só! Se entrar outra pessoa vocês já sabem que...

Sérgio carroceiro: É, aí reúne todo mundo num... a gente faz as coisas com ele lá, aí num...

Ana Karolina Carneiro: É porque é a parte baixa de Maceió.

Sérgio carroceiro: É, parte baixa, é.

Ana Karolina Carneiro: Tem muito carroceiro, né?

Sérgio: Tem. Tem muito!

Ana Karolina Carneiro: Eu vejo passando um monte lá perto de casa.

Sérgio carroceiro: Tem muito! Você pegar a beira da lagoa até o Trapiche, olhe quantas carroças tem lá, tem muito, tem muito. E, Benedito... somando são cinco mil carroceiros.

Ana Karolina Carneiro: - Cinco mil? Aonde? Da onde?

Sérgio carroceiro: Daqui de Maceió. Benedito Bentes...

Ana Karolina Carneiro: Ah, é Maceió toda que tem cinco mil carroceiros.

Sérgio carroceiro: Toda, cinco mil. E na reunião eles vieram. Pra o protesto eles vieram lá de cima...

Apesar de ser uma atividade que deriva da marginalidade, é possível compreender que sua atuação não é simples, há regras ditadas pelos próprios carroceiros. Além disso, os cavalos não estão disponíveis a qualquer um. Na verdade, dentro da pobreza, há gradações. Como fica evidente nas falas a seguir, quem possui cavalo e carroça, explora uma especificidade de mercado mais vantajosa que a do catador, por exemplo, ainda que isso não a torne fácil.

Luiz carroceiro: É, não é serviço certo não. Tem dias que eu saio na rua não arrumo nada. Do jeito que eu saí de casa, volto. A trabalhada da gente é essa, né? Porque carroceiro é assando e comendo, né? Arruma de manhã pra comer de noite, né? E pouquinho, não é essas coisas toda. É 20, 30. De manhã até meio dia. (Trecho de conversa realizada no Vale do Reginaldo em 20 de julho de 2021).

Ana Karolina Carneiro: E qual a diferença para os catadores?

Jeremias: A diferença?

Ana Karolina Carneiro: Catador de... Por que não tem catador?

Jeremias: Porque não tem...

Ana Karolina Carneiro: Os catadores não têm o burrinho não?

Jeremias: Tem. Não, não! Os catadores de reciclagem, né? Que sai catado... tem dias que vem até aqui dentro, pra pegar daqui dentro Karol.

Ana Karolina Carneiro: E é?

Jeremias: É. Pra catar garrafa, lata véia. E eles pega, e é como um carro de mão. Com carrinho de geladeira eles fazem aqueles carrinhos, bota dentro e sai carregando.

Ana Karolina Carneiro: Não usa muito animal.

Jeremias: Não, não. Animal é só pra...

Ana Karolina Carneiro: E por que que o senhor acha que não usa? Porque seria mais fácil, né?

Jeremias: É porque não tem condições minha fia.

Ana Karolina Carneiro: Não tem condições não né?

Jeremias: A comunidade aqui são fraquinhos.

Ana Karolina Carneiro: Então quem tem animal já é um... passo à frente né?

Jeremias: É, já, já tem mais um dinheiro pra... Quem tem uma carroça dessa aqui é rico, entendeu?

(...)

Jeremias: Outro aqui também luta pra ter o carrinho de pastel pra vender, e não tem, e assim vai...

Ana Karolina Carneiro: Tem muitas comidas também, né?

Jeremias: É

Ana Karolina Carneiro: Tem muita gente aqui que trabalha na praia?

Jeremias: Tem! Com amendoim, castanha, ovo de codorna...

Ana Karolina Carneiro: E é?

Jeremias: Tem um monte. Eu comecei aqui Karol, com arroz doce.

Ana Karolina Carneiro: E foi? É, o senhor não me contou como veio parar aqui!

Jeremias: É, eu comecei aqui com arroz doce, mungunzá, sopa, bolo, torta. Eu faço, né? Eu mesmo faço, faço arroz doce, torta, bolo, sopa, mungunzá. (Trecho de conversa realizada no Vale do Reginaldo em 29 de novembro de 2019).



Figura 82: Registro de catador no Vale do Reginaldo – Maceió/AL. Produzido pela autora, 2019.

4.3. SER VIBRATO: EXPRESSÃO OPERACIONAL DO CORPO NO TERRITÓRIO.

Há uma multiplicação e continuidade entre os espaços de pobreza que se remetem uns aos outros, tornando-se derivações que se confrontam no solo de um tecido esgarçado e disperso. Assim, ao deixar de ouvir as grotas apenas em seu habitar, vindo a explorar derivações que se dispersam na malha da cidade, surgiram desdobramentos dessa lógica em seus diferentes espaços. As formas que o anonimato cria para gerar identificações próprias foram cada vez mais ganhando potência. Ao perseguir mais enfaticamente a questão do som, tratando o artifício sonoro que tomou força dentro do ônibus e se evidenciou fortemente no funcionamento interno do Vale do Reginaldo, encontra-se outros contraentes da sua narrativa marginal e suas demais formas de existir, sobreviver e se expressar, auxiliando inclusive no entendimento e rastreamento desses corpos constantemente em trânsito.

Através da voz, ambulantes e carroceiros expressam não apenas a mercadoria que desejam vender, mas as vibrações do território que habitam, e que encarnam justamente na construção subjetiva: seja na pronúncia (ÔÔÔôô, XÊÊRAa...), seja nas performances do corpo ao mover-se pela malha urbana (carregar, empurrar, guiar); essas

marcações que se ausentam do entendimento urbano oficial, permeiam a memória e o entendimento da paisagem no cotidiano. Assim, os corpos “invisibilizados” não passam despercebidos.

“A convivência entre os diferentes ou, ainda, a tolerância dos incluídos mediante os excluídos – incluídos só é possível dentro desse pacto de invisibilidade. Mas há nesse processo uma espécie de retorno do recalcado. E esse retorno é político” (REYES, 2019, p.12). Nas mediações simbólicas que estrutura a vida em sociedade, o corpo recorre a seus próprios atributos físicos para desestabilizar as fronteiras determinadas dentro do território. Seus atos são capazes de territorializar e reterritorializar o espaço urbano ainda que através de efeitos mínimos, reconhecidos pelas minúcias presentes nos gestos que se sobressaem.

A territorialização abre passagens para o corpo negado. Ao mover-se, muitas vezes provido unicamente de si mesmo, caminha na lentidão do passo a passo. Um esforço que perpassa pés, pernas, abdômen, diafragma, ombros, braços, mãos, pescoço, cabeça e ainda usa dos músculos internos, como as cordas vocais. Movimentos que

articulam a mecânica do corpo, as sonoridades e a resistência no segurar, arrastar, empurrar, puxar, carregar, equilibrar...

Ainda que o comércio ambulante seja apenas uma das maneiras como o corpo pobre excede as fronteiras do território, sua importância está no processo como isto acontece. Como foi reconhecido durante a pesquisa, é a própria corporalidade que funciona tanto como reação aos silenciamentos da estrutura urbana hegemônica, quanto como ferramenta de territorialização, ação e produção da cidade e seu imaginário. O comércio popular torna a ser um sinalizador, uma referência da pobreza e de suas tentativas de sobrevivência, que utiliza do corpo para perfurar as amarras simbólicas, e assim, exemplificam o desmanchar do sintetismo simplificador da imagem binária do meio urbano.

A dimensão sensorial possibilita perceber conformações que perturbam o território, possibilitando que fronteiras se tornem limiares. “O que existe, de fato, é um movimento complexo de territorialização, que inclui a vivência concomitante de diversos territórios - configurando uma multiterritorialidade, ou mesmo a construção de uma territorialização no e pelo movimento.” (HAESBAERT, 2007, p.20).

Tanto as grotas propriamente, como o comércio ambulante que seus habitantes realizam pela cidade, representam uma resistência à dominação e pacificação dos espaços urbanos, evidenciando o forte tangenciamento entre o corpo e o território, onde vida e trabalho se intrincam na condição de sobre-existir. Este corpo é posto como um vibrato – expressão sonora operacional dos territórios urbanos, percebidos no limiar do cotidiano.

O conceito de ser vibrato como uma figuração das táticas do sobre-existir no meio urbano em diferentes escalas, intensidades e maneiras no cotidiano: (som-movimento-voz), desmancham as demarcações que lhes são impostas através de características mínimas, comuns ao seu corpo físico e urbano. Por isso, ele se torna um aparato para a pesquisa empírica, na prática de se deixar afetar.

Apesar de se assemelhar ao conceito de Suely Rolnik de corpo vibrátil, que se refere “dimensão dos processos subjetivos diferente de um “eu” como identidade fechada em si mesma e imune aos seus efeitos de movência da alteridade”. (ROLNIK, 2002, p. 270-271), aqui, o vibrato refere-se à tática dos menos afortunados na cidade, passível de ser percebida nos limiares do cotidiano, o que lhe caracteriza como um indicativo para o estudo da pobreza urbana, que geralmente encontra-

se restrita aos seus territórios de moradia. Essa evidenciação, leva à possibilidade de compreender a cidade de forma mais emergente e porosa, na (de)formação do corpo físico e urbano em territórios.

Em uma estrutura urbana que opera em maior intensidade na captura da dimensão espacial, a qualidade do vibrato parece enfraquecer as operações de domínio naquilo que pode ser compreendida como a quarta dimensão do espaço: o tempo.⁵³

O território passa a ter um estado de imprecisão com outros signos, inclusive dos que se dizem opostos, e nesse momento, lança-se ao movimento. Assim, a sonora intervenção do sobre-existir na cidade pode, porosa e fugazmente, apontar para um território movente.

O som nada mais é do que a propagação de ondas mecânicas acústicas percebidas através da variação de pressão no meio material. Essas ondas, tanto surgem quanto são captadas por meio da vibração, como visto no grito do ambulante, que é resultado da articulação de musculaturas menores provocando a vibração das cordas vocais.

⁵³ “Como decorrência desse raciocínio, é interessante observar que, enquanto "espaço-tempo vivido", o território é sempre múltiplo, "diverso e complexo", ao contrário do território "unifuncional" proposto e reproduzido pela lógica capitalista hegemônica,

Coincidentemente, é possível perceber algumas ressonâncias entre a representação da onda sonora e o perfil geográfico de Maceió, que inclusive reverberam na denominação utilizada para indicar o ponto de menor extremidade provocado na variação de pressão, conhecido como vale.

especialmente através da figura do Estado territorial moderno, defensor de uma lógica territorial padrão que, ao contrário de outras formas de ordenação territorial (como a do espaço feudal típico), não admite multiplicidade/sobreposição de jurisdições e/ou de territorialidades.” (HAESBAERT, 2007, p.21).



Figura 83: Comparação entre a representação da onda sonora e do perfil de elevação da cidade de Maceió. Produzido pela autora, 2021.

Legenda

- Representação da onda sonora.
- Variação de pressão da onda sonora.
- Crista da onda sonora.
- Vale da onda sonora.
- Perfil de elevação da cidade (corte indicado na imagem).
- Área de estudo no Vale do Reginaldo.

Através de vibrações constantes, seus atos são capazes de territorializar o espaço urbano ainda que por efeitos mínimos, reconhecidos pelas minúcias presentes nos gestos que se sobressaem. Assim, o corpo recorre a seus próprios atributos físicos para esmaecer as fronteiras determinadas dentro do território. Ao circular, esses ambulantes e carroceiros promovem que o corpo objetificado penetre os espaços outros da cidade através do som da voz, do sino, da carroça, do cavaco. Não apenas utilizando, mas também criando estratégias que passam a fazer parte da subjetividade e da memória urbana.

No corpo, "ponto" por excelência de confluências, não existe polaridade, mas uma multiplicidade dimensional (formal, vital, técnica, relacional, etc.). Nesse sentido nem mesmo pode definir essa confluência como apenas UM ponto, no sentido de um local determinado, mas sim por várias dimensões que ultrapassam, ou passam "entre" a relação de dualidades estabelecidas como forma/expressão. (FERRACINI, 2004, p.71).

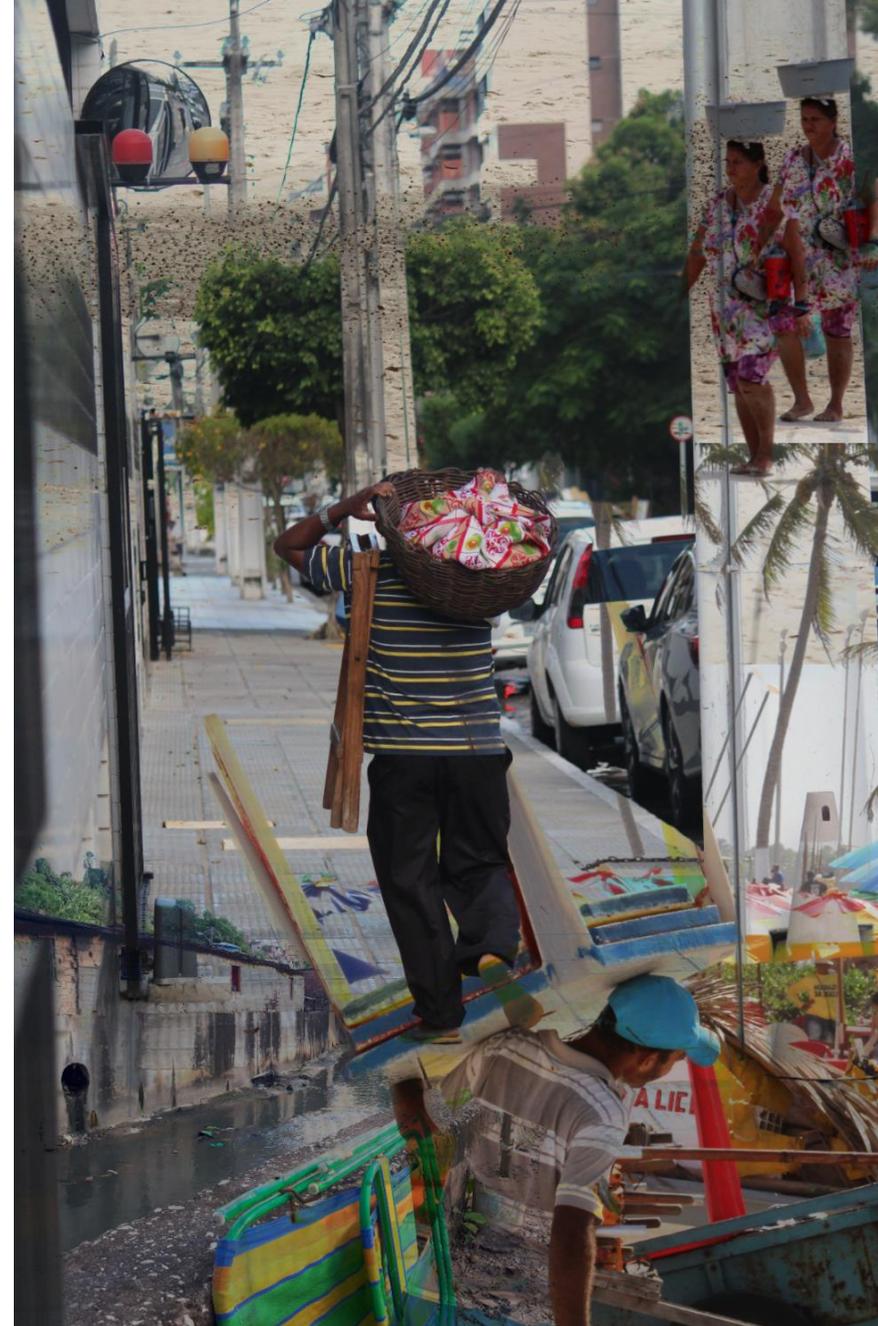
A divisão entre o dentro e o fora não expõe apenas subliminarmente a manutenção da própria pobreza “em seu lugar”, ela eclode à superfície para contribuir no funcionamento da cidade. O anonimato torna-se o trânsito, o sempre mover, mas nunca pertencer. Ao se associar à memória, o mecanismo do som, sedimenta o

reconhecimento do papel que aquele comércio toma para si e refletem aspectos da lógica do sobre-existir na cidade. “Sua margem não é um “fora” (dehors) em oposição a um dentro (dedans). O limite é violentado, rasura-se, perde-se. [...]O fora e o dentro se reescrevem e não se separam”. (GOMES, 2008, p.60).

Nessa perspectiva, ao contrário de uma paisagem homogênea e fronteira, nem as cavidades da grota, nem bairros abastados como a Ponta Verde, são completos análogos. Cada vez mais, o Vale não se finda em si mesmo, mas forma-se exatamente de amálgamas que para além da geomorfologia e regulamentações existentes, se mistura, se desmancha e entra em conflito. Da mesma forma, os outros bairros que chegam aos limites do Vale também estabelecem diferentes pactos com a diversidade das ocupações e com seus habitantes. A apropriação, ainda que efêmera do corpo que é visto como desterritorializado, não passa isenta, o comércio popular torna a ser um sinalizador, uma referência de acesso da pobreza e de suas tentativas de sobrevivência, mas que também é acessado por quem não necessariamente pertence ao lugar.

A experiência levou-me a sinalizar aspectos da dinâmica e relação entre o corpo e o território, dando visibilidade ao que antes operava de maneira dissimulada no cotidiano. Se Maceió era compreendida como a cidade dos pobres pelos dados disponíveis no censo, hoje ela também se mostra nas sonoridades que permeia a cidade, apesar da aparência pitoresca com que tal atividade por vezes é categorizada. Não há gambiarra, bricolagem, geringonça e furdunço apenas nas áreas ditadas para a pobreza. Seus ecos não se resumem a apenas beleza ou feiura, progresso ou ruína. Ao se evidenciar a plasticidade do movimento dissimulado, o vibrato permite uma compreensão que parte de um contínuo jogo de interpenetrações e adquire uma definição que trava deslocamentos exatamente por não ser em objeto, e sim um processo, movente e prenhe de temporalidades latentes.

Figura 84: Fotomontagem ambulantes em diferentes lugares da cidade. Produzida pela autora, 2021.





**5. VIBRAR PARA
DESESTABILIZAR:
ÚLTIMAS CONSIDERAÇÕES.**

Ao buscar alternativas para compreender os modos de viver que se encontram abafados no discurso urbano, a pobreza foi colocada não como um objeto de estudo, mas como a perspectiva de construção do pensamento e reflexões acerca da cidade, sendo levada ao centro da interlocução. Foram as afetações com o campo que possibilitaram um outro estado emocional, capaz de estimular novas construções do pensamento. Através de uma experimentação sensível e intuitiva, disponível no ato de se deixar afetar pelas minúcias do cotidiano, a sensorialidade e a subjetividade afloraram como meios capazes de construir o conhecimento, indicando articulações e formas de atuação que por vezes escapam das concepções ditadas pela conduta usual adotada pelos trabalhos acadêmicos.

Dentre os sentidos que permeiam o estudo, no imergir da experiência em campo, os sons foram lentamente se sobressaindo e trazendo a atenção do trabalho para eles. Foi no andar pelo Vale que eles foram se fazendo muito presentes, seja no começo pela tensão em se ouvir ou não um tiro – um dos mais icônicos sons que atravessam sem cerimônias os seus espaços, carregando com ele uma forte dose de simbolismo - ou depois, na mistura da enorme variedade sonora que caracteriza o cotidiano da vida coletiva do lugar.

Ouvir o Vale despertou a atenção para as vozes de ambulantes e pedintes que permeiam a cidade. Estes corpos da pobreza, os “naturais” habitantes do Reginaldo ou de áreas similares, apontaram o som como um artifício potente para sobrevivência e reconhecimento na “outra face da cidade”. Sem precisarem se aproximar ou serem vistos, perfuram fronteiras e alcançam o outro sem qualquer necessidade de consentimento, atestando a potência deste artifício que se articula com todo o corpo.

Ao acessar o Reginaldo, não se acessa um local de pesquisa estável. Neste caso, as sonoridades se tornaram territorialidades do lugar, marcos da dinâmica social do território. Evidenciam transições do cotidiano, não apenas no ato da venda de um produto, mas na maneira como essa manifestação é incorporada na paisagem urbana. Ainda que de maneira efêmera, os gestos percebidos pelas sonoridades demonstram nuances da complexidade do território.

Nesse processo que se abastece dos sentidos, através do som e do que ele denuncia, ocorrem desdobramentos dos territórios pela própria percepção, abrindo brechas para compreender seus modos de acesso em espaços não mais de exceção, mas de intercessão urbana.

Muito além de um reduto da violência, o Vale, constrói e ativa a cidade, inclusive economicamente.

Portanto, supostas fronteiras que demarcam o Reginaldo não serviriam para separá-lo de outros territórios da cidade, mas para dissimular sua existência e reconhecimento na estrutura urbana. Lidar com esses tensionamentos em sua face mais emergente e porosa aparenta ser uma possibilidade para promover pequenos deslocamentos do que se encontra estabelecido.

Os abafamentos urbanos são estabelecidos pelos termos de dominação e produção de conhecimento moderno, e operam reduzindo o discurso – ou a visão de mundo - a recortes do que lhes convêm. Tais delimitações da forma de (re)conhecer e dialogar com a cidade não se restringe a um ocultamento, mas a uma intervenção sem qualquer neutralidade. Desta maneira, ao me utilizar de uma abordagem distinta da moderno-colonial, é possível observar rastros de como desestabilizar tais fronteiras?

Para quem observa estes fatos, abre-se a possibilidade de uma forma de compreensão irradiante, gerando sinapses de percepções e pensamentos que passam a se conectar a outras informações das grotas, obtidas na afetação dos sentidos, sobrepondo narrativas e revelando

nuances da cidade e de sua estruturação que a imersão neste mundo propicia alcançar. Associadas as sonoridades e aos movimentos do corpo que caracterizam o vibrato como uma tática de enfrentamento do sobre-existir, as fronteiras tornam-se um entre, um caminho que prolifera a vida.

Apesar de pertencer ao urbano, Reginaldo escapa ou excede a noção de cidade. Perseguir seus signos e significados nas imbricações possível entre a geografia, corpos, vivências, sons e lugares da cidade, trazem implícita a ideia de paisagem, que auxilia a pensar sua organização e vida para além dos moldes estabelecidos, já que:

A nossa consciência, para além dos elementos, deve usufruir de uma totalidade nova, de algo uno, não ligado às suas significações particulares nem delas mecanicamente composto - só isso é a paisagem. (SIMMEL, 2009, p.5).

Ao considerar um território que é impossibilitado de ser fechado em si mesmo, não é mais o espaço físico que funciona como o grande marcador do território, mas o reconhecimento do corpo e das formas como esse corpo opera a des(re)territorialização por meio subjetivo e sensível.

A multiterritorialidade, como já enfatizamos anteriormente, aparece como uma alternativa conceitual dentro de um processo denominado por muitos como "desterritorialização". Muito mais do que perdendo ou destruindo nossos territórios, ou melhor, nossos processos de territorialização (para enfatizar a ação, a dinâmica), estamos na maior parte das vezes vivenciando a intensificação e complexificação de um processo de (re)territorialização muito mais múltiplo, "multiterritorial". (HAESBAERT, 2007, p.19).

Ainda que permaneçam em uma condição de dominação, a partir do encontro que o corpo inscreve pela voz, há o deslocamento de determinados sentidos do lugar. Mesmo que isso se dê de maneira efêmera, como uma passagem, o corpo provoca uma ressonância capaz de criar articulações mínimas na paisagem e também na dinâmica do território. Dessa maneira, inscreve no invisível subjetivo e desestabiliza a imagem e o imaginário da cidade.

Segundo Haesbaert (2007, p.20), “estes processos de (multi)territorialização precisam ser melhor compreendidos, especialmente pelo potencial de perspectivas políticas inovadoras que eles exigem ou implicam.”

O território, como espaço dominado e apropriado, manifesta hoje um sentido multi-escalar e multi-dimensional que só pode ser devidamente apreendido dentro de uma concepção de multiplicidade, tanto no sentido da convivência de - "múltiplos" (tipos) de

território quanto da construção efetiva da multiterritorialidade. Toda ação que se pretenda efetivamente transformadora, hoje, necessita, obrigatoriamente, encarar esta questão: ou se trabalha com a multiplicidade de nossas territorializações, ou não se alcançará a transformação que almejamos. (HAESBAERT, 2007, p.42-43).

Ao se utilizar o corpo como ferramenta da construção do pensamento e produção de narrativas, promove-se uma crítica colaborativa à formação em arquitetura e urbanismo. Pois, buscar perceber as conformações que “perturbam” os territórios da cidade, possibilitando que fronteiras se tornem limiars, passagens e desvios, promove entendimentos da dimensão material e temporal que ocorrem ali e que se camuflam rumo às barras da malha urbana, faz com que se adquira uma definição de cidade que não mais é dura e inflexível, mas se mostra como um processo de múltiplas conformações latentes.

A experimentação através do corpo que se arrisca, permite uma compreensão que parte de um contínuo jogo de interpenetrações. Paisagens emolduradas, tornam-se sobreposições e fragmentações de sentidos que levam a um fluxo não coeso de interpretações e das formas que a cidade se faz e se desfaz. Isso permite reparar por uma lógica

menos bipartida, onde a cidade não se divide em extremidades, o que ajuda a deslocar certas fronteiras que sustentam seus abafamentos.

A busca pelas cidades ocultas dentro de si tornou-se o insistir no incômodo do corpo no campo, no colocá-lo, de alguma maneira, sob risco, na vivência e na construção do conhecimento que parte de mergulhar no lugar.

Ao longo do trabalho foram levantados apontamentos sobre a indiscutível necessidade de uma sociedade mais justa e menos desigual. No entanto, a principal contribuição desta dissertação para as grotas, vai além da reivindicação de seus direitos básicos, e se faz no acúmulo da multiplicidade da carência, dentre elas, uma compreensão mais existencial de viver uma cidade.

Na cadência do consumo de criar falsas demandas continuamente, o urbano empenha-se cada vez mais em tecnificar seus espaços, operacionalizar suas vivências e delinear suas relações. A carência, por outro lado, deixa aflorar possibilidades que o mundo já tão satisfeito esgota. Ainda que inclusa no capitalismo, seu papel de escassez promove impressões que alcançam um ponto de conhecimento no estranhamento e também no sentido da existência, onde se mantêm vivos os canais essenciais que fazem com que a vida tenha sentido. Por

este motivo, ao longo de sua construção este trabalho deixa de mobilizar a ideia de um pensamento futuro ou projeto, como usualmente a figura do arquiteto anuncia, e volta-se para tratar a vida cotidiana.

A escassez que acomete esses espaços não pode ser confundida com sua definição. Há compreensões que só são possíveis de se ter com, e na grota. Por sua multiplicidade e não coesão, ela evidencia uma outra dimensão para quem trabalha e estuda o campo do espaço. Uma dimensão que acolhe e prolifera a complexidade, a multiterritorialidade, a mistura e a diversidade. Permeia a temporalidade e a materialidade sem se esgotar em suas questões, demonstrando um outro tipo de vida e de funcionamento, capazes de conduzir a compreensões diversas do pensamento crítico.

Portanto, há nessa tangente uma possibilidade que não se restringe aos pobres, mas ajuda a pensar o deslocar da nossa própria lógica. A vida não deve se prostrar as delimitações criadas por e para alguns poucos. Deve, em oposto, deixar germinar a potência que carrega sua profusão, aproximar-se da sua experiência criativa e da sua essência indisciplinada. E nós, devemos manter ativo e perspicaz o principal instrumento para apreender e aprender por entre seus tantos limiares: o corpo, sua percepção sensorial, experimental e intuitiva.



*Figura 85: Fotomontagem Maceió.
Produzido pela autora, 2021.*

REFERÊNCIAS

ALENCAR, Ana Paula Acioli de. **A expressão das desigualdades urbanas**: Análise espacial da distribuição da infra-estrutura na cidade de Maceió, Alagoas. Dissertação (Mestrado Em Dinâmicas Do Espaço Habitado – DEHA). Universidade Federal de Alagoas. Faculdade de Arquitetura e Urbanismo. Maceió, 2007.

ALMEIDA, L. S. A cidade e o texto. Introdução aos estudos em homenagem a Pedro Nolasco Maciel. ALMEIDA, L. S. (Org). **Traços e troças: literatura e mudança social em Alagoas**: estudos em homenagem a Pedro Nolasco Maciel. Maceió: EDUFAL, 2011.

_____. O capital e suas atualizações em uma economia provincial. 2016. Disponível em: <http://luizsaviodealmeida.blogspot.com/2016/06/o-capital-e-suas-atualizacoes-em-uma.html>.

ATHAYDE, Celso et al. **Cabeça de porco**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2005.

BARROS, Carlina Rocha de Almeida. et al. **O que tapa o alagadiço? os impactos do higienismo na qualidade urbana de Maceió/alagoas (brasil) a partir das intervenções no riacho Maceió**. Buenos Aires: XI Simposio de la Asociación Internacional de Planificación Urbana y Ambiente, 2014. p. 572-581.

BATISTA, Lázaro; BAPTISTA, Luiz Antonio dos Santos. Limiars e fronteiras de uma cidade que ainda vive. **INTERAÇÃO EM PSICOLOGIA**, Paraná, Universidade Federal do Paraná, Departamento de Psicologia. vol. 22, n 03, 2018. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/psicologia/issue/view/2641>.

BAUMAN, Zygmunt. **Confiança e medo na cidade**. Tradução Eliana Aguiar. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2009.

CALVINO, I. **As cidades invisíveis**. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

Cavalcanti, V. R., Faria, G. M. G., Costa, V. R., Silva, L. G. O. da, & Moura, L. R. D. de. Empreendimentos e ações públicas e privadas em Maceió/AL no início do milênio. **Paisagem E Ambiente**, USP, São Paulo. n. 36, p. 11-33, 8 dez. 2015. Disponível em: <https://doi.org/10.11606/issn.2359-5361.v0i36p11-33>

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano**: 1. Artes de fazer. 22ª edição. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

CHAGAS, Renata Voss. MEMÓRIAS (RE)VELADAS: O CINE PLAZA E O MOVIMENTO DA IMAGEM NO EVENTO “INSTANTE IMPRECISO”. **22º Encontro Nacional anpap**: Ecossistemas Estéticos. Belém – Pará, 2013.

DIDI-HUBERMAN, Georges. **Cascas**. São Paulo: Editora 34, 2017.

FERRACINI, Renato. **Corpos em criação, café e queijo**. 2004. 345 p. Tese (doutorado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Artes, Campinas, SP. Disponível em: <http://www.repositorio.unicamp.br/handle/REPOSIP/284233>.

FONSECA, Cláudia. O anonimato e o texto antropológico: Dilemas éticos e políticos da etnografia 'em casa'. **Teoria e Cultura**, Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da UFJF, Juiz de Fora. v. 2 n. 1 e 2, 2007.

FORTUNA, Carlos. **Imagens da cidade: sonoridades e ambientes sociais urbanos**. **Revista Crítica de Ciências Sociais**, Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra, Centro de Estudos Sociais: Coimbra. n. 51: 21-41, 1998.

_____. **Cidade e urbanidade**. In: FORTUNA, Carlos; LEITE, Rogério Proença (Org.) **Plural de cidade: novos léxicos urbanos**. Coimbra: Almedina, 2009.

GLISSANT, Édouard. **Pela Opacidade**. In: **Revista Criação & Crítica**, USP, São Paulo. no.1: 53-55, 2008.

GOMES, Renato Cordeiro. **Todas as cidades, a cidade: Literatura e experiência urbana**. Rio de Janeiro: Rocco, 2008.

HAESBAERT, Rogério. **TERRITÓRIO E MULTITERRITORIALIDADE: UM DEBATE**. **GEOgraphia**. UFF, Rio de Janeiro. v. 9. No 17. 2010.

HOLZ, Josiane. **Levantamento e mapeamento do índice de risco de alagamento da Bacia do Riacho Reginaldo**. Dissertação (mestrado em Engenharia: Recursos Hídricos e Saneamento) – Universidade Federal de Alagoas. Centro de Tecnologia. Maceió, 2010. 161 p.

IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Censo Demográfico 2010**. 2010. Disponível em: <<http://www.censo2010.ibge.gov.br/>>. acessado em: 2020.

_____. **Desigualdades Sociais por Cor ou Raça no Brasil**. In: **Estudos e Pesquisas: Informação Demográfica e Socioeconômica**, n.41:1-12, 2019. Disponível em: https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv101681_informativo.pdf

_____. **Síntese de indicadores sociais: uma análise das condições de vida da população brasileira: 2020** / IBGE, Coordenação de População e Indicadores Sociais. - Rio de Janeiro: IBGE, 2020.

JACQUES, Paola Berenstein. Estética das favelas. **Arquitextos**, São Paulo, ano 02, n. 013.08, Vitruvius, 2001. Disponível em: <https://vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/02.013/883>.

JACQUES, P.B.; PEREIRA, M. S. Modos de Fazer. In: JACQUES, P.B.; PEREIRA, M. S. (Org.). **Nebulosas do pensamento urbanístico**: tomo II – modos de fazer. Salvador: EDUFBA, 2019. 465 p. 9-20.

MENDONÇA, Luciana. Sonoridades e cidade. In: FORTUNA, Carlos; LEITE, Rogério Proença. (Orgs.). **Plural de Cidade: Novos Léxicos Urbanos**. Coimbra: Almedina/CES, 2009.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **As formas do silêncio**: No movimento dos sentidos. Campinas, Editora da Unicamp, 2007.

PEREIRA, Margareth da Silva. Gestos urbanos: pensar o tempo. In: BRITTO, F. D.; JACQUES, P. B. **Corpocidade**: gestos urbanos. Salvador: EDUFBA, 2017.

PROGRAMA DAS NAÇÕES UNIDAS PARA OS ASSENTAMENTOS HUMANOS. Relatório contendo conjunto de dados atualizados sobre grotas. ONU-Habitat, Maceió, 2019.

PROGRAMA DAS NAÇÕES UNIDAS PARA OS ASSENTAMENTOS HUMANOS E GOVERNO DE ALAGOAS. Mapa Rápido Participativo (MRP) das grotas de Maceió, ONU-Habitat, Maceió, 2021.

Redação Repórter Nordeste. Obra do PAC, Vale do Reginaldo está parado há um ano. 2011. Disponível em: <https://reporternordeste.com.br/obra-do-pac-vale-do-reginaldo-esta-parado-ha-um-ano/>. Acessado em: 16 de novembro de 2020.

REYES, Paulo. Um habitar menor. **Pós: Revista Programa Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo da FAUUSP**. USP, São Paulo, v. 26, n. 49, 2019.

RIZEK, Cibele Saliba. Limites e limiares/corpo e experiência. **Redobra**, Salvador, v. 3, n. 10, p. 33-39, 2012. Disponível em: < http://www.redobra.ufba.br/?page_id=54 >.

ROLNIK, Suely. Subjetividade em obra: Lygia Clark, artista contemporânea. **Corpo & Cultura, Projeto História**. Departamento de História e Programa de Estudos Pós-Graduados em História da PUC-SP, São Paulo, n. 25, p. 43-54, 2002.

ROSA, Thaís Troncon. *et al.* Liminaridades. In: BRITTO, F. D.; JACQUES, P. B. **Corpocidade**: gestos urbanos. Salvador: EDUFBA, 2017.

ROSA, Thaís Troncon. **Cidades outras:** pobreza, moradia e mediações em trajetórias urbanas liminares. 2014. Tese (Doutorado em Teoria e História da Arquitetura e do Urbanismo) - Instituto de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Carlos, 2014. doi:10.11606/T.102.2014.tde-24022015-101352. Acesso em: 2020.

_____. Pensar por Margens. In: JACQUES, P.B.; PEREIRA, M. S. (Org.). **Nebulosas do pensamento urbanístico:** tomo I – modos de pensar. Salvador: EDUFBA, 2018. 335 p. 176-204.

SANTOS, Fátima Carneiro dos. **Por uma escuta nômade:** a música dos sons da rua. São Paulo: EDUC, 2002.

SANTOS, Milton. **Pobreza Urbana.** 3ª edição. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2013.

_____. **Espaço e Método.** 5ª edição. 2ª reimpressão. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2014.

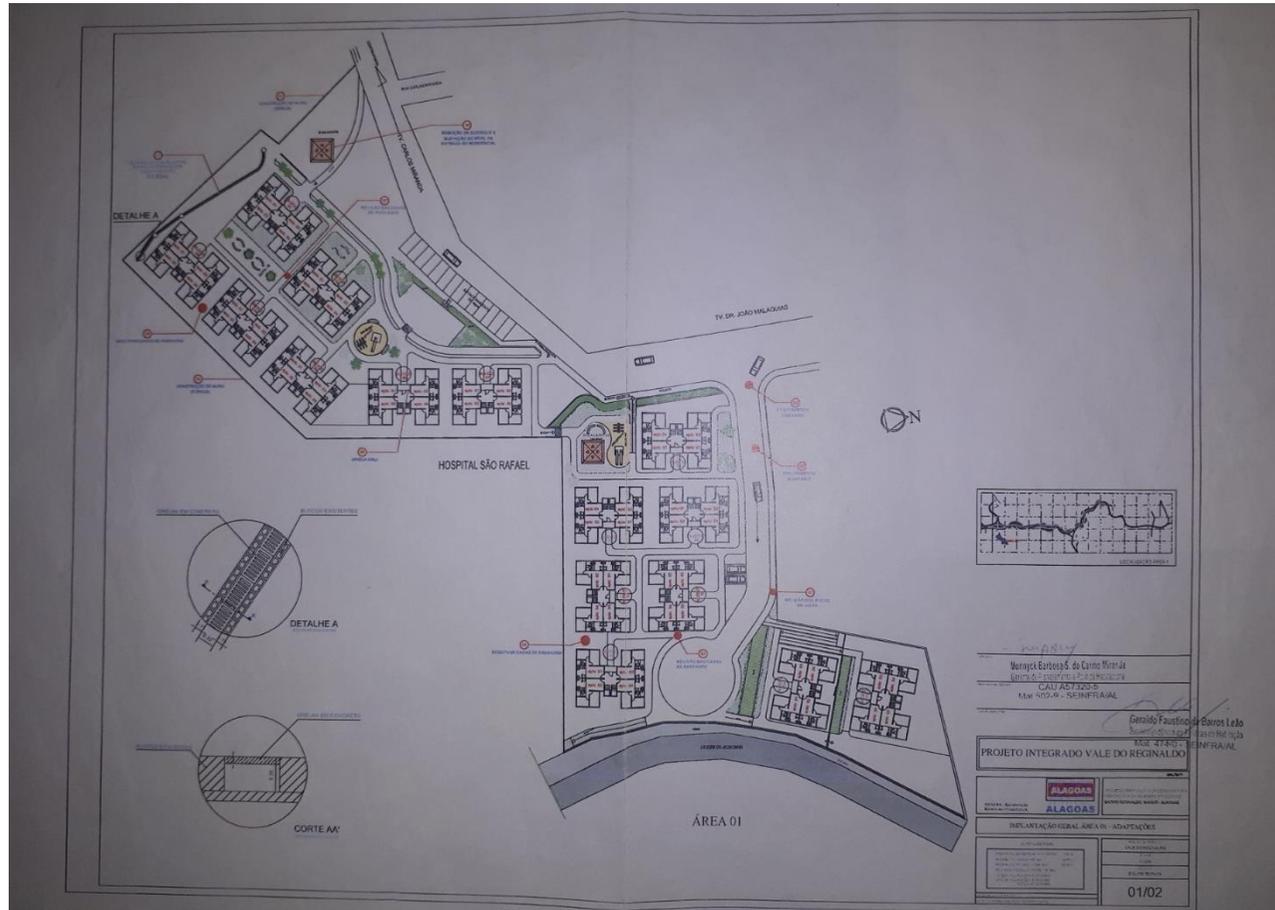
Secretaria de Estado da Fazenda de Alagoas. Programa Vida Nova nas Grotas. 2020. Disponível em: <http://www.sefaz.al.gov.br/noticia/item/2729-programa-vida-nova-nas-grotas-vence-premio-internacional-de-cidades-inteligentes>. Acessado em: 08 de dezembro de 2020.

SILVA, Alexandre Manoel Angelo da. (Org.). **Economia de Maceió: diagnóstico e propostas para a construção de uma nova realidade.** Brasília, EDUFAL: IPEA, 2013.

SIMMEL, Georg. **A Filosofia da Paisagem.** Covilhã, Universidade da Beira Interior, 2009.

ANEXOS

Anexo 1: Fotografia da planta do projeto do conjunto habitacional José Batista Almeida, 2019.



Anexo 2: Plano Local de Habitação de Interesse Social. Fonte: Prefeitura de Maceió, 2010.

